



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Soraya Maria Siqueira de Souza

**O léxico regional em Vidas Secas: subsídios para um dicionário da ficção de
Graciliano Ramos**

Rio de Janeiro

2013

Soraya Maria Siqueira de Souza

**O léxico regional em Vidas Secas: subsídios para um dicionário da ficção de Graciliano
Ramos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

R175 Souza, Soraya Maria Siqueira de.
O léxico regional em Vidas Secas: subsídios para um dicionário da ficção de Graciliano Ramos / Soraya Maria Siqueira de Souza. – 2013.
140 f.

Orientador: José Carlos Santos de Azeredo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Vidas secas – Teses. 2. Ramos, Graciliano, 1892-1953- Crítica e interpretação - Teses. 3. Língua portuguesa – Vocabulários, glossários – Teses. 4. Regionalismo na literatura - Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)(038)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Soraya Maria Siqueira de Souza

**O léxico regional em Vidas Secas: Subsídios para um dicionário da ficção de Graciliano
Ramos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 27 de março de 2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Denise Salim Santos
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Aracy, pelo incentivo, carinho e amor emanados de sábios ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e inspiração que tive para realizar este trabalho.

A todos os professores do Mestrado, que muito contribuíram com meu crescimento intelectual, em especial, ao meu orientador Professor Doutor José Carlos Santos de Azeredo, pela orientação e aprendizado, tolerância e amizade.

À minha família: esposo Maurício, filhos Maurício Filho, Álef Emmanuel e minha pequena Ana Clara, pelo apoio em todos os momentos necessários.

Aos meus irmãos: Solange e Jorge pelo incentivo e carinho a mim dedicados.

Aos meus colegas de turma, pelas trocas de experiências e convívio fraterno.

A Marinalva, Edite e Rosângela, pela convivência, amizade e companheirismo durante esta etapa da minha formação acadêmica.

Quero agradecer o apoio incondicional de Daniela, Aldecina e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a construção desta obra.

RESUMO

SOUZA, Soraya Maria Siqueira de. *O léxico regional em Vidas Secas*: subsídios para um dicionário da ficção de Graciliano Ramos. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos é considerada uma obra prima da ficção regional da Literatura Brasileira da Geração de 30. O romance é um documento sobre a vida miserável de uma família de retirantes nordestinos, que sofrem as consequências da seca no sertão. O estudo do vocabulário que permeia a trajetória dessa família gerou as bases para elaboração deste trabalho que tem como objetivo principal a formação de um glossário de termos regionais nordestinos presentes na obra em estudo, a fim de contribuir com um dicionário da ficção do referido autor. Para isso, faz-se necessário discorrer sobre a linguagem literária no Brasil a partir do Romantismo até o Modernismo. Expor a curva evolutiva da tradição regionalista brasileira, na ficção, do Romantismo até o Modernismo, enfatizando autores e obras que participaram do processo de criação e evolução do gênero em foco.

Palavras-chave: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Regionalismo. Léxico. Glossário. Literatura. Língua.

ABSTRACT

SOUZA, Soraya Mary Siqueira. *The lexicon in regional Vidas Secas*: subsidies for a dictionary of fiction of Graciliano Ramos. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Vidas Secas, by Graciliano Ramos, is considered a masterpiece of regional fiction of Brazilian Literature of the generation of 1930. The novel is a document about the miserable life of a family of northeastern migrants, who suffer the consequences of drought in backlands. The study of vocabulary that permeates the trajectory of this family originated the bases for the preparation of this work, which has as its main objective the training of a glossary of regional terms present in the work focused in this study, in order to contribute with a dictionary of the referred author's fictional and autobiographical works. For this reason it is necessary to discuss the literary language in Brazil from Romanticism to Modernism and expose the evolutionary curve of Brazilian regionalist tradition in fiction of Romanticism to Modernism, emphasizing authors and works that participate in the process of creation and evolution of the genre in focus.

Keywords: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Regionalism. Lexicon. Glossary. Literature. Language.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	PRESSUPOSTOS NORTEADORES	11
1.1	A linguagem literária no Brasil	11
1.1.1	<u>O Brasil em face do Romantismo</u>	11
1.1.2	<u>Romantismo e nacionalismo: José de Alencar</u>	14
1.1.3	<u>O Modernismo e a língua literária</u>	17
2	O REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES GERAIS	19
2.1	O termo regionalismo como conceito linguístico	19
2.2	Romantismo: gênese	20
2.3	No Realismo	23
2.4	Modernismo: grupo nordestino	26
2.4.1	<u>Ciclo da cana-de-açúcar</u>	29
2.4.2	<u>Ciclo do cacau: Jorge Amado</u>	32
3	GRACILIANO RAMOS	34
3.1	Esboço biográfico literário	34
3.2	Um depoimento do autor	36
3.3	Vidas Secas: temática e estilo	40
4	O LÉXICO EM FOCO	42
4.1	Percurso histórico do léxico	42
4.2	Considerações sobre o léxico português	47
4.3	Estudos do léxico literário brasileiro	49
4.4	Analisando o léxico em Vidas Secas de Graciliano Ramos	50

4.5	Metodologia	53
4.6	Listagem e comentários	54
	CONCLUSÕES	79
	REFERÊNCIAS	81
	APÊNDICE A - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos. Ref.: AULETE, Caldas. <i>Dicionário contemporâneo da língua portuguesa</i> . 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980	85
	APÊNDICE B - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos. Ref.: BORBA, Francisco S. <i>Dicionário de usos do português do Brasil</i> . 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.....	106
	APÊNDICE C - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos. Ref.: SILVA, Antônio de Moraes. <i>Novo dicionário compacto da língua portuguesa</i> . Lisboa: Livros Horizonte, 1980	123

INTRODUÇÃO

É unânime a opinião dos estudiosos de diversas áreas do conhecimento sobre a acentuada contribuição da cultura nordestina na construção da identidade nacional. Afinal, começou aqui a história da nação brasileira e, aqui ocorreu o ponto culminante da identidade tupiniquim, a miscigenação das raças que forjou o povo brasileiro (FREYRE, 2004). Partindo desse prisma, é inegável que as manifestações artísticas oriundas do nordeste deram liga á diversificada e rica cultura na qual cresceu e se solidificou o Brasil.

Dentre a diversidade desta produção cultural, a literatura – em particular, o romance regionalista *Vidas Secas* - por ser objeto de estudo do trabalho em andamento, terá considerações mais amiúdes, principalmente no que se refere ao papel da produção literária e sua relação com o enriquecimento e ampliação do léxico da língua materna. Estudo de alta relevância, uma vez que seu legado visa a desvelar a realidade linguística do Brasil.

Para estudar o léxico regional em *Vidas Secas*, é necessário, primeiramente, delinear critérios que permitam classificar uma obra literária como regionalista. Segundo, Afrânio Coutinho (2004) um romance para ser inserido nessa categoria, precisa pertencer a uma determinada região, e extrair o âmago desse lugar, ou seja, retratar os elementos caracterizadores desse local como: clima, topografia, flora, fauna etc., assim como elementos caracterizadores da sociedade humana como os costumes e a linguagem. É nessa perspectiva que se confere a classificação de regionalista à obra em estudo; na verdade é considerada pela crítica como obra-prima e a síntese mais bem acabada da ficção regional nordestina da Literatura Brasileira dos anos 30. O regionalismo presente em *Vidas Secas* consolida toda a fundamentação da arte regionalista uma vez que no romance, o espaço, o homem e a linguagem, formam um todo harmonioso.

Em 1934, Mário Marroquim ponderava que “não é de hoje que as livrarias estão cheias de ótimos livros a que é necessário acrescentar um glossário, para serem compreendidos em todo o Brasil” (MARROQUIM [1934], p. 13). A realização desta pesquisa tem como objetivo a formação de um glossário de termos regionalistas presentes em *Vidas Secas*, a fim de conceder elementos para a formação de um dicionário da ficção de Graciliano Ramos e também contribuir para a compreensão da obra em estudo pelos novos leitores.

Para a consecussão desse intento, vários tópicos foram elaborados em virtude da necessidade de um arcabouço teórico que norteasse a análise da obra e a escolha dos

vocábulos a serem piçados para a elaboração do glossário de *Vidas Secas*. Tarefa deveras relevante, que também contribuiu para ensejar o contexto em que a pesquisa sobre a obra, autor e temática em pauta situam-se, atualmente, no cenário nacional. Todo esse percurso, assim como o destino alcançado, encontra-se exposto nos quatro capítulos que compõem esta dissertação, assim distribuídos:

O primeiro capítulo: pressupostos norteadores focaliza a linguagem literária no Brasil. Com destaque aos dois movimentos culturais que passaram à história como fases em que se busca a identidade brasileira nos temas e na expressão linguística: o Romantismo e o Modernismo.

O segundo capítulo: o regionalismo na literatura brasileira: considerações gerais, discorre sobre o termo regionalismo como conceito linguístico; assim como sobre a trajetória do romance regionalista brasileiro, que tem início com o nacionalismo através do indígena e em seguida com o sertanista até a Geração de 30. No decorrer dessa exposição, enfatizam-se as obras e autores que contribuíram na formação do romance regionalista. Vale esclarecer que limitar esse percurso até a Geração de 30, justifica-se pelo fato de ser a fase a qual pertence à obra em estudo, contudo o romance regionalista continua evoluindo até os dias atuais.

O terceiro capítulo – apresenta o conceito de regionalismo no domínio da língua, buscando compreendê-lo na perspectiva ideológica com que se produz a imagem de uma ‘língua padrão’. Desde o momento em esse processo teve início no contexto literário brasileiro. Para isso, apresenta obras e autores que deram importantes contribuições para o conhecimento das peculiaridades lexicais do português brasileiro.

O quarto capítulo – léxico em foco, aborda o percurso histórico do estudo do léxico, algumas considerações sobre o estudo do léxico português, seguido do léxico literário brasileiro, e tem continuidade uma análise do léxico em *Vidas Secas*. Apresenta ainda um relato da vida de Graciliano Ramos e sobre sua visão sobre a contribuição da literatura nordestina em seu tempo. Trata também de alguns pormenores da obra, e finaliza com a metodologia usada para a organização do glossário bem com a apresentação deste, que é composto por 84 verbetes extraídos da obra em estudo.

Por fim, são apresentadas as conclusões bem como as referências bibliográficas consultadas para a consecução do objetivo proposto no início do trabalho.

1 PRESSUPOSTOS NORTEADORES

1.1 Linguagem Literária no Brasil

As primeiras manifestações literárias em território brasileiro foram escritas exatamente na mesma língua que servia de meio de expressão aos autores portugueses dos séculos XVI e XVII. O Brasil não teve um período de trovadorismo no qual se pudesse identificar um esforço de afirmação de uma literatura veiculada numa língua própria. O período colonial de nossa história literária é, em parte, um apêndice da história literária de Portugal. A rebeldia do primeiro grande nome da literatura no Brasil, Gregório de Mattos, não afetava a expressão linguística, que se manteve rigorosamente dentro dos padrões lusitanos. Tampouco se pode dizer que os autores neoclássicos envolvidos com a Conjuração Mineira, como Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa tenham se rebelado contra a língua da metrópole.

1.1.1 O Brasil em face do Romantismo

O Romantismo pode ser considerado o movimento estético dos tempos modernos, tendo se manifestado em todos os domínios da arte e se estendido à religião, à política, enfim a toda à sociedade, inclusive à língua, matéria de que se valem os escritores na construção do texto literário.

De origem alemã, o movimento apresenta características que remetem a paisagens selvagens, montanhosas, solitárias, que se traduzem em “fuga à realidade social, de busca de um refúgio solitário, em colóquio com a natureza, capaz de nos conduzir às fontes puras que nos haviam gerado em nossa autenticidade primitiva”. (ELIA, 1985, p. 132).

Em primeiro momento, estende-se pela Europa, nos séculos XVIII e XIX, manifestando-se contrário aos padrões clássicos dos movimentos anteriores, tem no “relativismo” uma característica que o distingue das escolas literárias que o precederam. Apresenta uma filosofia que cultua o direito a uma vida e a uma língua nacionais, e à poesia como idealização nacional. Do relativismo romântico, os países latinos incorporaram a

liberdade, bifurcada em: liberalismo e nacionalismo. Em terras brasileiras, ambos foram representados nas manifestações indianistas e no individualismo exagerado.

Reitera-se, que o campo da linguagem também sofreu a influência romântica que varria o velho mundo e contou com o amparo de Humboldt cujas teorias linguísticas “tinham a marca do Romantismo na sua aversão ao estático, ao definitivo, ao absoluto e na sua preocupação de inserir os fenômenos da linguagem no fluxo irreversível da ação, da energia criadora e contínua”. (Ibid). Nos estudos linguísticos dá-se espaço para a espontaneidade das produções populares, à concepção romântica da língua ser “propriedade do povo”.

No Brasil, os ideais do movimento romântico encontram sintonia com a atmosfera que vigora no país com as mudanças socioculturais advindas com a vinda da família real, bem como pela busca por uma autonomia intelectual, após a independência política, em 1822. Como atestam as características estéticas propostas pelos românticos e elencadas por Leão ([s.d]):

- a busca de inspiração no passado nacional, uma das constantes do Romantismo, encontrava eco na necessidade de afirmação do novo país independente;
- a valorização do folclórico e do popular respondia ao desejo de transformar os padrões culturais, assimilando a contribuição dos segmentos marginalizados da sociedade;
- o mito do bom selvagem corrobora a ideia de que, dos componentes do nosso povo em formação, o melhor e o mais nobre não era o português, mas sim o índio;
- o culto da natureza só exigia do poeta que abrisse as janelas: lá estavam o mar, as montanhas, a floresta, formando um quadro romântico digno de Chateaubriand, embora não exótico para o escritor brasileiro;
- até a inspiração na Idade Média, obviamente improdutiva em termos de Brasil, tinha a vantagem de transportar-nos a uma época anterior ao descobrimento, quando tudo devia ser melhor (como convém à realização romântica), pela simples razão de que não existia o português.

Percebe-se, diante dos fatos, que o Romantismo no cenário brasileiro encontra uma conjuntura social e política que se coaduna com as pretensões do movimento literário vigente, pois os temas da terra são instaurados em definitivo na literatura brasileira no século XIX. O que não significa que antes dessa fase não tenha havido produções literárias voltadas para a

cultura do país. Notifica-se que, nesse sentido, até o momento havia apenas produções esparsas que não apresentavam continuidade, linguagem adequada e a organização necessária à caracterização da literatura de uma determinada cultura. Na concepção de Afrânio e Eduardo Coutinho (2004, p.172):

A questão da língua literária, que críticos e historiadores da literatura andaram entre nós negligenciando, é tema que não se pode desvincular de uma visão evolutiva e tanto quanto possível compreensiva das letras de qualquer país. À ideia geral de que a literatura é arte verbal e conseqüentemente produto linguístico por excelência junta-se nas noções de início colonizadas, cuja literatura se constrói na língua dos colonizadores e por atividade deles próprios ou de naturais caudatários de suas culturas, a convicção logo convertida em fato de que a primitiva forma de expressão há de adaptar-se ao novo ambiente e a uma realidade que aos poucos se vai impondo.

Praticamente, todos os autores românticos do contexto nacional, puseram em prática as inovações linguísticas e temáticas empregadas a partir das características do novo estilo literário. Gonçalves Dias e José de Alencar são considerados seus maiores expoentes.

No que se refere a Gonçalves Dias, mesmo tendo estudado em Coimbra e figurado entre os grandes da gramaticografia lusa, o autor defende a necessidade de haver adaptações da tradição linguística portuguesa às peculiaridades do meio americano. Em uma antologia de textos teórico-críticos sobre o português brasileiro, organizada por Edith Pimentel Pinto (1978), encontra-se uma correspondência de Gonçalves ao Dr. Pedro Nunes Leal na qual fala da dilatação do vocabulário nacional graças aos termos indígenas e africanos; atenta para a formação de linguagens adequadas ao modo de vida de: pescadores, vaqueiros e mineiros. Na missiva, faz um desafio aos romancistas brasileiros para que recriem esses tipos e personagens com suas linguagens características, que estas no futuro serão clássicas e terão a atenção de “outro Moraes”. No final, resume em alguns itens seu pensamento central (ibid, p.33-38):

- A minha opinião é que, ainda sem o querer, havemos de modificar altamente o português;
- Que uma só coisa fica e deve ficar eternamente respeitada: a gramática e o gênio da língua;
- E que enfim o que é brasileiro é brasileiro, e que cuia virá a ser tão clássico como porcelana, ainda que não a achem tão bonita.

1.1.2 Romantismo e nacionalismo: José de Alencar

A renovação, no Brasil, da língua literária só se torna objeto de um programa no Romantismo. Nas palavras de Flora Süssekind (1994, p. 458) “É de fato com o romantismo e, sobretudo desde meados do século XIX, que se procura fixar uma língua literária brasileira.”. Por um lado, a independência política inspirava o anseio de romper com a tradição portuguesa em vários níveis – entre eles o da expressão literária –; por outro, o cardápio temático e estético do Romantismo – que valorizava o nativo, o peculiar, o original, o popular em detrimento, respectivamente, do estrangeiro, do universal, do canônico, do aristocrático – encontrou no Brasil um ambiente propício ao desenvolvimento de um projeto de afirmação nacional ¹.

José de Alencar foi o principal realizador dessa obra. Procurando retratar a vida brasileira no campo, na selva e na cidade, elaborou, a despeito da visão idealizadora própria da Escola, uma literatura de ficção em que a paisagem, os costumes, os tipos brasileiros ganharam espaço em nome de um programa de realização literária sistemático, inaugurado com Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A Moreninha*. O gênero em que se exprimiu artisticamente – o romance – triunfou no Romantismo devido às peculiaridades da sociedade que se organizava nos grandes centros urbanos a partir do segundo quartel do século XIX. ²

Recém-saído o Brasil de um período de vassalagem política, literária e cultural, nossos escritores que aspiravam a uma renovação da expressão linguística enfrentaram o obstáculo representado por forças conservadoras, tanto nacionais quanto lusitanas, que apregoavam um culto nostálgico à época de ouro da literatura portuguesa e à tradição

¹ “A Independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir um nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura *independente, diversa*, não apenas *literatura*, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portugueses, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção [...] de atividade intelectual não mais apenas como prova de valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica na construção nacional.” (CÂNDIDO, 1964, p. 11).

² “O advento da burguesia[...] criava novos problemas de ajustamento da conduta. E ao definir uma classe mais culta, irrequieta e curiosa, (ao contrário da rude obtusidade das elites rurais), determinava condições objetivas e subjetivas para o desenvolvimento da análise e o confronto do indivíduo com a sociedade. Acompanhando de perto as vicissitudes do nacionalismo literário, e atendendo de certo modo às necessidades e aspirações desta nova classe, o romance se desdobra desde logo numa larga frente, que não cessaria de se ampliar e refinar”² (Idem, *ibidem*, p. 13).

linguística com ela identificada. Alencar reagiu repetidas vezes às críticas que lhe foram feitas, sempre justificando suas inovações, ora em nome das qualidades do estilo, ora à luz da tradição escrita clássica e do perfil estrutural da língua. Assim é que, estimulado pelo ideário político e romântico, mas freado pelo que certamente reputava como responsabilidades intelectuais e cívicas, empenhou-se em provar que inovava com um pé nas fontes clássicas e pré-clássicas da língua e com outro no compromisso de escrever numa língua em que a sociedade a que se dirigia e da qual falava pudesse identificar a própria personalidade cultural. Com efeito, no pós-escrito ao romance *Diva*, escreveu:

Compromete-se o autor, em retribuição desse favor da crítica, a rejeitar de sua obra como erro toda aquela palavra ou frase que se não recomende pela sua utilidade ou beleza, a par da sua afinidade com a língua portuguesa e de sua correspondência com os usos e costumes da atualidade; porque são estas condições que constituem o verdadeiro *classismo*, e não o simples fator de achar-se a locução escrita em algum dos velhos autores portugueses.³

Seu ideal de língua literária acha-se resumido noutra passagem do referido pós-escrito:

A língua literária, escolhida, limada e grave, não é por certo a linguagem seduçã e comum, que se fala diariamente e basta para a rápida permuta das ideias: a primeira é uma arte, a segunda é simples mister. Mas essa diferença se dá unicamente na forma e expressão; na substância a linguagem há de ser a mesma, para que o escritor possa exprimir as ideias de seu tempo, e o público possa compreender o livro que se lhe oferece.⁴

Alencar, com efeito, foi fiel ao conceito de língua literária que formulou nesta passagem, e em nenhum momento fez concessão a uma dicção coloquial e distensa. Sua retórica literária, calcada na comparação, no símile, na metáfora, tem uma impositação solene, formal, respaldada na seleção do vocabulário, sempre culto, às vezes precioso e arcaizante, e no disfarce sutil da polidez da expressão e dos eufemismos. As *ousadias* linguísticas de Alencar não chegaram a ser radicais como fez crer a celeuma em cujo nome se escreveram páginas e páginas de ‘questões filológicas’ e pós-escritos. A contribuição de Alencar está em ter ele produzido uma obra que consumaria o prestígio do romance como gênero literário entre nós, e em ter esgotado de forma brilhante o que o Romantismo haveria de fazer pela literatura brasileira. A originalidade do estilo de Alencar, fulcrado em imagens e símiles

³ ALENCAR, 1977, p. 171.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 169.

inspirados numa visão mítico-idealizadora da natureza americana, tem seduzido gerações de leitores que nele identificaram o mais brasileiro de nossos romancistas do século XIX. Além disso, o Romantismo tinha proposta antiacadêmica e anticlássica. Talvez por isso, “as gerações modernistas e pós-modernistas – no sentido em que empregamos a expressão desde 1922 – estão muito mais próximas de Alencar que a dos seus sucessores imediatos”⁵

O ideal de uma solução dialética para a língua literária brasileira seria mais tarde defendido também por Machado de Assis na última parte – A Língua – do célebre artigo intitulado “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”⁶. Sabemos, porém, que no período que se segue à fase destes dois depoimentos, mais exatamente as duas últimas décadas no século XIX, entrariam em cena alguns atores que, sem serem romancistas ou poetas, acabaram tornando-se arautos da reação ao projeto *brasileirista* dos românticos. O Brasil vivia a transição do regime imperial para a experiência republicana e se imaginava ingresso em um tempo de modernidade institucional, cujo modelo ainda era, porém, a Europa. A figura de Rui Barbosa acabou encarnando esse ideal purista e relusitanizante, que o levou a travar com gramáticos dura batalha para provar quem era capaz de ostentar maior número de relíquias – ou, como preferiam dizer – *louçanias* da língua. Curiosamente, a boa literatura continuava a ser produzida ao arrepio dessa querela, que muitas vezes confundiu qualidade literária com ornamentação retórica do discurso, e linguagem literária com conservadorismo gramatical. Basta registrar que o melhor da ficção de Machado de Assis, produzido exatamente nessa fase, não foi contaminado por ela.

Em todo o caso, é nesse embate que se forja a primeira imagem de uma expressão escrita para os chamados ‘altos produtos do pensamento nacional’. Obras diversas são produzidas para ensinar a escrever segundo esse espírito conservador, e não se faz qualquer distinção entre escrever literatura e escrever obras de ensaísmo em geral. Nessa época, tomava-se a expressão “língua literária” ao pé da letra, como o equivalente de língua escrita. Desse modo, a língua literária, supostamente uniforme na concepção idealizadora dos filólogos e gramáticos, era o modelo de toda a escrita. A tese de uma diferenciação inevitável entre os usos brasileiro e europeu da língua portuguesa era partilhada por muitos filólogos e gramáticos, mas esse reconhecimento não foi capaz de afetar o consenso sobre a ‘unidade de uma expressão escrita’ comum a Brasil e Portugal, comprovada especialmente na sintaxe de autores como Rui Barbosa – brasileiro – e Camilo Castelo Branco – português. Até pelo

⁵ Lima, Alceu Amoroso. “José de Alencar, esse desconhecido?” (ALENCAR, 1965, p. 71).

⁶ Assis, J. M. Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”. (ASSIS, 1962, p. 801-9).

menos os anos 50, os autores de obras didáticas e gramáticas escolares estigmatizavam as inovações da expressão linguística da moderna literatura brasileira. E mesmo algumas pesquisas ‘bem intencionadas’ minimizaram a representatividade dessas inovações⁷.

1.1.3 O modernismo e a língua literária

A preocupação com a nacionalidade literária e o viés antiacadêmico são, porventura, os elos que ligam, a Alencar e aos românticos, a geração que a partir de 1922 estremeceria o panorama artístico e literário brasileiro, desta vez com um ímpeto muito mais radical, tanto nas palavras quanto nas ações e nas realizações. A preocupação agora não era mais com o vestígio colonial, mas com o percurso do projeto literário brasileiro. O Modernismo radicalizou, em proveito de nossa identidade literária, as propostas românticas, incorporando ao veículo da literatura vocábulos, expressões, construções antes marginalizadas como “indignos da gente educada” ou “estranhos à vernaculidade do idioma”.

O Movimento Modernista (expressão que, conforme a vontade de M. de Andrade deve designar o elenco das obras efetivamente renovadoras que se produziram em vários pontos do país a partir de 1922, mais do que o conjunto de ações irreverentemente ruidosas da respectiva Semana de Arte Moderna) ampliou e consolidou o programa romântico de culto à liberdade de expressão linguística. Tenhamos presente, porém, uma diferença fundamental entre os dois movimentos: o Romantismo defendia um Brasil nativo em oposição a um Brasil pintado com tintas europeias; o Modernismo opunha um Brasil multicultural, multirracial, democrático e moderno a um Brasil monocultural, aristocrático e arcaico. Resgatando de certo modo o projeto romântico, o Modernismo se insurgia contra a solenidade e o elitismo da expressão literária cultivados no cenário da Primeira República e pregava a máxima liberdade para o uso artístico da língua, superando o vínculo entre uso literário e modalidade escrita. Os poetas, especialmente, buscaram caminhos variados em que se destaca a legitimação literária da língua falada. A prova disso está na extraordinária pluralidade de faces linguísticas adotada pela literatura brasileira no curso de todo o século XX. A revolução capitaneada por Mário e

⁷ Raimundo Barbadinho Neto, que pesquisou a expressão literária modernista no Brasil, conclui que “O sistema da língua do Brasil, no seu conjunto, ainda é o mesmo da de Portugal, sem embargo das leves diferenças de norma e da nítida existência de um estilo nacional americano e um estilo nacional português. (BARBADINHO NETO, 1972, p. 143).

Oswald de Andrade teria desdobramento algumas décadas depois na inventividade lexical e sintática de Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas*), de José Cândido de Carvalho (*O coronel e o lobisomem*) e de Manoel de Barros (*Gramática expositiva do chão*). Na pena de Oswaldo França Júnior (*Jorge, um brasileiro*) e João Ubaldo Ribeiro (*Sargento Getúlio*), a dicção oral da narrativa se sustenta em construções e formas que a tradição do ensino escolar sempre estigmatizou. Por sua vez, um vasto grupo, cujo estilo não se destaca por traços mais fortes de singularidade linguística, reúne os autores empenhados em contar histórias ou ‘dar seu recado’. A grande maioria ambienta suas narrativas no espaço urbano, com preferência pelo foco em questões sociais e políticas do período da ditadura militar no país. Trata-se dos que escolhem a via pela qual a língua da literatura e a do jornal se tocam e às vezes se confundem, seja como reportagem, seja como crônica, seja como ficção. Alguns de seus representantes são Antônio Callado, Carlos Heitor Cony, Rubem Fonseca e Antônio Torres.

Se for verdade que o Modernismo constituiu uma busca crítica coletiva, embora não necessariamente homogênea, de uma identidade nacional – fato que o irmana ao Romantismo – a fase que a ele se segue, seja como movimento de algum grupo seja como pura produção individual, já não revela, todavia, aquela preocupação. Foi como se a questão da identidade linguística e literária tivesse saído temporariamente de cena.

2 O REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA: CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1 O termo regionalismo como conceito linguístico

Segundo a Enciclopédia Mirador Internacional, “Entre os diferentes significados assumidos pela denominação ‘regionalismo’ na teoria literária e na história da literatura, o mais corrente e menos impreciso, particularmente no Brasil, refere-se a toda criação, seja ficcional ou poética, que evidencie – em sua linguagem (sintaxe, vocabulário, prosódia), em sua ambiência (geográfica, histórica, social) ou na tipologia, comportamento e situação de seus personagens – a presença notória e condicionante das características dominantes de uma região determinada”. O conceito de regionalismo só pode ser estabelecido, portanto, em confronto com outro que se sobrepõe a ele como expressão do caráter nacional, do conjunto dos traços comuns à comunidade nacionalmente considerada. Em nações como o Brasil, formadas pelo processo da colonização europeia, esse contraponto é produzido pela ideia que a própria elite dominante faz da sua cultura e da língua que pratica, sobretudo na modalidade escrita. Essa cultura da elite passa a ser a representada nos livros como o modelo da boa educação e a língua que a expressa, o modelo de expressão nas leis, nas obras literárias, nos textos que regulam o comércio, a atividade política e a administração pública. Nossos dicionários em geral fornecem o retrato dessa ‘língua comum’, na medida em que, pela marca de uso *Regionalismo*, assinalam certos usos como exclusivos ou típicos de dada região geográfica.

Desde o Romantismo, muitos escritores brasileiros, empenhados em produzir uma literatura singularmente brasileira, buscaram nas regiões mais afastadas dos centros urbanos os ambientes, os temas e os tipos humanos propícios à elaboração de suas tramas ficcionais. De um modo geral, o olhar que lançaram para esses espaços e figuras punha em relevo o pitoresco, quando não o bizarro, e praticamente reforçavam a condição marginal da cultura e da expressão verbal dessas comunidades. Não foi este o caminho escolhido por Graciliano Ramos ao construir os personagens da família que se move no enredo de *Vidas Secas*. Não há no discurso desse romance nenhuma tentativa de retratar com realismo a linguagem que os personagens empregam no seu cotidiano, até porque esses personagens só muito raramente aparecem na cena fazendo uso da palavra. Os vocábulos e expressões característicos do uso nordestino entram nesse texto como componentes do próprio estilo do narrador e tomam parte

da língua da literatura segundo a concepção de Graciliano Ramos testemunhada no depoimento transcrito posteriormente.

2.2 Romantismo: gênese

Para falar de regionalismo literário é importante iniciar o assunto tratando do conceito. Segundo o dicionário da língua portuguesa Aulete Digital, em se tratando de literatura, no verbete regionalismo tem-se: “Caráter da obra literária que se volta especialmente para a caracterização dos costumes e tradições regionais”; já para Antônio Houaiss (2009) é o “caráter do texto literário que se baseia em costumes e tradições regionais, e que tem como uma de suas características o uso de linguagens locais”.

A partir destes conceitos podemos classificar como regionalista toda obra literária de ficção que tem caracterizada em seu enredo alguma das regiões brasileiras como espaço da narrativa e apresenta linguagem condizente com a região retratada. A partir desses aspectos, será destacado o livro *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos.

É importante também fazer uma rápida investigação acerca da ficção literária brasileira a fim de encontrar as origens da prosa regionalista. O Romantismo será o ponto de partida por ser a partir deste período que o país tem uma literatura genuinamente brasileira, e também, por ter sido o período literário em que surgiu o romance regionalista. A trajetória acerca dos períodos literários será apenas para demonstrar o processo de criação e evolução do gênero em foco, para isso serão citados autores e obras relevantes produzidas nesse contexto.

O Romantismo como estética literária nasceu na Europa, em um momento político em que fervilhavam os ideais revolucionários de igualdade, fraternidade e liberdade que se refletiram na arte, de um modo geral, através de uma ruptura com a rigidez das regras até então impostas seja da métrica, dos temas ou da língua.

Sabe-se que o movimento romântico representou uma verdadeira revolução cultural em vários campos da arte, da economia, enfim da sociedade como um todo. Na literatura predominou o sentimentalismo, a expressão do eu, sentimento de amor à pátria. No Brasil, o movimento teve como pano de fundo a luta pela independência, fato que desenvolveu uma forte tendência ao nacionalismo.

O nacionalismo romântico na prosa ficcional surgiu, inicialmente, com o indianismo, muito bem caracterizado na prosa por José de Alencar em *O Guarani e Iracema*, e na poesia

por Gonçalves Dias. Ambos produziram obras que representaram o auge do indianismo romântico. “O indianismo constituiu, por conseguinte, a primeira forma de criação ficcional integralmente nacionalista e encontrou sua realização mais ampla e completa no romance de Alencar”. (ALMEIDA, 1981, p.28).

José de Alencar, envolvido com o sentimento nacionalista de exaltação à sua terra, coloca o índio como herói em seus romances para representar a figura dos cavalheiros europeus. É uma figura idealizada que exalta as virtudes dos heróis medievais. O indianismo no romance brasileiro é semelhante ao medievalismo europeu. Em *O guarani e Iracema*, Alencar idealiza a figura do índio como herói para representar as raízes nacionais.

José de Alencar escreve também *Ubirajara*, obra que surge no momento em que as fontes de expressão do índio como herói mítico se esgota. À medida que o engrandecimento da figura do indígena vai se desgastando, aparece o sertanista, homem simples que vive em regiões afastadas dos centros urbanos e, que será tratada nos romances como fonte de expressão nacional. Ou seja, o sertanejo assim como o índio representa o sentimento de nacionalismo.

Com o sertanismo, a consolidação da identidade nacional passa a ser mais significativa por tratar-se de uma realidade brasileira. Alencar, comprometido com a estética literária de seu tempo, não mede esforços para dar sua contribuição a fim de engrandecer a cultura do seu país, seguindo os mesmos parâmetros da Europa. Envolvido com a nova temática, publica na década de 70 *O gaúcho* (1870), *O tronco do ipê* (1871), *Til* (1872) e *O sertanejo* (1875).

O tronco do ipê e *Til* são romances que ocorrem na zona rural, mas abordam temáticas que dizem respeito aos centros urbanos. *O gaúcho* e *O sertanejo* são obras que retratam com maior exatidão essa nova maneira de enaltecer as raízes históricas da pátria.

O sertanista passa a representar com maior autenticidade os ideais de nacionalismo, pois era mestiço, vivia em áreas distantes dos grandes centros onde a influência do estrangeiro era menor, sendo assim pode-se entender que possuía características de tradições, costumes, língua que traduzisse genuinamente o país que buscava descobrir sua identidade.

O sertanejo escrito por Alencar é uma obra que retrata o sertão nordestino, sendo por esse motivo considerada regionalista, apesar de que esse regionalismo expresso pelo autor não tinha a mesma intenção dos escritores do Realismo, José de Alencar tem como foco o engrandecimento do homem do sertão com a intenção de criar um herói mítico que pudesse representar o país, seguindo o modelo europeu.

Alguns críticos literários, como é o caso de Nelson Werneck Sodré, atribuem ao sertanismo, cultivado pelos românticos, sobretudo por Alencar e Franklin Távora, o papel de estágio precursor do regionalismo realista. Segundo Almeida (1981, p. 49), na evolução do romance regionalista na literatura brasileira a contribuição de Alencar faz-se através de *O gaúcho* e *O sertanejo*, sendo que indubitavelmente é em *O sertanejo* que temos os auspícios do regionalismo literário, embora as intenções do autor sejam a de criar um herói mítico que corresponda aos anseios de afirmação nacional. Em *O gaúcho*, José de Alencar foi muito criticado por Franklin Távora, que não poupou palavras para fazer reparos desabonadores ao romance alencariano.

Vale esclarecer que tais obras foram produzidas com o intuito de expressar o nacionalismo literário tão necessário para a estética romântica da época, apesar de serem consideradas por alguns críticos como precursoras do regionalismo, que se desenvolverá com maior nitidez no Realismo e prevalecerá na literatura brasileira.

A década de 70, época em que foram publicadas as obras de José de Alencar citadas acima, constitui-se em um período de conflitos nos campos histórico, político e social, que ocasionaram diversas mudanças no plano cultural. As ideologias vivenciadas pelos escritores da estética romântica iniciam um processo de enfraquecimento, é um período de transição. Todo esse desgaste ficou mais evidenciado na poesia com a morte de Castro Alves, em 1871, e a assimilação de novos valores ideológicos, que deu lugar à ascensão do Parnasianismo.

Na ficção romântica, observa-se que as reformas intelectuais agem mais lentamente, por encontrar ainda um ideal romântico bastante resistente, representado por José de Alencar, um exímio conservador de seus ideais, juntamente com Bernardo Guimarães, que estreou como romancista somente em 1869, seguindo os moldes românticos. Contudo, à mesma década de 70 surge um grupo constituído por Franklin Távora, Visconde de Taunay e Machado de Assis, que assimilam as novas tendências, embora presos ainda ao Romantismo, deixam transparecer em suas obras alguns indícios de mudanças, que davam pressupostos para servir de transição para a nova concepção estética: o Realismo.

Primeiramente, surgiram críticas dirigidas para a obra *O gaúcho* e em seguida para *Iracema*. Tais críticas foram publicadas no Rio de Janeiro, em 1871, no jornal “Questões do Dia”; Távora assinava com o pseudônimo de Semprônio e as enviava a Cincinato (José Feliciano de Castilho, diretor do jornal).

As censuras de Franklin Távora dirigidas a José de Alencar tinham como fundamento a observação em detrimento da imaginação. É nesta percepção que escreve “Literatura do Norte” formado pelos romances *O cabeleira*, *O matuto*, *Lourenço*, *Um*

casamento no arrabalde. O autor não conseguiu conquistar o público leitor de sua época, seus romances enfatizavam o fator histórico sem acrescentar a ficção, limitava-se às observações, com isto sua obra não obteve sucesso, mas desempenhou um importante papel na formação do romance regionalista, e deve ter sua contribuição reconhecida.

Visconde de Taunay obteve êxito ao escrever *Inocência* (1872), considerado o único romance exclusivamente regionalista do período de transição. Na obra, a natureza é reproduzida com exatidão e sensibilidade, o autor observa e descreve a paisagem do sertão mato-grossense de forma acentuada, mas sem o tom épico tão comum em *O sertanejo*, de Alencar. Taunay, ao demonstrar preocupação em registrar o meio ambiente com precisão e objetividade, torna evidente seu distanciamento do Romantismo e anuncia a estética literária seguinte, sendo assim um representante da literatura de transição.

As descrições em *Inocência* têm valor informativo, repassa ao leitor conhecimentos sobre o sertão, fugindo das normas do Romantismo. A narrativa ocorre em um meio inculto, com personagens também incultos, onde, em conjunto com elementos da realidade sertaneja (a natureza, os costumes com relação à família, à mulher, ao casamento e à hospitalidade), enquadram a obra como regionalista.

2.3 No Realismo

O período de transição, representado por Távora e Taunay, serviu de ponte para a nova estética que emergia no início da década de 80. No Brasil, o Realismo e o Naturalismo tiveram início em 1881 com as publicações de *O mulato*, de Aluísio de Azevedo, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, obras que servem de marco para o novo momento literário.

O Realismo e o Naturalismo tiveram sua origem na França, na segunda metade do século XIX, em um momento de grandes transformações sociais, políticas e econômicas causadas pela revolução industrial e pelo avanço científico, que desencadearam uma série de mudanças na sociedade europeia, propiciando o surgimento de novas teorias ideológicas e filosóficas que serviram de sustentação à era literária que se iniciava.

As teorias tinham diferentes normas, entre elas, podemos citar o positivismo de Augusto Comte, o qual analisava a realidade através das observações e das constatações racionais, defendendo o cientificismo; o evolucionismo, de Charles Darwin, defendia a tese de

que o homem descende de animais inferiores; o determinismo, de Hipólito Taine, defendia que o homem era determinado pelo fator hereditário e pelo meio, e o Marxismo, de Karl Marx, acreditava na socialização como forma de acabar com a sociedade capitalista.

A Europa entrava numa das etapas mais importantes de sua evolução histórica, e o Realismo refletia toda essa metamorfose, voltado para a observação direta e objetiva da realidade. O romance, forma literária mais cultivada desse período, retrata a observação minuciosa, sendo o mais verossímil possível em oposição ao idealismo, subjetivismo e sentimentalismo exagerado do Romantismo. A origem do Realismo na literatura é marcada com a publicação, em 1857, do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e o Naturalismo, em 1880, com a obra *Le Roman experimental*, de Émile Zola.

No Brasil, as duas tendências surgem paralelamente sob a influência de Eça de Queiroz, como também de Flaubert e Zola. Os escritores brasileiros adaptaram com desenvoltura as ideologias positivistas e deterministas em seus romances. A produção literária dessa época era caracterizada pela objetividade e racionalismo, pela análise do mundo material e pelo comportamento humano e, para isso, o foco era a vida contemporânea do autor. Isso é perceptível em obras como: *A carne*, Julio Ribeiro; *O cortiço*, Aluisio Azevedo; *Bom crioulo*, Adolfo Caminha; *O missionário*, Inglês de Sousa, entre outros.

No contexto histórico desse período, no Brasil surge uma burguesia urbana em detrimento ao antigo predomínio das classes rurais, presentes no grupo sertanistas do Romantismo. Mediante esse fato, o Realismo e o Naturalismo, estéticas essencialmente citadinas, encontram pressupostos para sua implantação. Contudo, vale esclarecer que, apesar da maior parte dos romances produzidos nesse período, ocorrerem no Rio de Janeiro, por ser a metrópole, o centro político e cultural do país; a província também servia de cenário para a nova estética: *O mulato* passa em São Luís, *A normalista* em Fortaleza, *O Coronel Sangrado* em Óbidos, *O missionário* em Silves. Mediante as ocorrências de romances com cenários provincianos, veremos mais uma etapa da evolução do romance regionalista.

O Naturalismo brasileiro, com suas ideologias, o seu empenho em retratar com objetividade a sociedade de seu tempo, destacando tipos humanos e injustiças sociais, absorveu com precisão a tese determinista que diz ser o homem produto de sua herança genética e de seu meio social.

Depois da Abolição da escravatura, o prejuízo na economia rural é visível, a chegada de imigrantes de diversas culturas foi outro fator que provocou o deslocamento do cenário dos romances para o ambiente rural; os autores estavam empenhados em resgatar a força da economia que vinha do campo e preocupados com a integridade das culturas regionais, que

podiam sofrer influência dos imigrantes. O Naturalismo brasileiro, centrado na teoria determinista, abre precedentes para a continuidade da evolução do romance regionalista.

Podemos observar no decorrer desta exposição que, primeiramente, essa mudança de cenário cidade/campo ocorreu no Romantismo, em que o grupo denominado sertanistas evade-se para o ambiente rural, mas expressa sua narrativa ambientada no campo de forma idealizada. No Realismo, ocorre também a mudança cidade/campo, porém os autores têm outra visão de mundo, envolvidos pela teoria determinista, e os naturalistas revelam a realidade integralmente: os tipos humanos, o homossexualismo e o adultério.

A ficção regionalista do Realismo mais significativa trata-se de *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel Oliveira Paiva, não se pode precisar quando foi concluída, mas presume-se que tenha sido em 1891. Levando em consideração o tempo cronológico, faz-se necessário citar também *A fome*, de Rodolfo Teófilo em 1890 e *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio. Em relação ao romance de Rodolfo Teófilo, trata-se de um dos primeiros romances a expor o tema da seca e do êxodo, o enredo ocorre durante a seca de 1877-78, em Fortaleza. Esteticamente, a obra de Teófilo não é tão valorizada, mas é considerada como importante documento estético e literário da época.

A obra do Naturalismo que contribuiu para o regionalismo literário foi *Dona Guidinha do poço*, de Oliveira Paiva. A narrativa conta a história de Margarida Reginaldo de Oliveira Barros, Guidinha, como era chamada; que herdou de seu avô Reginaldo Venceslau de Oliveira, terras, gados, ouro e escravos, tornando-se uma mulher poderosa, rica e valente. Casou-se com o Major Joaquim Damião de Barros e foram morar na fazenda Poço da Moita, cenário onde se desenrolam os fatos. É onde, também, Margarida hospeda o sobrinho de seu marido, Luís Secundino de Sousa Barros, com quem se envolve. Ele, na verdade, estava se refugiando na casa do tio porque estava sendo acusado de matar seu padrasto. O esposo de Guidinha, o Major Quinquim Damião, como era conhecido, desconfiado do caso entre os dois, resolve expulsar seu sobrinho da fazenda. Irritada com a atitude do marido, a esposa contrata alguém para matá-lo. O major é assassinado, Guidinha é acusada de ser a mandante do crime, porém, apesar da Justiça não encontrar provas suficientes contra a viúva, para a população, ela ficou sendo considerada a assassina do esposo.

Dona Guidinha do poço, de Manuel de Oliveira Paiva, é um romance considerado naturalista, por tratar de assuntos como o crime, o adultério, desigualdade social, vingança e ódio, que se encaixam nas teorias deterministas e positivistas que sustentam as bases do Naturalismo. No entanto, trata-se da obra mais representativa do regionalismo da fase Realismo/Naturalismo brasileiro, juntamente com *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio.

2.4 Modernismo: grupo nordestino

A década de 20 concedeu mais uma contribuição para delinear o regionalismo brasileiro que temos hoje. Nesse período registramos o empenho do sociólogo Gilberto Freyre, autor de *Casa-grande e senzala*, líder da campanha de revalorização das tradições regionais que estavam ameaçadas de desaparecimento devido à situação que o Nordeste vinha passando. No decorrer da campanha, temos em 1924, a organização do livro *Nordeste* e em 1926, a criação do Centro Regionalista e a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo.

Observando a contextualização histórica da região Nordeste, que em princípio passou por uma fase de prosperidade, tinha a economia concentrada basicamente na lavoura da cana-de-açúcar que fez do Nordeste o polo econômico mais importante do Brasil até o século XVIII. Era formada por uma sociedade patriarcal, latifundiária, sustentada pelo trabalho escravo. Essa circunstância oportunizou a formação de valiosa tradição cultural que se manifestou nas artes, no folclore e na culinária.

Desde fins do século XVII, começa outra fase vivida pela região Nordeste, que enfrentava sérios problemas com a cultura canavieira, entre eles o deslocamento dos recursos financeiros para o centro sul, devido à descoberta do ouro e dos diamantes. Tais acontecimentos marcam o início de seu declínio que vai se concretizar em 1888, com a abolição da escravatura.

Mesmo depois da ruína da lavoura canavieira houve tentativas de recuperação do poder econômico, a primeira ocorreu depois da decadência da mineração, porém foi de pouca duração a segunda vez registrou-se em fins do século XIX, com a implantação das usinas açucareiras, outro projeto fracassado por falta de compromisso dos investidores com a região, o que ocasionou na desagregação da hegemonia criada no Nordeste no decorrer de mais de três séculos em torno da cultura da cana.

Todo esse quadro serviu de pano de fundo para Gilberto Freyre iniciar as manifestações regionalistas, que ocorreram em Recife nos anos vinte, em prol da cultura da região Nordeste. O sociólogo fez uma análise da sociedade nordestina entre 1825 a 1925, e mediante aos fatos analisados viu a necessidade de realizar um trabalho que juntamente com um grupo de escritores de sua época, entre eles podemos citar Jorge de Lima e José Lins do Rego, Mário Sette, Cícero Dias entre outros pudessem lutar pela preservação dos valores e costumes da antiga sociedade patriarcal. A produção dos artistas manifestantes desse período

tinha um tom de saudosismo, principalmente a obra do líder do movimento, que conforme Almeida (1981, p.165) apresentavam tendência à:

[...] denúncia da descaracterização, a luta pela preservação dos valores ameaçados e a visão clara com que é representada a decadência da região encontram sua contrapartida no orgulhoso apreço pelo patrimônio cultural do Nordeste e pela sociedade que o gerou ao longo do tempo.

Desde fins do século XIX a expansão da cultura do café no Oeste paulista, é consideravelmente visível, favorecendo o processo de industrialização em São Paulo, tornando-a, no início dos anos 20 uma cidade moderna, rica, de futuro promissor. Nesse contexto, tem início um movimento de renovação artístico cultural, que se revela seguidor das correntes europeias, um movimento de índole voltada para o presente, para os valores éticos e estéticos criados em consequência da modernidade e da industrialização que se desenvolvia cada vez mais em São Paulo.

Enquanto isso, no Nordeste agrário a situação é oposta em relação à economia, que se encontra em completa falência. O regionalismo nordestino dos anos 20 também recebe influências das correntes europeias, porém com outra visão, o grupo dos recifenses liderados pelo sociólogo Gilberto Freyre absorveram as correntes europeias adaptando-as a realidade local.

De um lado, o grupo dos modernistas paulistas, formado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade e outros jovens poetas, que tinham interesse em renovar as linguagens artísticas brasileiras, que na época estava inerte e precisavam colocá-la em atividade, seguindo o ritmo das vanguardas europeias. No Nordeste, a situação é bem diversa o grupo dos regionalistas liderados por Freyre, que por ser sociólogo formado nos Estados Unidos e Inglaterra, sua visão de mundo o remete para uma realidade mais abrangente diferentes dos modernistas paulistas que visam seguir profundamente as correntes europeias que vinham da França como o Futurismo. São duas correntes de pensamentos paulistas x regionalistas, com pontos divergentes e pontos em comum, porém ambas formariam as bases da nova estética literária que surgia: o Modernismo.

O Modernismo brasileiro tem como marco a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo de 11 a 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, em cada dia do evento era apresentado uma categoria artística: literatura, música, poesia, pintura, escultura, demonstrando assim, que a nova estética reunia artistas de todas as áreas. Temos como as

primeiras produções artísticas da nova estética: *Pauliceia desvairada*, *Losango caqui*, *Pau-Brasil*, *Memórias sentimentais de João Miramar*, entre outras.

O Modernismo brasileiro representou uma verdadeira renovação na linguagem, as correntes estéticas de Vanguarda da Europa atuavam em toda produção literária desse período, primeiramente na poesia, em seguida na prosa, buscavam a ruptura com a tradição artística do século XIX, os representantes desse período tinham intenção de conquistar a autonomia cultural, através de uma atitude antilusitana.

A renovação literária proposta pelo Modernismo é vivenciada pelos regionalistas de forma concreta, produto do contato direto da arte com a realidade local, ou seja, na obra literária o autor procura retratar a linguagem coloquial, a vida social, a paisagem etc. o grupo nordestino vê a renovação literária voltada mais para o ponto de vista cultural do que estético, esquecendo as questões socioeconômicas da região.

Os tradicionalistas do Nordeste deixaram um manancial de criações literárias na poesia de Joaquim Cardoso, Ascenso Ferreira, Jorge de Lima, Manuel Bandeira; na prosa de José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos os regionalistas incorporam-se à Geração de 30, engrandecendo o romance moderno brasileiro. São destaques por terem uma visão sociológica da realidade. A Geração de 30 representa um novo momento para o romance regionalista brasileiro, juntos os escritores paulistas e recifenses procuram enfatizar mais a realidade de seu tempo, cultivam os assuntos existenciais e psicológicos.

É importante delimitar o que se pode chamar de romance regional, que critérios devem ter uma obra para ser considerada regionalista, para Almeida (1981, p. 177) “para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substancia real desse local”.

A partir da década de trinta haverá mais rigor ao classificar uma obra nordestina como regional. Não é suficiente classificar de regionalista um romance somente porque narra um fato que ocorreu em determinada cidade do Nordeste e é vivenciado por pessoas daquele lugar, deve ser considerado tanto o ambiente quanto a realidade social e humana.

Para explicar quando um romance é regionalista serão citados alguns autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, contudo vale ressaltar que nem todas as obras dos referidos autores são de cunho regionalista.

2.4.1 Ciclo da cana-de-açúcar

Até o final do século XVII, a região produtora de cana de açúcar, no Nordeste brasileiro, transformou-se no centro econômico de maior destaque no país. Em torno dos grandes engenhos, que incluía desde a cultura, o processamento da cana-de-açúcar, as terras cultivadas, as instalações para moagem até as residências de proprietários, colonos e trabalhadores, deu-se início à colonização dessa parte do país. Modelo centrado na figura do patriarca, erigido na força de trabalho dos escravos, marcou profundamente um período da história regional ao propiciar a formação de uma rica tradição cultural. Será essa a matéria das obras consideradas regionalista de José Lins do Rego (JLR), as quais serão aqui abordadas.

No âmbito da ficção de 30, Rego é o responsável pela continuação da prosa regionalista “cujo objetivo era reconhecer e revisar os valores e dilemas da região nordeste” (Chaguri, 2009, p. 15) os quais encontrou no escritor um defensor objetivo, consciente e sistemático, muito antes de estrear no gênero romance.

Outro fato que marcará a produção romanesca do autor paraibano será sua amizade e a convergência de ideias com o sociólogo Gilberto Freyre, articulador político e intelectual do movimento que defende uma arte voltada para as questões específicas da sociedade nordestina. Esse movimento tem seus postulados elencados no Manifesto Regionalista de 1926. Em síntese:

O pensamento crítico de José Lins do Rego, intimamente relacionado com as atitudes, sugestões e preferências de Gilberto Freyre, corresponde, nas suas definições iniciais, à fase heroica do movimento regionalista e tradicionalista centralizado no Recife. Acompanha, desde então, a própria evolução da obra de Gilberto Freyre, motivo pelo qual o romancista pode ser considerado, no campo específico da afirmação crítica e da criação literária, o que foi o inspirador do referido movimento no setor das interpretações sociológicas. (CASTELLO, 1961, p. 37).

Freyre (1937) defende a existência, basicamente, de dois nordestes: um agrário e outro pastoril: o primeiro é o que se verifica no conjunto dos romances regionalista de JLR, “o da cana de açúcar, que se alonga por terras de massapê e por várzeas [...], [...] hoje decadente, que foi, por algum tempo, o centro da civilização brasileira.” (FREYRE, 1967, p. 21). É dessa atmosfera ficcional que Lins do Rego lança mão para forjar os livros que o próprio denominou de “Ciclo da cana- de-açúcar”.

Os livros que se classificam nessa fase da obra de José Lins são considerados autobiográficos, em decorrência de o escritor ter crescido sob os cuidados do avô, respeitado

senhor de engenho da época. È na memória que se encontra o substrato de seus romances, nos quais, melancolicamente, narra a trajetória da decadência dos engenhos, aos poucos substituídos pelas Usinas e, portanto, dando lugar a um modo de produção mais apropriado ao modelo capitalista moderno.

Nesse processo, seja como participante ou observador, esforça-se para registrar a revolução social desencadeada pela nova tecnologia de produção açucareira que, rapidamente, instalou a derrocada econômica de muitos senhores de engenho. O crítico Otto Maria Carpeaux (apud MARTINS, 2010, [s.p.]) defende que:

A obra de José Lins do Rego é profundamente triste. É uma epopeia da tristeza, da tristeza da sua terra e da sua gente, da tristeza do Brasil [...] Há na sua obra a consciência de que tudo está condenado a adoecer, a morrer, a apodrecer. Há a certeza da decadência dos seus engenhos e dos seus avós, de toda essa gente que produziu, como último produto, o homem engraçado e triste que lhe erigiu o monumento. É grande literatura.

Nessa perspectiva, é que surge *Menino de Engenho*, publicado em 1932, é a estreia de Rego no romance e, considerado a chave de sua produção sobre a sociedade canavieira. O livro tem como narrador-protagonista Carlinhos, que conta sua infância no engenho Santa Rosa, propriedade de seu avô, para onde vai após a tragédia que lhe destrói o lar.

Em sua estrutura, *Menino de Engenho* apresenta uma reunião de flashes do passado do próprio autor, que traça um perfil do mundo dos engenhos de açúcar: os tipos humanos, as atividades produtivas, os costumes, a paisagem, através das recordações saudosistas de sua meninice vivenciadas nesse ambiente. Na obra, o autor apresenta “[...] quase todos os principais motivos que alimentarão os romances do ciclo da cana e [...] fixa [...] a paisagem física, social e mesmo existencial [...] que marcará, de forma inconfundível, a ficção de seu criador.” (ALMEIDA, 1980, p. 186).

Considera-se que através de *Menino de Engenho*, José Lins do Rego faz uma ode a uma cultura que foi extinta com o avanço da industrialização, nessa nova modalidade de produção não é mais possível as brincadeiras conjuntas entre filhos de proprietários e empregados, as conversas com negras nas cozinhas, as histórias fantásticas e folclóricas e os feitos políticos regados a negociações escusas e muitas vezes dirimidas à bala. Começa a nascer uma nova sociedade nessa parte do Brasil, no qual a narrativa do menino Carlinhos é apenas um rito iniciatório permeado de um tom romântico e memorialista. Fato que a distancia de textos de maior crítica social como *Vidas Secas* e *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

No ano seguinte é a vez de *Doidinho*, romance que trata das aventuras de Carlos Melo no internato, rigorosa escola para meninos para onde foi enviado por decisão do avô, e que acalenta o desejo de retornar à convivência no engenho de açúcar onde passou a infância. Para Antonio Carlos Villaça (apud MARTINS, 2010, [s.p.],) “é a continuação de *Menino de Engenho*, mas com uma densidade ficcional que revela as dimensões poderosas de Lins do Rego como romancista e como criador.”

À publicação dos dois romances iniciais sucedem-se: *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), os quais “contribuem para enriquecer consideravelmente o amplo panorama que José Lins do Rego quis traçar da decadência do patriarcado rural nordestino, [...] mas a verdadeira obra-prima do ‘Ciclo-da-cana’” (ALMEIDA, 1980, p. 197) é *Fogo Morto*, publicado anos depois.

Fogo Morto tem com centro a temática *do* descompasso entre as pessoas e a realidade trazida pelo declínio do regime escravo nos engenhos do nordeste, no início do século XX. Ele narra a história do Engenho Santa Fé, localizado na zona da Mata paraibana, desde a sua fundação até sua ruína, quando se transforma em "fogo morto", expressão que, à época na região nordestina, era empregada para designar os engenhos inativos.

A obra circula em torno dos personagens: o artesão, mestre Amaro; o senhor de engenho decadente, Luís César de Holanda; o capitão Vitorino Freire, considerados os mais fortes da ficção de José Lins do Rego. Na verdade, mesmo apresentando uma sólida estrutura literária, o romance que encerra o ciclo da cana-de-açúcar é considerado um documento sociológico, que retrata o ocaso da oligarquia canavieira nordestina com seus dramas humanos. Além disso, retrata o universo que circunda a casa grande e a senzala juntamente com suas interações sociais.

O que demonstra um regionalismo novo, diferente do existente até então, que pendia para o romantismo, pintalgado de exotismo e de pitoresco e não cabe mais no novo contexto. Agora surge um Brasil com fome, doente, que se escamoteava sob uma capa de “civilizado”, onde coabitam sérios problemas socioeconômicos e culturais: a população de baixa renda dominada por uma classe minoritária, o banditismo, a superstição, as precárias condições de vida dos trabalhadores. O mesmo tipo de regionalismo crítico que aparecerá também nos romances de Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz.

No que se refere à linguagem da obra em pauta, é visível a aproximação do escritor com o viés popular, sobretudo de sua terra natal, na qual conviveu durante sua juventude, insulada de influências externas, e por isso preservada em sua autenticidade regional. È a linguagem dos poetas simples da terra, empregada, na urdidura de uma narrativa mais longa.

Detentora de um lirismo profundo, autêntica, espontânea e pura, colhida na própria fonte, sem influência erudita cujo ritmo fraseológico remete à antiga tradição dos contadores de histórias, considerados os principais artistas populares nordestinos de então.

É perceptível nos romances do ciclo da cana, um caráter memorialístico que gradativamente vai se esvaindo. Esse aspecto estende-se também à linguagem oral dos cantadores nordestinos cujos traços se fazem presentes na literatura de José Lins do Rego. No prefácio de *Usina* (1936), o próprio autor assim delimitou o conjunto das obras que compõem o referido ciclo: “A história desses livros é bem simples: comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida o que eu queria contar.”

2.4.2 Ciclo do cacau: Jorge Amado

Após a produção ficcional de Lins do Rego no movimento regionalista, tem espaço os romances de Jorge Amado(JA). Apesar de uma extensa obra, apenas uma parte se insere nos critérios que caracterizam o que se convencionou categorizar como regionalismo e, “ (após *Gabriela, cravo e canela*, de 1958) situa-se fora dos limites cronológicos [...] do romance de 30, que domina a cena literária brasileira até aproximadamente, o final da Segunda Guerra Mundial”. (ALMEIDA, 1981, p. 216).

Dos romances publicados até 1958, *Os subterrâneos da liberdade* (narra a história do Partido Comunista Brasileiro); *O país do Carnaval*, *Jubiabá*, *Mar Morto*, *Suor* e *Capitães de Areia* (ocorrem no Recôncavo Baiano ou em Salvador); *Cacau*, *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*(transcorrem na região cacauzeira); e, *Seara Vermelha* (a fuga da seca, no sertão da Bahia). Somente os que transcorrem na zona do cacau, são considerados singificativos no âmbito regionalista. (ALMEIDA, 1981.)

Assim como na zona canavieira paraibana, retratada por Lins do Rego, ao sul da Bahia também se formou uma civilização peculiar em torno da cultura do cacau a qual fomentou a produção mais significativa da corrente regionalista produzida por Jorge Amado: *Terras do Sem Fim*.

É com a epígrafe: “ Eu vou contar uma história, uma história de espantar.” Resgatada do romanceiro popular, que Jorge inicia a obra que, sob proporções épicas, narra a formação da zona cacauzeira da Bahia, a região de Ilhéus e Itabuna, com seus conflitos e paixões.

Concluída no exílio em Montevideú, e publicada no ano seguinte em 1943, o romance centra-se nas disputas entre os proprietários rurais pelas terras ainda inexploradas ao sul da Bahia.

A epígrafe faz jus ao teor do romance que gira em torno da sangrenta disputa entre o latifundiário Horácio da Silveira e a poderosa família Badaró pelas terras de Sequeiro Grande nas quais pretendem expandir suas respectivas plantações de cacau. Permeado por intrigas políticas, adultérios, tocaias e reviravoltas surpreendentes, Jorge Amado mescla lirismo e denúncia social, além de revelar seu amor à terra do cacau.

A ficção propriamente regionalista da obra de José Lins do Rego, juntamente com *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e, *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, configuram-se no ponto alto do gênero regionalista em plena maturidade na literatura brasileira.

3 GRACILIANO RAMOS

3.1 Esboço biográfico-literário

“Os dados biográficos é que não posso arranjar, porque não tenho biografia. Nunca fui literato, até pouco tempo vivia na roça e negociava. Por infelicidade, virei prefeito no interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram. Veja o senhor como coisas aparentemente inofensivas inutilizam um cidadão.”

Graciliano em carta a Raúl Navarro, nov.1937.

A epígrafe acima não deixa dúvidas quanto à modéstia de Graciliano Ramos em relação ao seu ofício de escritor. Foi essa a resposta dada ao tradutor argentino Raúl Navarro, por ocasião em que este lhe solicitou um breve currículo para acompanhar a publicação de um conto em Buenos Aires. Mas não é a opinião do escritor alagoano que vigora no cenário da literatura nacional.

Fato que se confirma pela forma inusitada como adentra para o panteão dos romancistas brasileiros. Antes de tornar-se um escritor reconhecido, Graciliano exerceu o cargo de prefeito em Palmeira dos Índios e, ao enviar um relatório sobre suas atividades administrativas ao governador Álvaro Pereira Paes, foi descoberto pelo editor Augusto Schmidt, que, impressionado pela qualidade de sua escrita, o convidou para publicar um romance, *Caetés* (1933), o primeiro de uma série de quatro, formada ainda por *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938).

Desde cedo Graciliano Ramos se dedicou às letras, por influência do professor e amigo Mário Venâncio, tendo fundado o jornalzinho escolar *O Dilúculo*, no qual publica seu primeiro conto, “O pequenino mendigo”, e aos 12 anos escrevia para jornais locais de pequena tiragem e circulação. Ao completar 22 anos, passou a residir no Rio de Janeiro, onde exerceu a função de revisor dos jornais *Correio da Manhã* e *A Tarde*, enquanto publicava textos no *Jornal de Alagoas* e no *Paraíba do Sul*. Tempos depois, regressa a Alagoas, município de Palmeira dos Índios, e sob o anonimato de diversos pseudônimos, publica crônicas no jornal *O Índio*.

Alterna o ofício de escritor com o exercício de funcionário público em diversos cargos: diretor da Imprensa Oficial do Estado, Diretor da Instrução Pública, sempre procurando deixar por onde atuou um legado de correção e austeridade. Defensor do

comunismo, não é um escritor panfletário, mas é perceptível que assume a defesa dos oprimidos, seja pelo sistema seja pelos fenômenos naturais, a exemplo dos personagens de *Vidas Secas*, objeto de estudo neste trabalho.

Outra prova desse posicionamento ético e social do autor é atestado pelo trecho de um dos relatórios de prestação de contas enviados ao governo de Alagoas, no qual ironicamente refere-se à elite de Palmeira dos Índios “Bem comido, bem bebido, o pobre povo sofredor quer escolas, quer luz, quer estradas, quer higiene. É exigente e resmungão. Como ninguém ignora que se não obtêm de graça as coisas exigidas, cada um dos membros desta respeitável classe acha que os impostos devem ser pagos pelos outros”.

Outro exemplo de sua conduta austera, em defesa do que considerava justo e correto para a efetivação da dignidade e da cidadania chega aos dias atuais através da pesquisa de Dênis de Moraes (2012). O biógrafo revela que ao assumir o posto de diretor de Instrução Pública do Estado de Alagoas, o velho Graça promove inovações surpreendentes ao intensificar os investimentos para os bairros e municípios mais carentes, combater o mau uso dos bens públicos, a corrupção dentre outras mazelas ainda tão presentes na administração pública e que afetam, principalmente, a classe mais carente.

Em decorrência dessas e outras atitudes similares, acaba por desagradar à ideologia dominante. Perseguido pela ditadura de Getúlio Vargas, Graça é acusado de envolvimento com o comunismo recebe voz de prisão e passa dez meses preso na Ilha Grande, no Rio de Janeiro, mesmo sem nenhuma comprovação do crime que lhe é imputado.

Após esse transtorno, GR resolve estabelecer-se com a família no Rio de Janeiro. Para custear as despesas escreve contos, artigos e crônicas, para diversos jornais e revistas, além de colaborar com editoras e depender de empregos públicos sem significância. É no Rio que a geração de romancistas mais importantes de seu tempo passa a frequentar sua casa: Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, dentre outros. Em meio a esses acontecimentos escreveu e lançou: *Angústia*, *Insônia*, *São Bernardo*, *A Terra dos Meninos Pelados*, *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*.

Como escritor, político e jornalista, esse alagoano legou para seus compatriotas e para os apreciadores da Literatura de todas as nacionalidades uma obra autêntica e envolvente, cuja permanência dos temas relacionados ao contexto nordestino ocorre através de uma abordagem única, que parte do contexto local e se expande para significações mais amplas, que se volta para aspectos universais da condição humana, descritos em linguagem mordaz, crua e concisa. A esse respeito o crítico Otto Maria Carpeaux (apud LEBENSZTAYN, 2012, p.4) assevera que:

[...] Graciliano, "severo com os outros e consigo mesmo", foi "amigo perfeito". Como escritor, ao combinar representação social e introspecção, construiu artisticamente juntos o *problema social* e o *problema moral* da gente do Brasil, elevando-se, com a *autenticidade* de seu regionalismo moderno, [...]. Estilista, se a harmonia de suas frases era "impiedosa", possuía ele um "grande coração" para apiedar-se de "vidas mortas" e ressuscitá-las, tendo deixado para suas personagens uma "esperança de saída" num mundo impossível de epopeia.

Autor metódico, capaz de passar horas à procura da expressão ou palavra que melhor alinhavasse na folha em branco o seu dizer. Rigoroso com seu labor literário, autodepreciava-se como escritor: considerava sua escrita mediana ainda que dentro de padrões aceitáveis. “Esse homem seco e difícil, seco de carnes, econômico em sua literatura da qual eliminou qualquer gordura” (AMADO apud COUTINHO, 2012, [s.p.]) na verdade era seu mais severo crítico.

O conjunto da obra de GR atesta a permanência de um estilo conciso, o qual tem como característica a construção de um texto calcado no esmerado tratamento a que são submetidas as palavras. Estilo que apesar de lacônico expressa o sentimento mais profundo de humanização e a mais singela demonstração de solidariedade para com todos os desvalidos desse mundo. É inegável que o velho Graça acabou:

Sendo um dos escritores modernos que melhor maneжaram o nosso idioma, convencido de que não há talento que resista à ignorância da língua, deixou o exemplo de luta e querência pela palavra, a escrita como um difícil exercício de construção em meio ao silêncio. Preocupou-se com o estilo, mas não inventou um idioma, como Guimarães Rosa. [...] ambos (o autor faz referência a GR e a Camus) captam as ondas de seu tempo, escrevem obras em que reverbera o social, e antecipam mudanças no espírito literário. (BRITO, 2009, [s.p]).

Como se pode observar, a obra de Graciliano foi um marco no Modernismo literário brasileiro e, destacou-se, sobremaneira, no movimento regionalista que tinha como mote a paisagem, a cultura, o clima, a vida dura do homem do sertão, com sua bravura, sua fé em dias melhores e sua perseverança em seguir em frente apesar de todas as adversidades: sejam elas provenientes da natureza humana ou divina. Além de legar à literatura brasileira um acervo ficcional que a enaltece e a destaca com uma das mais profícuas do mundo.

3.2 Um depoimento do autor

Por me parecer muito significativo e oportuno, transcrevo o artigo de Graciliano Ramos intitulado *O romance do Nordeste*, no qual o próprio autor expõe sua visão sobre a contribuição da literatura nordestina em seu tempo e, fazendo críticas a uma “escola” de

autores que falsearam a imagem do nordeste por não vivenciá-lo em seu cotidiano e em suas mazelas, oferece, mesmo sem a pretensão de uma autoanálise, pistas para a compreensão de seu lugar na literatura brasileira e das particularidades do seu estilo. Segue o texto:

Nestes quatrocentos anos de colonização literária recebemos a influência de muitos países. Sempre tentamos reproduzir com todas as minudências a língua, as ideias, a vida de outras terras. Não sei donde vem esse medo que temos de sermos nós mesmos. Queremos que nos tomem por outros.

Talvez seja porque entre nós é fácil um preto casar com uma branca, uma preta viver com um branco, sem casar. Os mulatinhos escondem-se dos pais e, com intuito de clarear a descendência, sujaram-se de pó de arroz e imitaram os modos dos estrangeiros. A religião negra, a arte negra, tudo quanto a África nos podia dar foi sufocado pelo ingênuo desejo de arianizar isto depressa.

Havia em Portugal uma certa quantidade de gramáticos. Arranjamos gramáticos mais numerosos e procuramos há alguns anos escrever melhor que os portugueses. Nunca houve lugar no mundo onde se discutisse tanta sintaxe.

Tudo nos vinha de fora.

Na literatura de ficção é que a falta de caráter dos brasileiros se revelou escandalosamente. Em geral os nossos escritores mostraram uma admirável ignorância das coisas que estavam perto deles. Tivemos caboclos brutos semelhantes ao heróis cristãos e bem-falantes em excesso. Os patriotas do século passado, em vez de estudar os índios, estudaram tupi nos livros e leram Walter Scott. Tivemos Damas das Camélias em segunda mão. Tivemos paisagens inúteis em linguagem campanuda, pores de sol difíceis, queimadas enormes, secas cheias de adjetivos. Descrições. José Veríssimo construiu um candeeiro em não sei quantas páginas.

Muito pouco – rios, poentes cor de sangue, incêndios, candeeiros.

Os ficcionistas indígenas engancharam-se regularmente na pintura dos caracteres. Não mostraram os personagens por dentro: apresentaram o exterior deles, os olhos, os cabelos, os sapatos, o número de botões.

Insistiram em pormenores desnecessários, e as figuras ficaram paradas.

Os diálogos antigos eram uma lástima. Em certos romances os indivíduos emudeciam, em outros falavam bonito demais, empregavam linguagem de discurso. Dois estrangeiros, perdidos nas brenhas, discutiam política, sociologia, trapalhadas com pedantismo horrível que estiravam por muitas dezenas de folhas. Via-se perfeitamente que o autor nunca tinha ouvido nada semelhante ao palavrório dos seus homens.

Felizmente, vamo-nos afastando dessa absurda contrafação de literaturas estranhas. Os romancistas atuais compreenderam que para a execução de obra razoável não bastam retalhos de coisas velhas e novas importadas da França, da Inglaterra e da Rússia. E como deixaram de ser obrigatórias as exposições da porta da Garnier, os provincianos conservaram-se em suas cidadezinhas, acumulando documentos, realizando uma honesta reportagem sobre a vida no interior.

O trabalho que há no Nordeste é mais intenso que em qualquer outra parte do Brasil, tão intenso que um crítico, visivelmente alarmado com as produções daqui, disse ultimamente que não é só no Norte que se faz literatura. Decerto. Era indispensável, porém, que nossos romances não fossem escritos no Rio, por pessoas bem-intencionadas, sem dúvida, mas que nos desconheciam inteiramente.

Hoje desapareceram os processos de pura composição literária. Em todos os livros do Nordeste, nota-se que os autores tiveram o cuidado de tornar a narrativa não absolutamente verdadeira, mas verossímil. Ninguém se afasta do ambiente, ninguém confia demasiado na imaginação.

E é assim que deve ser. Se o Sr. Gastão Cruls vivesse aqui, não teria podido escrever o seu *Vertigem*. Apesar de médico e romancista, foi-lhe necessário estar habituado à cidade grande.

Também não seria possível a um carioca, ainda que tivesse visitado o interior do Ceará, conceber e realizar o *João Miguel*. Para fazê-lo, a Sra. Rachel de Queiroz consumiu largo tempo examinando uma prisão

da roça, registrou as palavras do cabo Salu, conversou com a Filó, viu como ela enchia o cachimbo de barro.

O Sr. Lins do Rego criou-se na bagaceira dum engenho, e julgo que nem sabe que é bacharel. Conservou-se garoto de bagaceira, o que não lhe teria acontecido se morasse no Rio, frequentando teatros e metendo artigos nos jornais. Aqui está bem. Quando o cheiro das tachas vai esmorecendo, dá um salto a uma engenhoca, escuta Zé Guedes, seu Lula, a velha Sinhazinha.

O Sr. Jorge Amado nasceu numa fazenda no sul da Bahia – e por isso escreveu Cacau. Instalou-se depois na ladeira do Pelourinho, 68, onde travou relações com várias criaturas que entraram na composição do seu último livro.

Esses escritores são políticos, são revolucionários, mas não deram a ideias nomes de pessoas: os seus personagens mexem-se, pensam como nós, sentem como nós, preparam as suas safras de açúcar, bebem cachaça, matam gente e vão para a cadeia, passam fome nos quartos sujos duma hospedaria.

Os nossos romancistas não saíram de casa à procura de reformas sociais: a revolução chegou a eles e encontrou-os atentos, observando uma sociedade que se decompõe.

Está claro que ninguém aqui pretende haver construído monumentos. Estamos ainda no começo, mas um excelente começo que nos dá grande quantidade de volumes todos os anos.

Nessa produção excessiva há falhas, topadas, marcas de trabalho feito à pressa. Naturalmente porque estamos a correr sem nos termos acostumado a andar.

O que é certo é que o romance do Nordeste existe e vai para diante. As livrarias estão cheias de nomes novos. Não é razoável pensarmos que toda essa gente escreva porque um dia o Sr. José Américo publicou um livro que foi notado com espanto no Rio:

– Um romance do Nordeste! Que coisa extraordinária!

(RAMOS, Graciliano. *O romance do Nordeste*. Diário de Pernambuco. Recife, 10 de março de 1935).

3.3 *Vidas secas*: temática e estilo

Muito antes da celebração de seu jubileu de ouro, em 2008, *Vidas Secas* já tinha se tornado um clássico da Literatura Brasileira moderna. É um romance construído pela justaposição de episódios que têm como pano de fundo o sertão nordestino. Em cena, cinco personagens: o vaqueiro, sua mulher, dois filhos e uma cadela. Não se trata, porém, de um simples documento sobre a terra, a linguagem, a cultura e as vicissitudes do povo que a habita, como ocorre com a maior parte da literatura tradicionalmente chamada de regionalista. *Vidas Secas* é uma encenação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende: o poder policial, o poder econômico, as convenções do vestuário, a linguagem, a natureza hostil simbolizada pela seca e pelas aves de arribação. Cada personagem vive seus conflitos numa experiência solitária, inclusive a cachorra Baleia.

Vários críticos literários destacaram a singularidade da composição desse clássico da Literatura Brasileira. Cada capítulo constitui um episódio autônomo, caracterizado pelo foco em um personagem ou em uma situação coletivamente vivida. Fabiano é o protagonista dos capítulos *Fabiano*, *Cadeia*, *Contas*, *O soldado amarelo* e *O mundo coberto de penas*; Sinha Vitória, a cachorra, o filho mais novo e o filho mais velho são protagonistas, respectivamente, dos capítulos *Sinha Vitória*, *Baleia*, *O menino mais novo* e *O menino mais velho*. Os outros quatro capítulos tematizam situações protagonizadas pelo grupo familiar: *Mudança*, *Inverno*, *Festa* e *Fuga*. A seguinte observação de Antonio Candido resume o ponto de vista de vários analistas da obra. Segundo ele, nessa “construção por fragmentos (...), os fatos se arranjam sem se integrarem uns com os outros perfeitamente, sugerindo um mundo que não se compreende, e se capta apenas por manifestações isoladas.”⁸ Outro crítico literário, Álvaro Lins, tem opinião semelhante; segundo ele, “tecnicamente, *Vidas Secas* apresenta dois defeitos consideráveis. Um deles é que a novela, tendo sido construída em quadros, os seus capítulos, assim independentes, não se articulam formalmente com bastante firmeza e segurança.”⁹ José Maurício Gomes de Almeida¹⁰ se alinha entre os que pensam de forma bem diversa. Ele lembra que não é casual o posicionamento do capítulo “Inverno” no ponto central da narrativa (é o sétimo dos 13 capítulos). O inverno – isto é, as chuvas torrenciais – é o

⁸ GRACILIANO RAMOS – *Trechos Escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. (Nossos Clássicos). p. 15.

⁹ LINS, Álvaro. Valores e misérias das *Vidas Secas*. In: RAMOS, G. *Vidas secas*. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. p. 152.

¹⁰ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

clímax de um processo que se repete ciclicamente: segue-se a uma estiagem (*Mudança* é o primeiro capítulo) e precede outra (o capítulo final é *Fuga*). Portanto, é certo que há uma cronologia dos acontecimentos narrados; só que essa cadeia cronológica é fruto das mudanças no ambiente natural e não de projetos, escolha ou sequer vontade dos personagens.

4 O LÉXICO EM FOCO

4.1 Percurso histórico do léxico

A língua tem como função primordial possibilitar a comunicação entre as pessoas. Por meio dela cada usuário pode expressar seus sentimentos e pensamentos ao materializá-la através da fala, e assim deixam as marcas de suas vivências e experiências diárias; dão notícias de seus grupos sociais, comunidades, região, país, enfim da cultura dos povos com os quais interagem. As palavras utilizadas no discurso entre os falantes de uma determinada língua vão constituir seu sistema lexical, logo estudar o léxico de uma língua significa conhecer também a cultura do povo que a fala, sua história, seus hábitos e costumes, tendo em vista que “não se sabe de onde é o homem, antes de ele ter falado” (ROUSSEAU, 2003). Nessa esteira, estudar o léxico de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, é demonstrar, através do vocabulário empregado na obra pelo autor, elementos rastreadores de suas vivências, suas origens, costumes e valores da região onde viveu. Elementos estes indispensáveis na caracterização dos regionalismos presentes em sua obra, em particular no romance em análise. Tendo em vista que o enredo é ambientado no nordeste e os personagens que nele circulam são típicos dessa parte do país, nada mais natural que o autor empregar um discurso cuja linguagem seja característica desse contexto.

Diante dessas considerações, é pertinente que a fundamentação teórica que norteia o estudo proposto discorra sobre alguns fatos relevantes a respeito de léxico, destacando a contribuição dos filósofos gregos, e a conceituação das ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Etimologia, tendo em vista que os conceitos citados são relevantes para a elaboração do glossário da obra em pauta.

De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (1995) o objeto de estudo em foco é um substantivo que se originou do grego *lékis* (fem.), ‘palavra, estilo, termo, linguagem’ é fonte de uma série de derivados tardios como *leksikographía*, ‘ciência do léxico’, *leksikográfōs*, ‘lexicógrafo’, *leksikología*, ‘lexicologia’, *leksikón*, ‘léxico, dicionário’, *leksikológion*, ‘vocabulário’. É no léxico de uma língua que reside as bases de sua significação e, é constituído de elementos que organizados sistematicamente, traduzem através da palavra, a cultura de um povo. Sobre o assunto Maria Tereza Biderman (2001, p.10) afirma que: “[...] a criação do léxico tem se processado por meio de atos consecutivos

de aquisição da realidade e da categorização das experiências que se cristalizam em signos lingüísticos, as palavras”. Ao lermos um livro, um conto, um artigo ele é composto por um número ilimitado de palavras que vão surgindo a cada momento, de acordo com as possibilidades que o sistema linguístico ofereça, para representar as necessidades dos usuários da língua. Mário Vilela (1994, p. 6) em seus estudos afirma que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

As reflexões acerca do léxico remontam há tempos remotos, a primeira delas se assemelha a uma listagem lexicológica, refere-se aos logogramas, uma lista de signos gráficos correspondendo cada um à expressão lingüística de um conceito ou de uma relação conceitual extralingüístico. Os primeiros repertórios de signos lingüísticos são listas de palavras, como as da Suméria, de Agade e da China. Até o início do século XIX, o que se falava a respeito de linguagem e língua tinha fundamentação lexicológica, sendo a gramática, segundo a tradição greco-latina, concebida como uma construção de elementos independentes.

Os filósofos gregos tiveram a iniciativa de refletir sistematicamente sobre a linguagem, fundamentados nas leis do pensamento, conceberam a língua e em particular a palavra não como fenômeno observável, mas como recurso primordial para expressão das ideias. Com esse entendimento a palavra ganhou lugar de destaque nas concepções filosóficas, tornando-se o centro das especulações lingüísticas ocidentais, logo após, surgem as discussões sobre a arbitrariedade ou não do signo lingüístico. Os diferentes posicionamentos surgidos a partir dessas discussões originaram duas linhas de pensamentos: os de linha aristotélica, que consideravam o signo lingüístico arbitrário, social e os socrático-platônicos, que veem uma relação natural entre forma e conteúdo.

Envolvido pelas ideias de visão aristotélica sobre a arbitrariedade do signo, surgem os ensinamentos de Saussure, que concebe a língua como um sistema composto de um conceito e uma imagem acústica, unindo as duas faces do signo lingüístico, o significante, que se realiza no plano da expressão e o significado, que se realiza no plano do conteúdo. Nessa acepção, segundo Saussure, o signo lingüístico (1969, p. 80), “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”, essa definição, ratifica o signo como uma entidade psíquica de duas faces: o conceito e a imagem acústica.

Todo esse destaque, dado ao signo linguístico, foi gerado como consequência das primeiras reflexões filosóficas e gramaticais dos gregos antigos, fator preponderante para o nascimento da Lexicologia, que inicialmente tinha o objetivo de investigar a significação das palavras tendo por base os textos literários. Durante esse período, surgem diversos dicionários bilíngues, unilíngues, dando a lexicografia um perfil definido.

Com a Linguística Histórica, no início do século XIX os estudos do léxico tomaram outros direcionamentos, a palavra passa a ser vista como forma, composta de elementos: os fonemas e os morfemas. Nessa perspectiva, através do método do comparativismo linguístico, os estudiosos param de relacionar palavra e pensamento, e vão se preocupar com a reconstituição de línguas hipotéticas, como o indo europeu, agrupando as diferentes línguas em famílias. É importante ressaltar que, o método da Gramática Comparada foi lançado pelo linguísta alemão Franz Bopp, em seguida outro alemão Frederico Diez publica a Gramática das Línguas Românicas e o Dicionário Etimológico das Línguas Românicas e, passa a ser considerado o fundador da Filologia Românica. Embora o léxico não representasse o alvo principal dos estudos comparativistas, estes desempenharam um importante papel na fundamentação do estudo do léxico, uma vez que para atestar o parentesco linguístico entre as línguas era necessário segmentar a palavras em raízes e afixos, bem como observar as mudanças fonéticas e mórnicas.

Os estudos comparativos equiparavam várias gramáticas, com a finalidade de reconstituir uma língua tronco, a qual teria originado as demais línguas comparadas; em seguida, surgem os estudos dos neogramáticos, pelos fins do século XIX, estes direcionavam seus estudos na observação da língua em seu momento atual. Enquanto os comparativistas direcionavam suas pesquisas na visão diacrônica os neogramáticos faziam o uso da sincronia.

Dessa forma, a palavra enquanto signo linguístico e o estudo do léxico ficam em um plano secundário subordinado ao estudo da fonética, da morfologia e da sintaxe. Somente nos finais do século XIX com a diversificação e aprofundamento dos estudos da língua, as pesquisas sobre o léxico voltam a ganhar fôlego. Diante das considerações sobre o estudo proposto é mister apresentar alguns conceitos básicos para melhor entendimento deste bem como das ciências do léxico. Ei-los nos parágrafos que seguem:

Lexicologia- parte da linguística que estuda o vocábulo quanto ao seu significado, constituição mórnic e variações flexionais, sua classificação formal ou semântica, em relação a outros vocábulos da mesma língua, ou comparados com os de outra língua, em perspectiva sincrônica ou diacrônica; Tem como objeto desenvolver as teorias de que os lexicógrafos lançam mão para solucionar problemas práticos. E, se preocupa em analisar o léxico sob todos

os âmbitos, a citar, o da Fonética, Morfologia, Sintaxe, Etimologia, formação de palavras e sempre relacionando tais análises com o significado, ou seja, com a Semântica.

Lexicografia- foca na elaboração de dicionários, vocabulários e afins. Estudo científico e analítico das técnicas de elaboração dos dicionários (p.ex., sobre os princípios de seleção do vocabulário, de classificação dos vocábulos, de definição e descrição dos significados etc.). Conforme Mário Vilela (1994, p.10):

A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico, mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

È inegável que Lexicologia e Lexicografia são ciências que se interpenetram, uma depende da outra, enquanto a primeira estuda o léxico de uma língua em toda a sua amplitude a segunda registra as palavras estudadas em dicionários, pois somente depois de dicionarizadas elas poderão ser consideradas como parte de um léxico, antes disso podem permanecer por longo tempo, não incorporadas tendo em vista que não possuem registro escrito, não são, portanto, “oficialmente” da língua, embora sirvam como instrumento de comunicação e expressão.

Na Lexicologia a palavra é tida como a unidade básica, a “*lexie*”, suscetível de análise sob os dois eixos: o paradigmático no qual se observam as comutações possíveis em um mesmo segmento do enunciado, o das substituições; e, o das combinações em que se analisam as probabilidades combinatórias da palavra na cadeia falada, com as variantes de significação e os diferentes efeitos de sentido que daí resulta, o sintagmático. Os gregos foram um dos primeiros povos a pesquisarem a palavra como unidade significativa do discurso, teoria questionada pelos linguístas e investigadores na atualidade.

O que só foi possível na década de 50 a 70, reitera-se, após o aprofundamento dos estudos da linguagem e o surgimento da Teoria da Informação que possibilitaram o aperfeiçoamento dos estudos do léxico. Nessa esteira, as divergências são inevitáveis, a começar pelos estudos e posicionamentos da professora Biderman (1978, p. 73) para quem: “a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante”. Suas ideias remetem à hipótese de Sapir Worf segundo o qual não se pode dar um valor absoluto ao conceito de palavra. Biderman (1978, p. 85) reitera ainda em relação às palavras que: “[...] Os seus

contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa - morfema- e uma unidade sintagmática maior – o sintagma”.

Mario Vilela (1979) é outro estudioso que demonstra um interesse em delimitar e definir a palavra como unidade básica e significativa do léxico, que se infere no sistema basilar de uma língua, apesar das várias acepções que a norteiam, tais como, palavra léxica, sintagma, item lexical, lexema, lexia. Segundo ele: “[...] a palavra léxica apresenta a relação imediata língua-realidade extralinguística, contudo, tem-se normalmente como certo que o conceito de palavra com que a Linguística trabalha é uma noção refletida e empírica”. (VILELA, 1979, p.115).

Há também, a Semântica lexical, que tem como objeto a Lexicologia e situa-se no nível da *langue*, contexto em que se encontra a sistematicidade das unidades lexicais, o que não significa que seja essencialmente funcional ou tenha caráter distintivo, refere-se àquilo que é fixado socialmente por uma comunidade lingüística, faz parte da norma; e ao que diz respeito ao discurso concreto, às relações com o extralinguístico, pertence ao nível da *parole*.

Na concepção do linguísta Dino Preti (1982, p. 62), a língua no seu conjunto é um diassistema que compreende as diversas variações que nela ocorrem; as variedades diastráticas que determinam os fatores sócios culturais, as *diatópicas que denominam as variações de natureza espacial, como os falares regionais ou locais*; e as variantes diafásicas determinadas pela situação, ambiente em que se encontra o falante, ocorrem entre a oralidade e a escrita. O trabalho que se realiza, no momento, faz um estudo das variações diatópicas na obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

A composição do léxico da língua portuguesa deu-se a partir do latim vulgar, que assumiu a função de estrato, e já trazia as marcas de línguas diversas, e ao longo de sua constituição agregou novas influências e contribuições de povos diversos. Dessa mesclagem, herdamos um repertório vocabular permeado de empréstimos e câmbios semânticos, que resultou em um léxico dinâmico que reflete as inovações, no âmbito político, econômico, social, cultural e científico; e configurou o léxico como sendo uma necessidade para manter a sistematicidade da língua e da comunicação entre os falantes, bem como uma exigência em configurar o que de novo surge na comunidade.

4.2 Considerações sobre léxico português

O essencial da significação de qualquer sistema linguístico reside no léxico, isto se comprova quando observamos que dia após dia ele é modificado e ampliado por seus usuários, que no anseio de transmitir seu pensamento, expressar suas emoções, interagir com seu grupo social, introduzem, renovam, alteram as palavras, para se manterem conectados com o mundo em que vivem. O posicionamento de Viela (1994, p. 6) corrobora com a ideia apresentada. Para o autor:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade.

O léxico de uma língua representa o povo que o utiliza, e conseqüentemente revela sua cultura, sua origem linguística, ou seja, os povos que contribuíram para formação de uma determinada língua. No que concerne a este trabalho é importante discorrer sobre o léxico da língua portuguesa, destacando sua origem e as contribuições recebidas ao longo de sua formação.

O léxico da língua portuguesa é de origem latina, tendo em vista que é do latim que provêm as línguas românicas, entre elas o português. Considerando toda a história interna e externa que marcaram o domínio romano, sobretudo na Península Ibérica, a permanência dos árabes, a invasão dos povos bárbaros à Península, juntamente com os povos que lá já existiam, deixaram registradas suas marcas no léxico da língua nacional. Assim como traços de suas etnias, culturas, folclore, famílias linguísticas, enfim, de alguma forma, se mantêm vivos em nosso idioma.

Após a chegada dos navegadores portugueses ao Continente Americano, tem início o período de colonização no Brasil, observa-se que paralelamente à conquista política ocorre a conquista linguística. A língua portuguesa trazida pelos europeus ao Brasil deparou-se com as línguas dos aborígenes e com elas conviveu por vários séculos, numa situação de adstrato.

O português, língua dos colonizadores, predominou, recebendo influência das línguas nativas, e em um dado momento da história, como consequência de questões políticas e econômicas, recebe outras intervenções. Primeiramente da língua dos africanos e mais tarde dos imigrantes de diversas nacionalidades europeias. Todo esse convívio etnolinguístico contribuiu para delinear ainda mais o léxico português falado no Brasil. Para consolidar essas reflexões é pertinente a assertiva de Faraco (2005, p. 14), para quem:

A realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo.

As palavras do autor ratificam a ideia de que as línguas são dinâmicas e estão em constante atividade para satisfazer as necessidades de seus falantes, pois estes, a todo o momento estão incrementando, criando, transformando palavras, mudando desde aspectos da pronúncia até aspectos de organização semântica e pragmática. São os usuários de uma língua os responsáveis por todas as alterações ocorrentes no seu léxico, dentre eles é necessário destacar a participação do literato, ou seja, do artista da palavra: os poetas, escritores, compositores que de forma criativa e engenhosa “*Torce, aprimora, alteia, lima*” (Olavo Bilac, Profissão de fé) e assim, enriquecem o léxico de sua língua.

Rodolfo Ilari (1992, p. 213) defende que um dialeto para se transformar em língua nacional e assim representar um povo, uma nação, politicamente organizada, precisa apresentar dentre outros critérios a produção de uma literatura, e não se limite à literatura, estende à necessidade e importância de outros documentos escritos, reveladores da cultura de um povo, tendo em vista serem nestes onde fica registrada para a eternidade a existência de uma nação, uma estética, uma região, um estilo que certamente vai interferir no léxico de uma língua, valorizá-lo e desenvolvê-lo cada vez mais. Diante desses argumentos, dedicou-se neste trabalho um capítulo no qual se fala sobre a linguagem literária e sua contribuição com o léxico; outro que apresenta um panorama da literatura, a partir do Romantismo, estética em que se verifica uma produção literária genuinamente brasileira, inclusive em relação à linguagem, e às origens do romance regionalista na literatura nacional.

4.3 Estudos do léxico literário brasileiro

Na primeira metade do século XX, o interesse pelo desvendamento das particularidades do português brasileiro cresceu impulsionado não tanto por certas veleidades nacionalistas, mas, sobretudo, pelo prestígio que os estudos dialetológicos tinham alcançado entre nós logo após a fundação da Geografia Linguística, que se firmara como ciência em reação à onda neogramática do final do século XIX. Prestigiada como estudo científico, arrimada numa metodologia de trabalho de campo considerada rigorosa, a Dialectologia imprimia à pesquisa linguística um rumo novo e promissor. O mais célebre resultado dessa reorientação no cenário brasileiro é o *Atlas prévio dos falares baianos*, elaborado sob a orientação de Nelson Rossi e publicado em 1963. A este se seguiram outros, como o *Atlas linguístico de Sergipe*, o *Atlas dos falares mineiros*, o *Atlas linguístico da Paraíba* e o *Atlas linguístico do Paraná*.

Os esforços desses especialistas foram ainda secundados por outros pesquisadores, não necessariamente dialetólogos ou lexicógrafos, que deram importantes contribuições para o conhecimento das peculiaridades lexicais do português brasileiro: são vocabulários regionais, léxicos de variados ramos de atividade econômica, glossários diversos, como os que acompanham edições de obras literárias que retrataram regiões e costumes do Brasil. São muitas as contribuições desse gênero. A título de exemplificação restrita ao domínio da linguagem literária, registrem-se os seguintes títulos, todos ricos em informações sobre o vocabulário dos respectivos textos:

- LOPES NETO, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Edição crítica com introdução, variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda. 2 ed. Rio/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1961.
- PAIVA, Manuel de Oliveira. *D. Guidinha do Poço*. Posfácio e glossário de Américo Facó. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- ZACHARIAS, Manif. *Lexicologia de “Os Sertões”*. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

4.4 Analisando o léxico em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

De acordo com o exposto em capítulo anterior, a obra em estudo possui particularidades que a enquadram como romance regionalista. Quanto ao seu autor, Graciliano Ramos, viveu a maior parte de sua vida em Alagoas, logo é compreensível que seu vocabulário revele as vivências socioculturais de sua terra, apesar de não ter formação de nível superior, detinha um repertório de leituras bastante erudito e diversificado, o que, indubitavelmente, contribuiu para que o romancista criasse um estilo próprio refinado, conforme afirmação de Raimundo Araújo que fazer a introdução da obra de Paulo Mercadante, Graciliano Ramos: o manifesto do trágico, enumerou algumas características do autor, entre elas, que faz “uso da língua, numa fusão perfeita da fala popular e da norma erudita”.

É importante destacar algumas análises em torno do léxico de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, com o objetivo de viabilizar a produção do glossário a ser elaborado. A obra de caráter regionalista ligado à denúncia social em que o autor insatisfeito com a situação política do país, com as injustiças sociais traz a lume esse sentimento, retratando como vive o brasileiro no sertão nordestino, castigado pela seca, passando fome, em completa miséria e abandono das políticas públicas.

Observa-se que o léxico do velho Graça na obra, está repleto de termos regionais nordestinos, provenientes de diversas culturas, encontramos alguns de origem indígena, como por exemplo: *aió, cuia, embira, jirau, mundéu, pucumã*, os arcaísmos também são constantes: *côvado, aluvião, ditério*, encontra-se termos caracterizadores do sertão nordestino: *baraúnas, imbu, imburana, juazeiro, mandacaru, quipá, xiquexique*.

Para expressar suas ideias com criatividade o autor amplia, incrementa, as palavras, construindo um estilo próprio a partir de sua realidade sociocultural como em: *azuretado, desprecatado, embatucar, emproado, esbrugar, pezunhar, taramelar, tresvariar*. Percebe-se que Graciliano tem certa preferência em utilizar o verbo de forma envolvente, empregando alguns recursos literários, e com isso dá um certo destaque à obra, como fez com o verbo gorgolejar em “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e Sinhá Vitória, embalando as crianças, enjouou-se da cadela achacada, **gargarejou** muxoxos e nomes feios”. (p. 87). Aqui ele usou o verbo com sentido de falar baixinho, de forma incompreensível e em “Por que gritavam a cantoria **gorgolejada** e triste?” (p. 69) no sentido de proferir com voz trêmula, evocando tristeza.

É interessante comentar o uso de termos da fase pré-românica da Península Ibérica como: cambão, cambembe e cambito. Ao pesquisar sobre a etimologia dessas palavras detectou-se que se originam da mesma raiz camb- que de acordo com Nascentes (1955) é de origem céltica e denota coisas curvas, tortas. Entende-se que os indivíduos na necessidade de interagir em seu meio social foram acrescentando diversos morfemas à raiz camb- ampliando e especificando seu sentido de acordo com as situações vivenciadas. Assim, encontram-se na língua portuguesa os termos: cambada, cambaio, cambalacho, cambão, os verbos cambaleiar, cambiar etc.

Graciliano Ramos utilizou cambão com sentido figurativo, ao se referir a sua família. Em cambembe, se refere a indivíduo pobre de área rural, uso próprio do falar alagoano, segundo Houaiss. Já em cambito o sufixo -ito denotador de diminutivo, insere à palavra o significado de fino, magro, o autor faz uma comparação, traço comum em sua linguagem. Maiores informações sobre os referidos termos encontram-se no glossário, no capítulo seguinte desse trabalho.

Outra observação interessante na obra é marcada com a palavra **rasto**, usada em dois momentos e com sentidos diferentes, vejamos: “Fabiano curou no **rasto** a bicheira da novilha raposa.” (p. 17); “Fabiano atrás, de facão de **rasto** e faca de ponta...” (p. 118). Na primeira ocorrência se refere a rastro, marcas de pés, que o autor apropria-se da forma popular rasto, criando um estilo próprio como fez ao preferir usar sinha em vez de sinhá e catinga em lugar de caatinga, forma mais usada. Na segunda ocorrência, rasto se refere a instrumento usado para abrir sulcos na terra.

Em alguns momentos percebe-se que o autor faz uso de termos que não se usa mais, como é o caso de **‘mor’** forma reduzida de amor com sentido de causa, “Por **mor** de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.” (p. 32).

De acordo com Azeredo (2010 p.411) a análise do significado lexical deve ser realizada mediante o agrupamento, do léxico, em diversos subconjuntos razoavelmente homogêneos: famílias lexicais, campos semânticos e em terminologias. Em conformidade com o autor supracitado, optou-se em organizar os elementos lexicais, que poderiam ser selecionados para fazerem parte do corpus, em terminologias. Conforme o demonstrativo a seguir:

TERMINOLOGIAS REFERENTES À:	
UTENSÍLIOS	Aió, cuia, espingarda de pederneira, baú de folha, chocalho, mourão, bolandeira, creolina, binga, panelas de losna, querosene, picuá, quenga de coco, alforjes, caco das galinhas, mundéu, cortinas de pucumã, abano, jirau, cama de varas, cama de lastro de couro, candeeiros, rede, pilão, cestos, cumbucos, látigo, carro de bois, cabaça, cambão, catre, matalotagem, pinguela, taramela, trempe,
VESTUÁRIO	Saias de ramagens, roupa encarnada, camisinha encardida e rota, perneira, gibão, guarda-peito, sapatos de couro cru, chita, alpercatas, sapatos de verniz, cilha, rosetas, chapéu de baeta, botinas de vaqueta e elástico, vestido vermelho de ramagens, sapato de salto, camisinha de riscado, calça, paletó, colarinho e gravata, camisinha de algodão, chapéu de couro, farpela,
FLORA/FAUNA	Juazeiros, rio seco, catinga, urubus, papagaio, embira, cabras, macambira, preá, xiquexique, mandacaru, alecrim, novilha raposa, quipá, catingueira, baraúna, craveiros, jatobá, galinha, cavalo de fábrica, vaca laranja, raposa, égua alazã, imburana, bode, periquito, pé de turco, serra, capões do mato, sucupira, angico, sapo, lagoa, barreiro, égua ruça, bezerro morrinhento, mulungu, cascalho, quixabeira, caititu, marrã, taquari,
ITENS CULTURAIS	Pirralho, vaqueiro, cangote, retirantes, fazenda, curral, chiqueiro, tapera, cerca, pinga, poleiro, festa de natal, bozó, cobras mortas, porteira, aboio, borralho, cambembe, cocorote, côvado, ditério, dunga, fuzuê, taipa, vara,
CÔMODOS DA CASA	Pátio da fazenda, copiar, camarinha, caritó, oitão, cozinha, sala, quintal, bodega.
ALIMENTAÇÃO	Sal, farinha, feijão, rapadura, raiz de imbu, sementes de mucunã, carne seca, osso.

A partir dessa classificação dos elementos lexicais em terminologias, da obra em estudo, foi realizada uma seleção dos verbetes que serão apresentados no glossário, a seguir.

Considerando que a língua é dinâmica e sofre constantes transformações em seu léxico, podemos entender que os regionalismos presentes na obra supracitada, do período em que foi produzido aos dias atuais, podem ter sido deslocados para outras regiões do país como consequência de acontecimentos sociais, políticos e econômicos, como é o caso do

deslocamento de nordestinos para o sul e sudeste do país em busca de sobrevivência, fugindo da seca do sertão.

4.5 Metodologia

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, é ao mesmo tempo uma obra-prima e a síntese mais bem acabada da ficção regional nordestina da Literatura Brasileira dos anos de 1930. Seguramente por sua representatividade no ciclo nordestino do movimento modernista – apesar da opinião do próprio autor, que declarava que a obra nada devia ao Modernismo como movimento organizado – ela tornou-se referência nas aulas de literatura brasileira no ensino médio, passando a figurar na lista de leituras obrigatórias para ingresso em muitas universidades do país.

O romance foi traduzido para diversas línguas, o que faz com que a literatura brasileira seja valorizada também no exterior. Considerando que a obra pode, entre outros aspectos, ser um documento sobre a vida miserável de uma família nordestina que se confunde com o próprio espaço em que vive, vemos o quão útil pode ser um estudo minucioso do vocabulário que permeia o cotidiano desse universo ficcional em que vivem os personagens. Um glossário que tenha por foco em especial os termos e acepções regionais pode ser de grande utilidade para os futuros leitores.

Para realização deste trabalho foi feito um estudo léxico-semântico em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, observando a linguagem regional e o estilo do autor. Foram selecionados 80 vocábulos: substantivos, adjetivos, verbos e também expressões regionais ou próprias do autor, sendo que algumas dessas expressões não foram encontradas em dicionários. Inclui-se também nesta seleção nomes botânicos por serem caracterizadores do ambiente regional nordestino, bem como por se integrarem ao enredo, não apenas como um cenário referencial, mas como um elemento personificado.

Para caracterizar cada palavra deste glossário, que tem como corpus o referido romance, foram utilizados principalmente os dicionários: Antônio de Moraes Silva, Antônio Houaiss, Aurélio Buarque de Holanda, Caldas Aulete, Francisco Borba e os dicionários etimológicos de Antenor Nascentes e Antônio Geraldo da Cunha.

Na elaboração do glossário foram aplicados os seguintes procedimentos para a estrutura dos verbetes:

1. Os verbetes são impressos em maiúscula e negrito;
2. Substantivos e adjetivos vêm no masculino singular e os verbos aparecem no infinitivo;
3. As ocorrências vêm logo após a entrada dos verbetes, seguidas das acepções que fazem jus ao contexto. As ocorrências foram marcadas com a página da obra em estudo para melhor localização.
4. Em seguida, vem a etimologia de cada termo. Fez-se necessário colocar a etimologia para identificar os regionalismos e arcaísmos que são comuns na linguagem do autor;
5. No glossário inclui-se o item “outras acepções”, que contempla outros sentidos que as palavras selecionadas podem assumir no uso comum da língua;
6. Alguns verbete traz um item denominado “Outras considerações”, que ressaltam observações interessantes como, por exemplo, saber se o termo é de alguma região do nordeste ou é comum às demais regiões brasileiras; se o termo é característico do estilo do autor ou ocorrem diferenças entre os dicionários.

Acredita-se que esses procedimentos esclareçam com maior propriedade os verbetes selecionados. E assim, possam contribuir de forma significativa para a construção de um dicionário da obra ficcional de Graciliano Ramos.

4.6 Listagem e comentários

1. **Aboio.** “O **aboi** era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.” (p. 75).

Acepção: s.m “canto dolente e monótono, ger. sem palavras, com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam as reses; aboiado.” O texto de Graciliano, como se vê, incorpora o discurso lexicográfico.

Etimologia: o substantivo *aboi* é forma regressiva do verbo *aboiar*, constituído, por sua vez, de *a* + *boi* + *ar*.

2. **Aboletar.** “Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, **aboletar-se** noutra lugar, recomeçar a vida.” (p. 111).

Acepções: v.p. acomodar-se em qualquer lugar; alojar-se, instalar-se.

Etimologia: este verbo origina-se em *boleto* (do it. Bolletta, ‘salvo-conduto’) que, em antigo uso militar, significava ‘ordem escrita para alojamento’. Por extensão metonímica, *boleto* passa a designar um espaço de acomodação. Formação morfológica: *a-* + ²*boleto* + *-ar*.

Outras acepções: sentar-se, deitar-se ou estender-se de modo solto, cômodo, relaxado ou descontraído, no intuito de descansar. Alojamento por *boleto* (ordem escrita).

3. **Aió.** “Em seguida acocorou-se, remexeu o **aió**, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.” (p. 16).

Acepções: sm bolsa de caça trançada com fibras de caroá.

Etimologia: segundo Nascentes, do cariri.

Outras considerações: o termo é considerado um regionalismo do Nordeste do Brasil, segundo A. Houaiss e C. Aulete. Este vocábulo é usado diversas vezes na obra em estudo e também em outras obras do autor, como em *Infância*, (p. 242) “O **aió** sujo pesava-lhe no ombro; o chapéu de palha esburacado não lhe protegia a cabeça curva; o ceroulão de pano cru, a camisa aberta, de fralda exposta, eram andrajos e remendos.”

4. **Amodorrar.** “Iam-se **amodorrando** e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá.” (p. 14).

Acepção: int. e p. acomodar-se sem forças, abatidos em consequência da fome e do calor do sertão.

Etimologia: segundo CUNHA (2010), o termo ‘modorra’ [prostração mórbida, sonolência] pode ter alguma relação com o basco *mutur* ‘enojado, incomodado’. Formação: *a-* + *modorra* + *-ar*

Outras acepções: tornar-se sonolento, tornar (-se) inativo, indolente, entranhar-se em (pronominal). Cair em abatimento, em prostração: afundar-se, submeter-se.

5. **Azuretado.** “Quem não ficaria **azuretado** com semelhante despropósito?” (p. 32).

Acepção: adj. Um tanto atordoado, desorientado, desequilibrado; aturdido; apoquentado.

Etimologia: a expressão ‘casa dos orates’ (casa dos doidos, manicômio) é forneceu, seguramente, a base do verbo ‘azoratar’, com as variantes *azoretar* e *azuretar*. Formação: a+*zorate+ar. ‘Azoretado’ é particípio de *azoretar*.

Outras considerações: pode-se dizer que este termo é um regionalismo nordestino e faz parte do vocabulário do autor, podendo ser detectado em outras obras como em Primeira aventura de Alexandre, em Alexandre e outros heróis “Mas desprevenido, no escuro, levantei-me **azuretado**, com o cabresto na mão...”; “Eu sou mesmo um sujeito meio **azuretado**”. (SB, p.106).

6. **Baraúnas.** “Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as **baraúnas**.” (p. 19).

Acepção: sf árvore leguminosa de grande porte, cuja madeira duríssima é muito apreciada em construções. Também lhe chamam braúna, garaúna, graúna, Maria-preta-da-mata, rabo-de-macaco.

Etimologia: F.: Do tupi imbira' una ' madeira preta'.

Outras acepções: sm. Bovino com pelagem bem escura. Que tem pelagem escura (diz-se de bovino).

Outras considerações: baraúna é um elemento da natureza, no qual o autor utiliza para fazer uma de suas comparações. Percebe-se na obra, que a comparação aparece em várias outras situações, é um recurso que faz parte do estilo de GR.

7. **Bilro.** “As pernas dos meninos eram finas como **bilros**.” (p. 36).

Acepção: sm peça de madeira ou metal semelhante a um fuso, usada para tecer rendas em almofada própria ou modelar cabelos.

Etimologia: deriva do latim *pirulu* que significa girar. De *pirulu* deu primeiro birlo que por metátese se transformou em bilro.

Outras considerações: nessa ocorrência constata-se mais uma comparação do autor. Observa-se também, que o verbete apesar de ter sofrido transformações em sua estrutura ao longo do tempo, ainda conserva seu sentido originário, pois girar é o movimento que se faz com o bilro para tecer rendas ou modelar os cabelos.

8. **Bodega:** “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à **bodega** de seu Inácio, onde guardara os picuás”. (p. 27).

Acepção: s.f. quitanda. Pequena mercearia de secos e molhados.

Etimologia: lat. *apothéca,ae* 'lugar onde se guardam comestíveis, despensa', do gr. *apothêké,és* 'depósito, armazém (de víveres, de provisões), adega'.

Outras acepções: Taverna de feira. Taverna pequena e suja. Coisa suja. Comida grosseira. Porcaria. droga; porcaria: O serviço feito ficou uma bodega. Expressa irritação, contrariedade.

Outras considerações: em alguns estados da região Nordeste é muito comum o uso do termo bodega para nomear pequenos comércios de produtos alimentícios, podendo ser considerado como um regionalismo nordestino.

9. Bolandeira: “Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da **bolandeira** de seu Tomás.” (p. 103).

Acepção: s.f. Nos engenhos de açúcar, grande roda dentada que gira sobre a moenda movimentando as mós. Em casa de farinha, roda sobre eixo vertical que impulsiona o ralador de mandioca.

Etimologia: origina-se do espanhol *volandera*, que significa mó superior.

Outras acepções: (Bras., Norte) máquina descaroçadora de algodão. Edifício onde funcionam estes aparelhos. Nas jangadas, pedaço de madeira ao qual se prende a extremidade da caçoeira ('rede'), com uma corda.

Outras considerações: Termo comum na linguagem nordestina, presente também em São Bernardo: “Trouxeram máquinas e a bolandeira do major *parou*”. (SB, p.37).

10. Borrvalho: “... experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do **borralho**.” (p. 57).

Acepção: s.m. braseiro, amortecido e coberto de cinzas, recanto aquecido e aconchegante, lareira, a casa, o lar.

Etimologia: origina-se do latim *burra* com sentido de tecido grosseiro de lã, bagatelas, coisas sem importância. Segundo Cunha, no século XVI, o elemento lexical *borra* \ô\ ganha o sufixo - *alho*, quando surgem as variantes *borralha* / *borralho* se referindo a cinzas.

Outras acepções: Variedade de feijão. Adj. Diz-se do touro que tem cor cinza. Ausência completa de movimento do ar; calmaria.

11. Brabo: “Tinha vindo ao mundo para amansar **brabo**”. (p. 97).

Acepção: o adjetivo brabo é variante popular de bravo, que significa ‘pouco ou nada’ domesticado (diz-se de animal); feroz, selvagem. No texto, designa, como substantivo, o próprio animal com essas características.

Etimologia: do latim vulgar **brabus*, decorrente de *barbārus*, forma latina do gr. *bárbaros* ‘estrangeiro, bárbaro, grosseiro, não civilizado’.

12. Branco: “Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do **branco**, certo de que fora enganado.” (p. 76).

Acepção: usa-se no Nordeste brasileiro para significar ‘senhor de escravos’ e, por extensão, ‘patrão, pessoa importante ou pessoa da classe dominante’. Neste sentido, que é o do texto de Graciliano, também é empregado no poema famoso de Manuel Bandeira, *Irene no céu*: “Licença, meu branco!” Fica patente nesse uso a influência do contexto ideológico colonial: da referência objetiva à cor da pele passa-se à acepção do poder representado pelo colonizador europeu.

Etimologia: do germ. *blanck*, ‘brilhante, branco, límpido’.

13. Caititu: Por que seria que aquele safado batia os dentes como um **caititu**? (p. 103).

Acepção: **s.m.** mamífero de patas pretas, pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho claro, com uma linha de longos pelos no pescoço.

Etimologia: tupi *taïte'tu* ‘porco do mato’

Outras acepções: peça principal dos aparelhos de ralar mandioca ou outros produtos, formada por um cilindro com serrilhas metálicas; rodete.

Pessoa que tenta promover a difusão e execução de composições musicais, em estações de rádio e de TV, festas, bailes etc. por meio da distribuição de material promocional, brindes ou até suborno.

14. Camarinha: Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à **camarinha** escura, pareciam ratos – e a lembrança de sofrimentos passados esmorecera. (p. 18). Ergueu-se, foi à **camarinha** procurar qualquer coisa, voltou desanimada e esquecida. (pág. 46). Sinha Vitória fechou-se na **camarinha**, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta: (p. 86).

Acepção: **s.f.** quarto de dormir; câmara, quarto.

Etimologia: o port. câmara provém do lat. vulgar *camara* (lat. cláss. *câmera* ‘teto curvo, abóbada’; por ext., compartimento, aposento). Formação: *câmara* + *-inha*

Outras acepções: (náut.) casa da ré. Pequena prateleira do canto de uma sala ou quarto. Diminutivo de câmara. Bago pequeno e redondo de certas plantas, como a groselheira. Fig. Gota, principalmente de suor ou de orvalho. Esconderijo de bandidos, no mato. Clareira deixada num canavial depois de corte ou roubo de cana. Quarto muito reservado de um candomblé.

- 15. Cambão:** “Sem aqueles **cambões** pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como uma onça e faria uma asneira”. (p. 37).

Acepção: 1. peça de madeira com que se prende por correias um ou mais bois a um carro, arado, moinho, engenho ou outro aparelho ou veículo de tração animal; 2. pedaço comprido de madeira que se amarra por uma das extremidades ao pescoço de um animal, dificultando-lhe o movimento das pernas e impedindo-o de correr. O sentido figurado do texto ajusta-se à acepção 2.

Etimologia: origina-se de *camb-* raiz de origem céltica tem a ideia de arquear, encurvar. Camba recebe o sufixo *-ão* para formar o substantivo.

- 16. Cambembe:** “**Cambembes** podiam ter luxo? E estavam ali de passagem.” (p. 23)

Acepção: **s.m.** caipira. Gente humilde que mora no campo. Habitante pobre de uma área rural.

Etimologia: é de origem céltica, raiz *camb-*, *camba*, que segundo Geraldo Cunha talvez tenha recebido influência do quibundo *ka'meme*, ampliando o sentido para *cambaio*, desajeitado, sem importância.

Outras acepções: **adj.** trabalhador assalariado, que trabalha com escravos. Sem valor ou importância. *Cambaio* (que tem pernas tortas). Desastrado.

Outras considerações: de acordo com Antonio de Moraes e Houaiss este vocábulo é um substantivo quando denota um regionalismo alagoano, podendo assumir em alguns usos a função de adjetivo ou substantivo comum de dois generos.

- 17. Cambito:** “... agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como **cambitos**.” (p. 11).

Acepção: **s. m.** pernas ou braços, finos de homem ou de mulher.

Etimologia: origina-se de *camb-* raiz céltica que designa coisas curvas com o acréscimo do sufixo de sentido diminutivo passa a caracterizar pernas ou braços finos.

Outras acepções: Pernil de porco. Cabide de madeira. Aparelho para colher tabaco ou fuma de corda. O mesmo que libélula. No plural: cambitos significa morrer (Esticar os cambitos).

- 18. Caritó:** “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do **caritó** o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar.” (p. 41). “Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do **caritó**, e sinhá Vitória voltou para junto da trempe, reacendeu o cachimbo.” (p. 44).

Acepção: s.m. pequenas prateleiras de madeira ou cava feita nas paredes dos quartos, das casas de taipa.

Etimologia: segundo Nascentes, de orig. indígena.

Outras acepções: Gaiola de prender caranguejos para engorda. Ir pro caritó, ficar solteirona. Aposento em que se guardam cacarecos, velharias. Casa de gente pobre, casinhola. Compartimento acanhado em casa de moradia.

Outras considerações: termo usado pelo autor em outras de suas obras como em: “E a casa é grande tem uma porção de **caritós**”. (SB, p. 94).

- 19. Catinga:** “Trepou-se no mourão do canto, examinou a **catinga**, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.” (p. 13).

Acepção: s.f. Vegetação típica do sertão semiárido nordestino, composta esp. de pequenas árvores e arbustos espinhosos que perdem as folhas na estação seca, além de cactáceas, bromeliáceas e pequenas ervas.

Etimologia: tupi *kaa'tinga*, de *ka'a* 'mato, vegetação' e *'tinga* 'branco, claro'.

Outras acepções: Mau cheiro que exala um corpo suado ou sujo. Avarento, sovina. Variedade de tainha ou parati, em Santa Catarina.

Outras considerações: as variantes caatinga/catinga, de acordo com os dicionários pesquisados, apresentam algumas diferenças de sentido. Francisco Borba define ambas com mesmo significado, ou seja, vegetação de região árida do Nordeste, Antonio de Moraes utiliza o termo catinga para definir tipo de vegetação do Nordeste e também as outras acepções relacionadas neste glossário, Caldas Aulete traz as duas formas para definir tipos de vegetação.

- 20. Catre:** “Bem no meio do **catre** havia um nó, um calombo grosso na madeira.” (p. 45).

Acepção: s.m. Leito tosco e pobre. Cama pobre, miserável.

Etimologia: segundo Delgado, do malai *ka^til* 'leito, sofá' e do conc. *ka^hhlêm* 'leito toscos e pobres', der. do sânsc. *kha^ta*, que deu *khát* em conc. e mar. e o dim. *Káthlêm*.

Outras acepções: cama de viagem, dobrável. leito de lona engradado que se suspende pelas cabeceiras nos vãos das cobertas dos navios. Regionalismo: Sul do Brasil. espécie de jangada. Chupim (pássaro).

Outras considerações: o autor usa outra expressão para se referir ao leito rude, como por exemplo: “... mas sinha Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se para tampar os ouvidos...” (p. 86).

21. Cocó: “Distinguiu o cocó de sinha Vitória, que se escondia atrás de uma coluna.” (p. 75).

Acepção: s.m. rodilha de cabelos no alto da cabeça; coque; birote; pitó.

Etimologia: Posv. do gr. *kókkos* 'grão', pelo lat. *cocum*, pelo fr. coque.

Outras acepções: na linguagem infantil qualquer galináceo.

22. Cocorote: “Aí sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.” (p. 56).

Acepção: s.m. Pancada com os nós dos dedos na cabeça de outrem: carolo.

Etimologia: orig.duv. ou mesmo obsc.

Outras acepções: s.m. rodilha de cabelos no alto da cabeça; coque; cocó.

Outras considerações: com exceção de Francisco Borba que dá ao vocábulo o mesmo significado de cocó, todos os outros dicionários pesquisados foram unânimes, com o sentido dado de acordo com o contexto, inclusive vemos no Aulete digital o mesmo registro de Graciliano Ramos citado no presente trabalho, comprovando tratar-se de um regionalismo nordestino.

23. Copiar : “Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família.” (p. 13); “Em seguida Fabiano subiu no copiar, saltou a sela, a mulher recuou – e foi um redemoinho na catinga.” (p. 48); “Nesse momento Fabiano andava no copiar, batendo castanholas com os dedos.” (p. 87).

Acepção: s.m. alpendre das casas rurais nordestinas, com teto sustentado por madeiras e prumo, e que serve, às vezes, de varanda; copiá, copiara.

Etimologia: tupi **kopi'ara* ou **kupi'ara* 'alpendre na parte dianteira das casas indígenas'.

Outras acepções: v. t. Fazer a cópia de: transcrever. Imitar, plagiar.

24. Cotovelo do caminho: “Num **cotovelo do caminho** avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar,” (p. 12).

Acepção: expressão comum na linguagem nordestina, que significa uma curva da estrada.

Outras considerações: o autor utiliza-se de outras expressões semelhantes com este mesmo sentido, vejamos: “Os meninos sumiam numa **curva do caminho**.” (p. 122); “Dobrando o **cotovelo da estrada**, Fabiano sentia distanciar-se um pouco dos lugares onde tinha vivido alguns anos” (p. 122).

25. Còvado: “Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em **còvado**, receoso de ser enganado.” (p. 27).

Acepção: s.m. medida de comprimento, já fora de uso, igual a sessenta e seis centímetros.

Etimologia: lat. *cùbitus*, i 'cúbito, cotovelo, medida de comprimento', pelo port.medv. *còvedo*.

Outras acepções: s. m. parte da caverna da embarcação que começa a formar a volta para cima. Feijoeiro de vagens muito compridas, o mesmo que feijão-chicote

26. Cuia: “Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a **cuia** pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (p. 9).

Acepção: s.f. a casca do fruto da cueira, que depois de seca e de se lhe extrair o milho é empregada pelos indígenas para vários utensílios, como pratos, púcaros, etc. Vasilha feita da fruta cutié: cabaça

Etimologia: tupi '*kuya* 'vasilha feita da fruta da cueira'

Outras acepções: medida de capacidade correspondente a dez litros, variando, às vezes, de região para região. Parte do penteado das senhoras formados por cabelos postiços, juntos e enrolados em uma almofada que se coloca sobre a nuca. Cabeça, coco. Minas Gerais Meretriz. Cada prato da balança. Juntar as cuias o mesmo que mudar-se. Tomar (levar) na cuia, apanhar pancada. Banzé de cuia, conflito, confusão, escândalo. Prostituta.

27. Desprecatado: “Fabiano ia **desprecatado**, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores.” (p. 101).

Acepção: **adj.** desprevenido, incauto, não tomar cautela.

Etimologia: segundo Nascentes, precatar deriva do latim *praacautu* que significa acautelado, prevenido. O prefixo latino des- exprime negação vai dá a palavra o sentido usado por GR.

Outras considerações: O Dicionário de Usos de Francisco Borba não traz este vocábulo, entende-se por isso tratar-se de um regionalismo em desuso.

28. Ditério: “Um **ditério** sem importância.” (p. 105).

Acepção: **s.m.** dito satírico, motejo, chufa. (Bras., Sul) (pop.) Dito, ditinho, mexerico. Falatório, mexerico, fuxico.

Etimologia: tem origem no grego *deiktérion* para o latim *dicterium*.

Outras considerações: O Dicionário de Usos de Francisco Borba não traz este vocábulo, entende-se por isso tratar-se de um arcaísmo.

29. Dunga: “Nunca vira uma pessoa tremer assim. Cachorro. Ele não era **dunga** na cidade? Não pisava os pés dos matutos, na feira?” (p.103)

Acepção: **s.m.** indivíduo corajoso; arrojado, valentão.

Etimologia: segundo Nei Lopes (apud Houaiss), do quicongo *ndunga*, ‘pessoa de grande porte’.

30. Embatucar: “Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, **embatucara**.” (p. 32).

Acepção: **v. t. d. e int.** ficar sem ação; emperrar; atrapalhar-se. Fazer calar ou calar; deixar ou ficar sem ação ou sem resposta.

Outras considerações: tem como forma variante embatocar, que permanece com o mesmo sentido.

31. Embira: “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a **embira** tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas.” (p. 12)

Acepção: **s.f.** Nome comum a numerosas árvores de diferentes gêneros e famílias que fornecem fibra ou madeira.

Etimologia: tupi *'mbira* red. de *i'mbira* 'que tem fibra etc.'

Outras acepções: Aquilo que se colheu na pesca ou na caça. Indivíduo magro e desnutrido. Lamber embira passar fome ou miséria. Meter, ou passar, nas embiras, levar preso, ou amarrar (um criminoso). Ver-se na embira 1.|| (Bras., pop.) encontrar-se em situação crítica, em dificuldades.

32. Emproado: “Andou entre as barracas, **emproado**, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés.” (p. 78).

Acepção: adj. pretensioso, altivo, orgulhoso, soberbo, vaidoso (sentido figurativo).

Outras acepções: adj. que tem proa. Que tem a proa voltada a: Os navios emproados à fortaleza. Diz-se do cavalo de boa crista.

33. Encarquilhar: “Sinha Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, **encarquilhou** as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas”. (p. 39). “**Encarquilhou** as pálpebras contendo as lágrimas, uma grande saudade espremeu-lhe o coração, mas num instante depois vieram-lhe ao espírito figuras insuportáveis: ...” (p. 121).

Acepção: v.t. fazer ficar enrugado.

34. Enfezado: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, **enfezado**, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando debalde.” (p. 20).

Acepção: adj. pouco desenvolvido; raquítico, franzino.

Etimologia: lat. *infensátum* > *infensado* 'encarniçado contra, hostil'

Outras acepções: adj. nervoso; irritado. Acanhado. Tomado de raiva, aborrecimento ou birra; irritado. De gênio temperamental, irascível. Diz-se de animal que empaca ou costuma empacar.

35. Enxerido: “O menino estava ficando muito curioso, muito **enxerido**.” (p. 20).

Acepção: adj. intrometido; atrevido.

Etimologia: segundo Antenor, provém do latim *inserere*, meter no meio.

Outras acepções: adj. Amigo de namoros; metido a conquistador. **S.m.** aquilo que se introduziu que está dentro; enchimento. s. m. aquilo que se introduziu, que está dentro; enchimento.

36. Esbrugar: “O menino mais velho **esbrugava** um osso com apetite.” (p. 124).

Acepção: **v.tr.** descascar, tirar a casca (aos frutos, aos ramos de árvores, etc.) esbrugar. Separar (a carne) dos ossos.

Etimologia: Segundo Houaiss a etimologia de esbrugar é: lat. *expurgo, as, avi, atum, are* 'tirar, limpar'.

Outras considerações: Graciliano Ramos usa *esbrugar*, variante de *esbrugar* por metátese do ‘r’. Podemos entender que se trata de um arcaísmo remanescente no falar nordestino e resgatado literariamente por Graciliano.

37. Escanchado: “... sinhá Vitória com o filho mais novo **escanchado** no quarto e o baú de folha na cabeça.” (p. 9).

Acepção: **adj.** pernas escanchadas. Escarranchado. (Bras.) Diz-se da criança conduzida às ilhargas.

Outras acepções: plantado; enraizado; grudado. VT abrir pelo meio; separar ou afastar (as pernas) uma da outra, para montar a cavalo ou sentar-se sobre algo à maneira de quem monta. Seguir pista; perseguir.

38. Esgaravatar: “Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, **esgaravato**u as unhas sujas.” (p. 18). “Esfregou as mãos finas, **esgaravato**u as unhas sujas.” (p. 60).

Acepção: **v. int.** limpar com objeto pontiagudo ou com o dedo. 2 remexer ou escarafunchar.

Formação: *es-* + *garavato* + *-ar*

Etimologia: Provém do castelhano *garabato*, forma dialetal que significa ‘gancho retorcido’. O significado do verbo se explica nas ‘outras considerações’.

Outras acepções: **v. t.** Fazer investigações ou indagações minuciosas em.

Outras considerações: o substantivo *garavato*, base da formação do verbo *esgaravatar*, significa “pau com um gancho na ponta, que se usa para apanhar frutas”. Nos dicionários modernos da língua espanhola, encontra-se *garabato* com o significado de ‘garatuja’, ‘letra mal desenhada’. Está claro que se trata de uma metonímia, pois significa o rabisco no lugar do instrumento usado para fazê-lo.

39. Espichar: “Ia crescer, **espichar-se** numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.” (p. 53). “Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando **espichar** os recursos minguados” (pág. 93).

Acepção: v. int e pron. deitar-se. **V.t.d.** Economizar (dinheiro, recursos) ou obter acréscimo ou suplemento (ao dinheiro ou aos recursos que já havia).

Etimologia: vem de espicho que se originou do latim *spiculu*, falado pelo povo dardo da Apúlia, região da Itália.

Outras acepções: v.t. fazer uma enfiada (de peixes), passando o fio pelas guelras. Fazer furo para extrair líquido de (pipa, barril etc.). Tornar mais longo. **V. int.** ficar mais alto; crescer. Uso informal: deixar atrapalhado sem resposta; morrer.

Outras considerações: O autor utiliza o verbo “espichar” em diversos momentos e com sentido e transitividade diferentes, segundo as ocorrências citadas. O vocábulo é comum na linguagem do escritor sendo usado também em outras obras como em: “D. Glória, cada vez mais espichada, agastou-se:” (SB, p.168).

40. Estazar: “Como já não se **estazava** em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando.” (p. 45).

Acepção: v. tr. cansar (o animal). causar extremo cansaço a (bestas, cavalos); esfalfar, exaurir.

Etimologia: segundo Cunha de origem incerta.

Outras considerações: o verbete não consta no Dicionário de Usos de Francisco Borba.

41. Estirar: “**Estirou** as pernas, encostou as carnes doídas ao muro.” (p. 32). “E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam **estirar-se** ao centro.” (pág.: 45). “Ali podia um cristão **estirar** os ossos.” (p. 46). “Baleia detestava expansões violentas: **estirou** as pernas, fechou os olhos e bocejou.” (p. 60). “**Estirou-se** e bocejou.” (p. 68). “... enrolou tudo, fez um travesseiro, **estirou-se** no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta.” (p. 80).

Acepção: V. int. esticar, alongar (corpo ou parte dele). **V. Pronominal:** espriar-se, espalhar-se; deitar-se.

Etimologia: *es-* + *tirar*.

Outras acepções: V. int. Morrer;Pop. Prolongar (um programa, uma viagem etc.) [td.] [int.]. Pop. Alisar (cabelos)

42. Farpela: “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar **farpelas** para ele e para os filhos.” (p. 71).

Acepção: s.f. Vestimenta pobre ou rota; andrajo; farrapo.

Etimologia: tem origem no latim, *fallupa* depois *frappa*, produzindo no galego português *farrapo*. Formou-se de *farrapo* + *-ela*, sufixo latino com sentido de diminutivo.

Outras acepções: s.f. gancho de ponta aguda em que terminam, numa das extremidades, as agulhas de crochê e de meia.

43. Fuzuê: “Relatava um **fuzuê** terrível, esquecia as pancadas e a prisão, sentia-se capaz de atos importantes”. (p. 67).

Acepção: s.m. folia coletiva, ruidosa, animada por música, dança, alegria; pândega.

Por extensão, tem o sentido que se encontra no texto: desavença, altercação

Etimologia: segundo Cunha, deriva de fuzo s.m. palavra de origem expressiva; talvez seja uma forma abreviada de (con)fuso, fuzarca, fuzuê.

44. Gargarejar: “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e Sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, **gargarejou** muxoxos e nomes feios.” (p. 87).

Acepção: v. “fazer circular (substância líquida), sem engolir, pelo interior da boca, esp. pela garganta.” No texto, o sentido é metafórico: proferir com voz trêmula.

Etimologia: Ver gorgolejado.

45. Gibão: “Metido nos couros, de perneiras, **gibão** e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo.” (p. 47).

Acepção: s.m. casaco longo de couro usado pelos vaqueiros nordestinos para proteger-se dos espinhos das caatingas.

Etimologia: it.ant. *gippone*, atual *giubbone* 'veste esportiva'

Outras acepções: s.m. Macaco antropoide da família dos hilobátidas. Antiga peça do vestuário masculino, usado por baixo do paletó, que envolve o corpo do pescoço à cintura. Espécie de casaco curto, semelhante ao colete, que se veste sobre a camisa.

Outras considerações: em Antônio de Moraes encontramos gibão nome dado ao macaco antropoide. No Aulete Digital também encontramos esta acepção de forma mais especificada, quanto a etimologia: macaco é formado do fr. gibbon

- 46. Gorgolejado:** “Por que gritavam a cantoria **gorgolejada** e triste?” (p. 69).
Acepção: adj. ‘semelhante ao ruído da água durante o gargarejo’
Etimologia: o verbo *gorgolejar* tem base onomatopaica e se prende à raiz garg-, presente em *garganta*, *gargalhar* e *gargarejo*. É notável o fato de várias línguas, como o italiano, o espanhol e o francês, compartilharem formações onomatopaicas com essa função.
- 47. Guarda-peito:** “As perneiras, o gibão, o **guarda-peito**, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 49).
Acepção: s.m. pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito; peitoral.
Etimologia: é forma composta de guardar + peito.
Outras considerações: todos os dicionários pesquisados foram unânimes em classificar guarda-peito como um regionalismo nordestino.
- 48. Imbu:** “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de **imbu** e semente de mucunã.” (p. 19).
Acepção: s.m. fruto do imbuzeiro ou umbuzeiro; umbu mombina. (Sul) o mesmo que umbu. Var.: ambu.
Etimologia: tupi *i'mbu* 'nome comum a diversas plantas das fam. das fitolacáceas', com *i-* inicial tupi tb. adp. *ambu*, *imbu* e *ombu*.
- 49. Imburana:** “A ventania arrancara sucupiras e **imburanas**, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas.” (p. 65).
Acepção: s.m. árvore de folhas alternas, flores pequenas, fruto drupa, madeira resistente e resina odorífera.
Etimologia: tupi *i'mbu* 'umbu' + tupi *'rana* 'semelhante a'.
- 50. Jirau:** “A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o **jirau**, coçava-se com os dentes e pegava

moscas.” (p. 44). “Realmente o **jirau** de varas onde se espichavam era incômodo.” (p. 68).

Acepção: s.m. cama de varas, estrado sobre forquilhas usado para guardar objetos. Leito de paus sobre forquilhas cravadas no chão. Espécie de estrado de madeira que serve de depósito no interior dos cômodos.

Etimologia: tupi *yu'ra* 'espécie de plataforma'.

Outras acepções: s.m. 1 armação feita de varas e troncos para servir de espera na caça. Estrado em que se sentam os passageiros que uma jangada transporta. Armação de madeira sobre a qual se edificam casas, para evitar a água e a umidade.

51. Juazeiros: “Na planície avermelhada os **juazeiros** alargavam duas manchas verdes.” (p. 9).

Acepção: s.m. árvore de até 10 m (*Ziziphus joazeiro*), da fam. das ramnáceas, nativa do Brasil (PI até MG), de folhas serradas e trinérveas, inflorescências em cimeiras globosas, drupas amarelas e comestíveis, casca amarga, adstringente e febrífuga; joazeiro, juá.

Etimologia: tupi *yu'a* 'nome de diversas plantas da família das solanáceas'. Juazeiro,joazeiro.

52. Leso: “- Esse capeta anda **leso**”. (p. 49).

Acepção: adj. ‘que sofreu lesão física; que se tornou paralítico; que sofreu lesão moral ou material’. Em sentido figurado, como no texto, significa atordoado, desnortado, desatento.

Etimologia: do latim *laesus*, -a, -um, ‘ferido, danificado, estragado’.

53. Macambira: “Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de **macambira**, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.” (p. 15). “Baleia voou de novo entre as **macambiras**, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou.” (p. 21).

Acepção: s.f. planta encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas fibrosas e bordos espinhosos, raízes horizontais muito ramificadas que conservam água, que serve de alimento. planta terrestre (*Encholirium spectabile*) da mesma fam., nativa do Brasil (PI, BA), de folhas verdes e luzidias, armadas de acúleos, cujas fibras são us. no fabrico de redes; macambira-da-pedra, macambira-de-flecha.

Etimologia: tupi **maka'mbira* 'planta da fam. das bromeliáceas', prov. com el. final *i'mbira* 'fibra, filamento'.

54. Mandacaru: “Cortar **mandacaru**, ensebar látegos – aquilo estava no sangue.” (p. 97).

Acepção: s.m. Cacto (*Cereus jamacaru*) nativo do Brasil, de porte arbóreo, ramificado, com flores grandes que se abrem à noite, típico da caatinga, onde serve de alimento ao gado, e tb. cultivado como ornamental e por propriedades terapêuticas.

Etimologia: tupi *yamandaka'ru* ou *ñamandaka'ru* 'planta da família das cactáceas'.

55. Marrã: “Se vendesse as galinhas e a **marrã?**” (p. 46).

Acepção: s.f. porca nova que parou de mamar. Ovelha nova.

Etimologia: do árabe *moharrana*, coisa proibida, em alusão entre os mulçumanos de comer carne de porco; *marrano*, designação injuriosa que se dava aos mouros e judeus. No espanhol *marrano*, *marrão*, que passou para o português.

Outras acepções: s.f. carne fresca de porco. Regionalismo: Pernambuco - ovelha de pouca idade.

56. Matalotagem: “... Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aio a tiracolo, a espingarda de pederneira no ombro o saco de **matalotagem** do outro.” (p. 118).

Acepção: s.f. qualquer provisão de mantimentos.

Etimologia: do francês *matelotage*, *matalote* + sufixo *-agem*.

Outras acepções: s.f. conjunto de matalotes; marujada. Provisão de mantimentos e víveres, embarcados num navio para consumo da tripulação e, em navios de carreira, também para consumo dos passageiros. Quantidade de coisas díspares e amontoadas.

Outras considerações: o autor utiliza o termo com extensão do sentido. Observamos também que para não repetir o mesmo termo Graciliano Ramos usa outras expressões semelhantes com sentido de provisão de mantimentos, vejamos: “Fabiano atentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o **saco dos mantimentos**, ordenou a marcha com uma interjeição áspera.” (p. 119). “Endireitou o **saco de comida**, examinou o rosto carnudo e as pernas grossas da mulher.” (p. 122).

57. Modorra: “... arrancaram Baleia da **modorra** e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem.” (p. 56).

Acepção: s.f. Moleza, preguiça, apatia ou indolência que se manifesta geralmente depois de refeições pesadas. Desejo irresistível de dormir, ainda que não provocado por doença.

Etimologia: de origem ibérica, o étimo latino *veiurnu*, *veturno*, sofreu transformação da lábio dental /v/ na bilabial /m/ e assimilação do grupo –ns- em –rr-, produzindo no espanhol *modorra*, que passou para o português.

Outras acepções: s.f. Doença que ataca o gado ovino.

Outras considerações: os dicionários pesquisados trazem como variante de *modorra*: *madorra*, *madorna* este provavelmente, tenha sido formado por dissimilação de *modorra*. Segundo o dicionário *inFormal* o termo *madorna* é muito usado no nordeste brasileiro, com mais propriedade no Estado de Alagoas. Significa o mesmo que *cochilo*.

58. Mor: “Por **mor** de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.” (p. 32).

Acepção: s.m. pop. e ant. Causa (leva a capa por mor de chuva).

Etimologia: forma sincopada de maior, que se originou do latim *maior*, *moor* sofreu assimilação e crase, depois ‘*mor*’.

Outras acepções: redução de maior: Tua responsabilidade *mor* é estudar também usada com hífen após substantivos, com o sentido de 'principal': altar-mor. F. Contr. de maior > moor > mor. Ideia de 'grande', 'máximo': maxi - (maximizar).

Outras considerações: o autor usou a palavra em sentido popular: *mor* [ô] é forma reduzida de amor, aférese de amor, usado como vocativo.

59. Mucunã: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de **mucunã**.” (p. 19).

Acepção: s.m. trepadeira (*M. pruriens*) nativa de regiões tropicais, de flores avermelhadas, vagens com pelos urticantes, dos quais se faz o pó de mico, e sementes pretas e luzidias, comestíveis após longa decocção, em que perdem a toxicidade, usada como sucedâneas do café; café-beirão, café-de-mato-grosso, café-do-pará, fava-café, fava-coceira, feijão-café, feijão-ínglês, olhos-de-burricão, olhos-de-burro, pó-de-mico, quicuta

Etimologia: lat.cien. gên. *Mucuna* (1763).

60. Mundéu: “Decidiu armar um **mundéu** perto do poleiro.” (p. 45).

Acepção: s.m. armadilha de caça, e cuja boca é disfarçada com varas finas e folhagens, para que o animal nele caia ao passar.

Etimologia: tupi *mu'nde* 'armadilha que tomba com peso ou estalando'.

Outras acepções: s.m. Grande tanque de paredes de pedra, onde se depositavam as areias auríferas arrastadas pela água. Certo fixo de redes, que remata estacas, na pesca fluvial, e que se usa no Norte do país. Lugar afastado de difícil acesso; cafundó. Casa ou coisa que ameaça desabar e constitui perigo. Grande quantidade.

61. Pabulagem: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a **pabulagem.**” (p. 29).

Acepção: s.f. atitude de quem conta bravatas; fanfarrice. mentira ardilosa; embuste.

Etimologia: do latim *pabulum*, *pábulo*, pasto, sustento. Segundo Cunha, no Brasil produziu o adjetivo fanfarrão em 1813, de origem controversa.

62. Parolagem: “Desse negrume saiu novamente a **parolagem** mastigada.” (p. 65).

Acepção: s.f. Ação ou resultado de parolar, conversar, tagarelar. conversa; falatório; parola.

Etimologia: tem origem no grego *parabole*, passa para o latim *parabola*, nas línguas românicas observam-se as ocorrências no italiano, *parola*, palavra; em dialeto francês *paroler*, é tagarelar. Com a mesma acepção do francês surge no português parolagem= parol+suf.-agem (suf. provindo do francês, formador de subst. de base verbal ou nominal).

63. Perra: “E a língua engrossava, **perra**, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados.” (p. 79).

Acepção: adj. que não se move facilmente; que apresenta dificuldade em abrir e/ou fechar; emperrado.

Etimologia: segundo Cunha, provém do castelhano *perro*, se refere a resistente, empenado, cão, homem vil.

Outras acepções: s.f. a fêmea do cão; cadela. Termo de injúria a uma mulher. Termo de injúria a um homem: homem vil, tratante. Nome vulgar das aves anseriformes da família das anatídeas.

Outras considerações: em relação a etimologia da palavra é importante destacar que A. Nascentes mostra diversas pesquisas de linguístas e filólogos à cerca da origem do

termo *perro*, todos apresentam o mesmo significado: cão, cachorro, Nascentes traz em seu dicionário outros verbetes com o mesmo sentido etimológico: emperrar, fazer-se raivoso como um cão: perrice, pirraça, por atribuir ao cão o perfil de teimoso; aperrear, lançar cães sobre alguém. Ao passar para o castelhano o sentido da palavra é ampliado, e assim passa ao português, observa-se que a etimologia contempla todas as acepções, de acordo com o que diz G. Cunha acima.

64. Pezunhar: “Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e **pezunhavam** nos seixos como bois doentes dos cascos”. (p. 71)

Acepção: v. int. Passear, andar, mover os pés.

Etimologia: esp. *pesuño* 'cada um dos dedos, coberto com sua unha, nos animais de pata fendida', de *pesuña/pezuña* 'conjunto dos dedos cobertos de unha nos animais de pata fendida', do lat. *pedis unguila* 'unha do pé'.

Outras acepções: s.m. o mesmo que *chispe* ('pé de porco'). Pé muito grande e malfeito.

65. Picuás: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os **picuás**”. (p. 27).

Acepção: s.m. plural trastes, trens, tarecos.

Etimologia: tupi *piku'a* 'cesto, balaio'.

Outras acepções: s.m. saco para conduzir roupa, comida etc. Peça geralmente de chifre em que os mineiros guardam diamantes. Balaio, cesto.

66. Pinguela: “Atravessaram a **pinguela** e alcançaram a rua.” (p. 73).

Acepção: sf. Ponte tosca sobre um rio, feita de pedaços de pau ou de um só tronco.

Etimologia: de acordo com Aulete e Houaiss tem origem duvidosa. Segundo A. Nascentes origina-se do latim *pediola*, *pede*, *pé*, que produziu no esp. *pihuela*, com as variantes, *pinguela*, *pingoela*, armadilha para caça miúda. Cunha relaciona pinguela com o verbo pingar com sentido de borrifar, respingar originado do latim vulgar *pendicare* e do latim *pendere*.

Outras acepções: Pauzinho ou gancho usado para armar ratoeiras, armadilhas, arapucas; pinguelo.

Outras considerações: de acordo com A. Nascentes o sentido etimológico do termo *pinguela* só é encontrado nos dicionários contemporâneos de língua portuguesa,

quando se referem a armadilha, pois se observa que o significado do termo foi estendido e a etimologia não abrange todas as acepções, inclusive a que foi usada por Graciliano Ramos. Quanto ao parecer de Geraldo Cunha a etimologia de *pinguela* está ainda mais distante do contexto da obra em estudo, observa-se certa discrepância entre os autores a respeito da etimologia do referido elemento lexical, portanto é válido o dizer de Aulete e Houaiss, pois se entende que a etimologia é duvidosa porque não contempla as acepções que os dicionários modernos de língua portuguesa trazem referente ao termo *pinguela*.

67. Pucumã: “A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de **pucumã** do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas.” (p. 44).

Acepção: s.m. (Bras.) o mesmo que picumã, ou seja, fuligem, teia de aranha preta de fuligem.

Etimologia: tupi *apeku'mã*.

Outras acepções: s.m. no uso informal: cabelo pixaim; carapinha.

68. Quipá: “Desembaraçou o cabresto, puxou o facão, pôs-se a cortar as **quipás** e as palmatórias que interrompiam a passagem.” (p. 102).

Acepção: s.f. vegetação nordestina, espécie de cardo, rasteira e espinhosa, da família das cactáceas.

Etimologia: tupi *ki'pa*.

Outras acepções: s. de dois generos solidéu usada pelos judeus. Etimologia: heb. *kipa* 'id.'

69. Rasto “Fabiano curou no **rasto** a bicheira da novilha raposa.” (p. 17). “... Fabiano atrás, de facão de **rasto** e faca de ponta, a cuiá pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira no ombro, o saco de matalotagem no outro.” (p. 118).

Acepção: s.m. Marca de pés ou patas no solo ou na areia, ou qualquer outro vestígio deixado por animal ou pessoa no seu trajeto; pegada; vestígio. Diacronismo antigo: ancinho, instrumento armado de dentes com que se quebram os torrões e se abrem sulcos na terra.

Etimologia: *rastro*, com dissimilação = rasto. Rastro vem do latim *rastrum*, de *raster, tri* 'instrumento com dentes, semelhante a uma enxada, usada na lavoura'.

Outras acepções: aquilo que leva a alguém ou a algo; indício, sinal. Face inferior do calçado; sola. Rede de arrastar.

Outras considerações: Graciliano Ramos dá preferência ao termo rasto variante de rastro trata-se neste caso de estilo próprio de sua linguagem. O autor usa o termo em dois momentos e com sentidos diferentes.

70. Rezingar: “Por isso **rezingara**, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.” (p. 58).

Acepção: v.t.d. e int. falar baixo e com mau humor; resmungar.

Etimologia: derivou do esp. *rezongar* o mesmo que *rezar*.

Outras acepções: v.t.i. fazer crítica, reprimenda a; repreender. V.i.uso informal: discutir polemicamente; contender, altercar.

71. Taipa: “Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das **paredes de taipa**.” (p. 66).

Acepção: s.f. Parede de barro aplicado sobre uma espécie de gradeamento feito com lascas de madeira, varas ou taquaras; estuque; tabique; pau-a-pique. Parede de taipa feita com barro atirado com a mão.

Etimologia: prov. do ár.-hsp. *Tábyya*.

Outras acepções: s.f. Substância córnea que envolve as partes vivas do pé do cavalo; o mesmo que tapa. Pancada, sopapo.

72. Taquari: “Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de **taquari**.” (p. 42).

Acepção: s.m. Diminutivo de taquara. Árvore de até 7m da família das euforbiáceas (*Mabea angustifolia*), das capoeiras secas, de flores apétalas, inconspícuas e unissexuais, madeira mole e leve, sementes oleaginosas, e cujos ramos novos são fistulosos e servem para fazer canudos de cachimbo, contendo o seu látex alguma borracha.

Etimologia: tupi *takwa'ri* < *ta'kwara* 'taquara' + 'i' 'pequeno'.

Outras acepções: adj. de pequeno calibre (diz-se de espingarda). **S.f.** Nome de cidade do Rio Grande do Sul (produtora de laranjas).

73. Taramela: “Quiseram mexer na **taramela** e abrir a porta, mas sinhá Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-se e...” (p. 86).

Acepção: **s.m.** peça de madeira de formato alongado que gira em redor de um prego, destinado a fechar portas, janelas ou tampas.

Etimologia: f.epent. ou suarabáctica de *tramela*, prov. sob infl. de *tagarela*, voc. de natureza expressiva ou onomatopaica. **Tramela:** lat.vulg. **trabella*, dim. de *trabs, bis* 'trave, viga'.

74. Taramelar: “Debaixo do jatobá do quadro **taramelou** com sinhá Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa.” (p. 29).

Acepção: **int.** falar muito; tagarelar, tramelar. **Transitivo direto:** reproduzir, tentando imitar (modelo, padrão etc.); arremedar, repetir, copiar.

Etimologia: *taramela* + *-ar*. Verbo derivado do substantivo taramela.

75. Trempe: “Àquela hora sinhá Vitória devia estar na cozinha, acorada junto à **trempe**, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta.” (p. 25). “Os pequenos fugiram, foram enrolar-se na esteira da sala, por baixo do caritó, e sinhá Vitória voltou para junto da **trempe**, reacendeu o cachimbo.” (p. 44).

Acepção: **s.f.** Arco de ferro que assenta sobre três pés e sobre o qual se coloca a panela ao fogo.

Etimologia: lat. *tripes, èdis* 'que tem três pés, que se firma em três pés', de *tri-* 'três' e *pes, pedis* 'pé'.

Outras acepções: **s.f.** jangada construída com três toros. grupo de três pessoas reunidas para o mesmo fim.

76. Tresvariar: “Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse **tresvariando**.” (p.109).

Acepção: v. int. praticar ou dizer desvarios, desatinos; alucinar, desatinar.

Etimologia: *tres-* + *variar*.

77. Vara: “Mas Fabiano tinha comprado dez **varas** de pano branco na loja e incumbira Sinhá Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos.” (p. 71).

Acepção: **s.f.** antiga medida de comprimento equivalente a 1,10m.

Etimologia: lat. *vára,ae* 'bastão fendido que suporta uma rede'.

Outras acepções: **s.f.** haste ou ramo delgado de árvore ou arbusto. Ramo de taquara delgado ou flexível em cuja extremidade se prende uma linha com anzol, para pesca. Pau comprido e fino usado como auxiliar nos concursos atléticos para certa modalidade de salto em altura. Haste fina que serve para diversos fins. Açoite; castigo. Cada uma das divisões de jurisdição, nas comarcas onde há mais de um juiz de direito. Antiga medida de comprimento equivalente a 1,10m. Agrupamento; grupo; conjunto.

78. Venta: “Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as **ventas**, sentiu cheiro de preás,...” (p. 13). “Fossem perguntar a seu Tomas da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as **ventas**.” (p. 33). “Farejando a panela, franzia as **ventas** e reprovava os modos estranhos do amigo.” (p. 61).

Acepção: **s.f.pl.** o conjunto das duas narinas; o nariz. Saber onde tem as ventas; saber o que faz.

Etimologia: lat. **ventána* 'lugar por onde passa o vento', der. de *ventus,i* 'vento'.

Outras acepções: A face, o rosto de uma pessoa. Presença, frente, vista. Andar de ventas, andar aborrecido; andar amuado; andar zangado.

79. Vexado: “Repeliu-o **vexado**.” (p. 20).

Acepção: **v.t.** Enraivecer, afrontar, humilhar. , **Adj.** envergonhado; embaraçado. que se vexou. Regionalismo: Nordeste do Brasil. que tem pressa; apressado, impaciente.

Etimologia: lat. *vexátus,a,um* 'abalado, agitado'.

80. Xiquexique: “Olhou os quipás, os mandacarus e **xiquexiques**.” (p. 19).

Acepção: **s.m.** Planta da fam. das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), que ocorre nas regiões áridas do Nordeste, espinhosa, rica em água; alastrado; xinane; xiquexique-do-sertão.

Etimologia: origem tapuia.

Outras acepções: **s.m.** planta leguminosa, com flores cuja corola lembra uma borboleta: espalhado pelo chão, com pés de xiquexique, coroas-de-frade e macambuias. (PR). Rubrica: música. Regionalismo: Minas Gerais. m.q. *ganzá* ('chocalho').

CONCLUSÕES

Acompanhar a trajetória da ficção regionalista brasileira desde o seu surgimento no Romantismo até 1930 foi fundamental para compreender a posição ocupada nesse contexto pela obra que serviu de base à pesquisa até aqui empreendida: *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos. Uma apreciação geral sobre a gênese da linguagem literária brasileira e as leituras sobre o autor, inclusive as informações biográficas, forneceram um embasamento relevante para a compreensão de aspectos marcantes da linguagem e do estilo do velho Graça, como era carinhosamente chamado pelos amigos.

A fundamentação teórica à cerca do léxico tornaram este trabalho ainda mais consistente, pois é no léxico de uma língua que se manifesta a realidade histórico-cultural de um povo, para demonstrar através de um glossário um estudo léxico semântico dos regionalismos presentes na obra estudada e que são caracterizadores do vocabulário da região Nordeste, mais acertadamente do sertão alagoano.

Após a leitura da obra e a coleta das unidades léxicas que comporiam o glossário, procedeu-se à pesquisa delas em dicionários comuns e etimológicos, a fim de selecionar as acepções que melhor correspondessem ao contexto cultural e ao texto mesmo da obra que integram. Sem esse cuidado, de nada serviriam as conclusões obtidas, já que não seriam pertinentes ao contexto ficcional do qual emergem nem expressariam a cultura desse ambiente, mesmo sendo, ambos, o simulacro de uma realidade, no caso a nordestina, que serve de mote para o autor dar vida à sua criação literária.

Salienta-se que este levantamento lexical revela apenas uma parte dos aspectos que compõem a imagem de *Vidas Secas* como um contundente testemunho do modo de viver de uma família nordestina, vítima da seca e da prepotência dos agentes do poder. Em todo o caso, consideramos que essas 83 formas não figuram no texto como exemplos de algo exótico e peculiar – como costuma acontecer com a maioria das obras exemplares da vertente regionalista – mas como afirmação de uma identidade para a língua da literatura brasileira.

Todos os itens pesquisados direcionam ao objetivo deste trabalho, que é subsidiar, ainda que modestamente, a elaboração de um dicionário das obras de Graciliano Ramos. E *Vidas Secas* surpreende nesse particular, já que, a despeito da sobriedade de sua sintaxe, caracterizada especialmente pela ordem direta da frase e pela composição coordenativa do período, seu vocabulário está longe de ser considerado simples e corriqueiro.

Acredita-se que estudos a respeito do léxico da língua portuguesa, sobretudo do português falado no Brasil, possibilita um melhor conhecimento dos povos que contribuíram e contribuem para seu desenvolvimento e sustentabilidade. Este trabalho representa apenas uma pequena parcela de contribuição para os estudos dos léxicos regionais nordestinos, muito ainda se tem a fazer nesta área de conhecimentos linguísticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de Almeida. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete digital: dicionário contemporâneo da língua portuguesa* Caldas Aulete. Lexikon Editora Digital, 2009. Disponível em: < <http://www.auletedigital.com.br/download.html> >. Acesso em: 10 jun. 2013.

_____. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: _____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

_____. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BORBA, Francisco. S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo, 2002.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BRITO, Ronaldo Correia de. *O legado da palavra em Graciliano Ramos*. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/entremez/blog/2009/06/03/o-legado-da-palavra-em-graciliano-ramos/>>. Acesso em: 06 jul. 2013.

CARRERO, Raimundo. O lugar que Zé Lins precisa ocupar. Rascunho: o jornal de literatura do Brasil. *Gazeta do povo*. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-lugar-que-ze-lins-precisa-ocupar/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

CHAGURI, Mariana M. *O romancista e o engenho: José Lins do Rego e o regionalismo nordestino dos anos 1920 e 30*. São Paulo: Anpocs/Hucitec, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 5. ed. reform. Petrópolis: Vozes, 1993.

COSERIU, Eugenio. El estudio funcional del vocabulario. (Compendio de lexemática). Trad. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. In: _____. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987. p. 206-38.

COSERIU, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. In: _____. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 87-142.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante (Org.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação de Assistência ao Estudante, 1990. 2 v.

_____; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004. v. 3.

COUTINHO, Fernanda. Arte capenga, pois sim!. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1212900>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

CUNHA, Antônio Geraldo da [1982]. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro. Lexikon, 2010.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1990.

ELIA, Sílvio. Romantismo e linguística. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. p.113-135.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

_____. *Manifesto Regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de documentação, 1955. (Os cadernos de cultura; 80).

_____. *Casa grande & Senzala*. São Paulo, Global, 2004.

GRACILIANO Ramos, o político: ordem na literatura e na administração. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jun. 2013. Prosa Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/06/29/graciliano-ramos-politico-ordem-na-literatura-na-administracao-501614.asp>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. HUNT, Lynn.

_____. Regionalismo. In: _____. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1975.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

LEÃO, Ângela Vaz. *Formação da língua literária brasileira: século XIX*. Disponível em: <http://143.107.31.231/Acervo_Imagens/Revista/REV022/Media/REV22-08.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2013.

LEBENSZTAYN, Ieda. Graciliano Ramos, por Otto Maria Carpeaux: 120 anos, homenagem em dobro. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 13, v. 26, p. 1-7, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142012000300023&script=sci_arttext>. Acesso em: 06 jul. 2013.

LÉXICO. In: ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. Rio de Janeiro; São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1995. p.195–213.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste* (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MARTINS, Rui. José Lins do Rego: obras uma descrição bibliográfica e bibliófila. *Tertúlia Bibliófila*. Disponível em: <<http://tertuliabibliofila.blogspot.com.br/2010/07/jo-se-lins-do-rego-obras-uma-descricao.html>>. Acesso em 20 jul. 2013.

MELO, Luís Gustavo. Graça antes do mito. Disponível em: <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=211557>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

MERCADANTE, Paulo. *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etmológico da língua portuguesa*. Disponível em: <<https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomol>>. Acesso em: ago. 2013.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1982.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 115. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

REGO, José Lins do. *Menino do Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1932.

_____. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Unicamp, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA Antônio de Morais. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência/Livros Horizonte, 1980.

SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana (Org.) *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Unicamp, 1994. v. 2, p. 451-485.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Tradução: J. A. Osório Mateus. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1964.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

_____. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

APÊNDICE A - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Ref.: AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

1. Aboletar, v. Alojjar (-se) (militar [es]) em casa ou propriedade de particulares, de modo provisório ou temporário (por vezes por tempo indefinido); aquartelar [tda.]. Bras. Pop. Alojjar (-se), acomodar(-se) ou instalar(-se) (ger. de modo cômodo ou confortável) [tda.]. Bras. Pop. Sentar-se, deitar-se ou estender-se de modo solto, cômodo, relaxado ou descontraído, no intuito de descansar; refestelar-se [ta.]. [F.: a -2 + boleto2 + -ar2.]

Ex.: “Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, **aboletar-se** noutro lugar, recomeçar a vida.” (p. 111).

2. Aió, s.m. bolsa de caça que é feita com fibras de coroa. (Bras., Nordeste).
Ex.: “Em seguida acocorou-se, remexeu o **aió**, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.” (*Vidas Secas*, p. 16).

O **aió** sujo pesava-lhe no ombro; o chapéu de palha esburacado não lhe protegia a cabeça curva; o ceroulão de pano cru, a camisa aberta, de fralda exposta, eram andrajos e remendos. (Graciliano Ramos, *Infância*, 7ª Ed., p. 242.)

3. Algibeira, sf. Bolso que costurado à parte interna da roupa. Antq. Pequena bolsa que as mulheres levavam presa à cintura. Fig. Recursos, dinheiro para gastos. [F.: Do ár. al-jibaira.]

Ex.: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na **algibeira**, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.” (p. 27).

4. Aluvião, s.f. inundação, cheia. Aumento de terreno resultante dos

depósitos deixados pelas águas de uma nascente, cheia. (Geol.) Terrenos de aluvião, os que provem de aluvião, e que são os mais recentes de todos. Em direito, entende-se por aluvião qualquer depósito de terras lançadas as margem por uma corrente de água, e constitui um dos casos de acessão. F. lat. Alluvio.

Ex.: “Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de **aluvião**, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas.” (p. 65).

Ex.: “Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de **aluvião**, aproximou-se do bebedouro.” (p. 111).

5. Amodorrar, v. tr. Fazer cair em madorra, em sonolência. F. Modorra

Ex.: “Iam-se **amodorrando** e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá.” (p. 14).

6. Arengar, v. tr. (Fam.) Rezingar, disputar, ter alterações com alguém.

Ex.: “Não conseguiram entender-se, **arengaram** azedos, iam-se atacando.” (p. 68).

7. Atilada, adj. Que cumpre diligentemente suas obrigações; correto; diligente; escrupuloso. Que tem discernimento, sensatez, prudência, tino; ajuizado. Que tem sagacidade, perspicácia; perspicaz; sagaz. Que é feito com capricho, esmero, elegância, ou que os denota; apurado; elegante; esmerado. [F.: Part. de atilar.]

Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era **atilada**, notaria a pabulagem.” (p. 29).

8. Azuretado, adj. Um tanto atordoado, desorientado, desequilibrado, perturbado (psicologicamente); transtornado: “Mas desprevenido, no escuro, levantei-me azuretado, com o cabresto na mão...” (Graciliano

Ramos, "Primeira aventura de Alexandre" in Alexandre e outros heróis.). Que é ou parece ser um tanto maluco; amalucado. Que age de maneira irresponsável e gasta dinheiro excessivamente, esp. em farra; doidivanas; estróina. Torturado moralmente; apoquentado. [F.: azoretado, part. de azoretar; azuretado, var. de azoretado]

Ex.: "Quem não ficaria **azuretado** com semelhante despropósito?" (p. 32).

9. Baraúnas, s.f. (Bras.) árvore leguminosa de grande porte, cuja madeira duríssima é muito apreciada em construções. Também lhe chamam braúna, garaúna, graúna, Maria-preta-da-mata, rabo-de-macaco. F. tupi-guarani.

Ex.: Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as **baraúnas**. (p. 19).

10. Bilro, s.m. peça de madeira ou de chumbo à semelhança de fuso, com que se fazem rendas e artefatos de cabelo. F. talvez lat. Pilulu-, com metátese.

Ex.: As pernas dos meninos eram finas como **bilros**, (p. 36).

11. Bodega, s.f. Bras. Pop. Coisa malfeita ou imprestável; droga; porcaria: o serviço feito ficou uma bodega. bras. pequena mercearia de secos e molhados rs; bodega; boliche. (bras. pop.) taberna pouco asseada; tasca. sujeira, imundice. comida grosseira e malfeita. (interj.) Expressa irritação, contrariedade.

[F.: Do gr. apotheke, pelo lat. apotheca.]

Ex.: "... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à **bodega** de seu Inácio, onde guardara os picuás". (p. 27).

"Atravessaram a **bodega**, o corredor, desembocaram numa sala onde vários tipos jogavam cartas em cima de uma esteira." (p. 28).

"E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a **bodega** sem se

despedir.” (p. 30).
<p>12. Bolandeira, s.f. (Bras.) roda grande do engenho de açúcar que transmite o movimento as mós. (Bras., Norte) máquina descaroadora de algodão. Roda movida por força animal, que aciona o rolete de ralar mandioca. F. cp. cast. Volandera.</p> <p>Ex.: Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás. (p. 103).</p>
<p>13. Borrvalho, s.m. braseiro, amortecido e coberto de cinzas. F. Borra¹.</p> <p>Ex.: “... experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.” (p. 57).</p>
<p>14. Caco “das galinhas”, s.m. fragmento de barro, de vidro ou de louça. Traste de pouco valor. pl. louças e trastes velhos. F. lat. Calculus.</p> <p>Ex.: “Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro.” (p. 44).</p>
<p>15. Caititu, s.m. espécie de porco do mato, também denominado tateto.</p> <p>Var.: caetetu e catetu.</p> <p>Ex.: Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? (p. 103).</p>
<p>16. Camarinha, s.f. (náut.) casa da ré. Quarto de dormir. Pequena prateleira do canto de uma sala ou quarto. F. câmara.</p> <p>Ex.: Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança de sofrimentos passados esmorecera. (p. 18).</p>
<p>17. Cambão, s.m. aparelho com se unem duas juntas de bois ao mesmo</p>

carro ou a mesma charrua, ou a outro instrumento agrário. (Bras.) Pau que se pendura ao pescoço do animal, para que não se afaste muito nem penetre em roças ou cerrados. Junta de bois. F. cambo.

Ex.: “Sem aqueles **cambões** pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como uma onça e faria uma asneira.” (p. 37).

18. Cambembe, adj. (Bras.) o mesmo que cambado; (fig.) desajeitado. (Alagoas) Caipira. (Pernambuco) Trabalhador assalariado, que trabalha com escravos. F. Camba.

Ex.: “**Cambembes** podiam ter luxo? E estavam ali de passagem.” (p. 23)

19. Cambito, s.m. (Bras.) pernil de porco, perna fina. Cabide de madeira. Aparelho para colher tabaco ou fuma de corda. Forquilha colocada sobre a gangalha das bestas de carga para transporte de capim, lenha, cana-de-açúcar, etc. Pau para torcer as correias sobre a carga de um animal. (Norte) Nome vulgar de certa libélula. (Minho) posta de arraia seca. Cambixo, coisa torta, (Bras.) (pop.) morrer. F. cp. it. Gambetta.

Ex.: “... agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como **cambitos**.” (p. 11).

20. Caritó, s.m. (Bras., Nordeste) casa pobre, casinhola. Gaiola de prender caranguejos para engorda. Nas casas sertanejas, pequenas prateleiras de madeira ou cava feita nas paredes dos quartos. Ficar no caritó, (Bras., Nordeste), ficar para tia, não casar.

Ex.: “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do **caritó** o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar.” (p. 41).

21. Catinga, s.f. (Bras.) variante de caatinga.

Ex.: “Trepou-se no mourão do canto, examinou a **catinga**, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.” (p. 13).

22. Catre, s.m. leito dos pés baixo formado de lona, sendo ordinariamente os pés em aspa e moveis em torno de um eixo para se poder desarmar; cama de viagem. Cama pobre, miserável. (Bras. Sul) Espécie de jangada ou balsa. F. Catel.

Ex.: “Bem no meio do **catre** havia um nó, um calombo grosso na madeira.” (p. 45).

23. Chofre, s.m. pancada ou choque. Tiro contra a árvore que se levanta. Pancada de taco na bola de bilhar. De chofre (loc. Adj. F. de pancada, de repente). F. ignor.

Ex.: “Mas aquela brutalidade findara de **chofre**, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos.” (p. 66).

24. Cobras-mortas, (Alent.) Espécie de jogo infantil.

Ex.: “Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam **cobras mortas**, sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.” (p. 118).

25. Cocó, s.m. (Bras.) caracol de cabelo no alto da cabeça, coque, carrapito.

Ex.: “Via a janela da cozinha, o **cocó** de sinhá Vitória, e isto lhe dava pensamentos maus.” (p. 61).

“Distinguiu o **cocó** de sinhá Vitória, que se escondia atrás de uma coluna.” (p. 75).

“Estremeceu, tentou ver o **cocó** de sinhá Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos.” (p. 77).

26. Cocorote, s.m. (Bras.) pancada com os nós dos dedos na cabeça de outrem; carolo; croque. F. alter. de cacoruto.

Ex.: “Aí sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um **cocorote**.” (p. 56).

“Mas tentara convencê-lo dando-lhe um **cocorote**, e isto lhe parecia absurdo.” (p. 59).

“O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam **cocorotes**, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca.” (p. 61).

“Atirou um **cocorote** ao crânio enrolado na coberta vermelha e na saia de ramagens.” (p. 86).

27. Copiar, s.m. (Bras.) a dianteira das casas baixas, onde há uma porta com uma varanda aberta. Alpendre. F. tupi-guarani.

Ex.: “Voltou desanimado, ficou um instante no **copiar**, fazendo tenção de hospedar ali a família.” (p. 13).

28. Cotovelo do caminho,

Ex.: “Num **cotovelo do caminho** avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar,” (p. 12).

29. Côvado, s.m. medida de comprimento, já fora de uso, igual a sessenta e seis centímetros. F. lat. Cubitus.

Ex.: “Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em **côvado**, receoso de ser enganado.” (p. 27).

30. Cuia, s.f. (Bras.) a casca do fruto da cueira, que depois de seca e de se lhe extrair o milho é empregada pelos indígenas para vários utensílios, como pratos, púcaros, etc. (Bras.) Vasilha feita dessa casca, outrossim, cuité, e especialmente a que se usa para preparar e tomar mate. (Bras.) (Rio Grande do Sul) cabaça. (Bras.) medida que equivale a 1/32 de alqueire, em Pernambuco. Cf. Rod. Garcia, dar cabeçada. Cf. Raul Pederneira, Geringonça carioca pág. 19. Parte do penteado das senhoras formados por cabelos postiços, juntos e enrolados em uma almofada que se coloca sobre a nuca. (Bras.) (pop.) cabeça, coco. Minas Gerais

Meretriz. PL. conchas da balança. Juntar as cuias, (Bras.) (pop.) mudar-se. F. pal. Guarani.

Ex.: “Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a **cuia** pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (p. 9).

31. Cumbuco, adj. (Bras., Norte) diz-se do boi ou da vaca, cujos chifres têm as pontas voltadas uma para outra.

Cumbuca, s.f. (Bras.) o mesmo que cuiambuca e cumbuca (vasilha feita do fruto da cueira ou cabaceira).

Ex.: “Chegou-se ao jirau onde se guardavam **cumbucos** e mantas de carne.” (p. 43).

32. Desprecatado, adj. desprevenido, incauto. F. des...+ precatado.

Ex.: “Fabiano ia **desprecatado**, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores.” (p. 101).

33. Ditério, s.m. dito satírico, motejo, chufa. (Bras., Sul) (pop.) Dito, ditinho, mexerico. F. lat. dicterium.

Ex.: “Um **ditério** sem importância.” (p. 105).

34. Embatucar, v. tr. e intr. o mesmo [e mais usado no Brasil] que embatocar.

Embatocado, v. tr. tapar com batoque. (Fig.) Fazer calar, fazer embuchar. Surpreender com alguma notícia má; empanzinar. Enlear v. intr. estacar, ficar embuchado. F. Em...+ batoque.

Embatucado, adj. (Bras.) o mesmo que embatocado. (Bras.) (pop.) Confuso, intrincado, difícil, atrapalhado.

Ex.: “Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, **embatucara**.” (p. 32).

35. Embira, s.f. (Bras.) fibra liberiana de certos vegetais, empregada como

cordel. Liame vegetal. Lamber embira (Bras., São Paulo) passar fome ou miséria. Meter ou passar nas embiras, (Bras., Sul) levar preso, ou amarrar (um criminoso). Ver-se na embira, (Bras., pop.) encontrar-se em situação crítica, em dificuldades. F. guarani.

Ex.: “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a **embira** tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas.” (p. 12)

36. Emproado, adj. que tem proa. Que tem a proa voltada para a: (Fig.) Altivo, orgulhoso, soberbo. Diz-se do cavalo de boa crista. (Náut.) Abicado, afocinhado. F. Emproar.

Ex.: “Andou entre as barracas, **emproado**, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés.” (p. 78).

37. Encalacrar, v.td. Pop. Pôr, meter (alguém, inclusive si mesmo) em situação difícil (ger. financeira). [F.: en-2 + calacre + -ar2. Ant.: desencalacrar.]

Ex.: “Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano **encalacrou-se** também. Sinha Vitória ia danar-se, e com razão.” (p. 29).

38. Enfezado, adj. não medrado, raquítico; imperfeitamente desenvolvido; pequeno. Irritado, enfadado, impacientado. (Bras.) irritadiço, rabugento. F. enfezar.

Ex.: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, **enfezado**, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando debalde.” (p. 20).

39. Encarquilhar, v. tr. [encarquilhar] encolher com rugas; enrugar v. pr. Encher-se de rugas. Enrugar-se. F... + carquilha.

Ex.: “Sinha Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos,

encarquilhou as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas”. (p. 39).

40. Enxerido, adj. metido em, entremetido, inserido, (Bras.Norte). (Bras.) Intrumetido, petulante, atrevido; abelhudo, indiscreto. (Bras.) Amigo de namoros; metido a conquistador. S.m. aquilo que se introduziu, que está dentro; enchimento. F. enxerir.

Ex.: “O menino estava ficando muito curioso, muito **enxerido**.” (p. 20).

41. Esbrugar, v.tr. descascar, tirar a casca (aos frutos, aos ramos de arvores, etc.) esbrugar. Separar (a carne) dos ossos. (Fig.) polir, limpar, aparar, arredondar. s.m. ação ou efeito de esbrugar. F. esbrugar.

Ex.: “O menino mais velho **esbrugava** um osso com apetite.” (p. 124).

42. Escanchado, adj. separado, aberto, pernas escanchadas. Escarranchado. (Bras.) Diz-se da criança conduzida às ilhargas. F. Escanchar.

Ex.: “... sinhá Vitória com o filho mais novo **escanchado** no quarto e o baú de folha na cabeça.” (p. 9).

43. Esgravatar, v. intr. o mesmo que esgravatar. F. esgravatar.

Ex.: “Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, **esgravatou** as unhas sujas.” (p. 18).

“Esfregou as mãos finas, **esgravatou** as unhas sujas.” (p. 60).

44. Espichar, v. (es.pi.char) 1. Esticar(-se), estender(-se). [td.] 2. Crescer, ficar mais alto. [int.] 3. Deitar-se, esticando-se. [td.]

4. Fig. Fazer ficar ou ficar mais comprido; fazer durar ou durar mais tempo; alongar(-se); encompridar(-se); estender(-se); prolongar(-se). [td.] [int.]. 5.Fig. Economizar (dinheiro, recursos) ou obter acréscimo ou suplemento (ao dinheiro ou aos recursos que já havia) [td.].

[F.: espicho + -ar2. Hom./Par.: espicho (fl.), espicho (sm.); espicha(s)]

(fl.), espicha(s) (sf.[pl.]); espiche(s) (fl.), espiche(s) (sm.[pl.].)

Ex.: “Ia crescer, **espichar-se** numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.” (p. 53).

45. Estazar, v. tr. cansar (o animal), esfalfa-lo, causar-lhe estazamento. F. or. duvidosa.

Ex.: “Como já não se **estazava** em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando.” (p. 44).

46. Estirar, v. tr. alongar, estender; repuxar, esticar, estirar o corpo, os braços. (Ant.) Estirar alguma pessoa, constrange-la, obriga-la a alguma coisa. F. Es...+ tirar.

Ex.: “**Estirou** as pernas, encostou as carnes doídas ao muro.” (p. 32).

“E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam **estirar-se** ao centro.” (p. 45).

“Ali podia um cristão **estirar** os ossos.” (p. 46).

“**Estirou-se** e bocejou.” (p. 68).

“... enrolou tudo, fez um travesseiro, **estirou-se** no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta.” (p. 80).

47. Farpela, sf. Vestimenta, roupa. Vestimenta pobre ou rota; andrajo; farrapo. Pequeno gancho agudo em uma das pontas da agulha de crochê; barbela. [F.: farpa + -ela.]

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar **farpelas** para ele e para os filhos.” (p. 71).

48. Gibão, s.m. parte das vestiduras que antigamente cobria o corpo dos homens desde o pescoço até a cintura. Casaco curto de vestir por cima da camisa: colete. (Bras.) casaco de couro usado pelos vaqueiros: véstia. F. arc. Jubão, por inf. de giba.

<p>Ex. “As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 49).</p>
<p>49. Gorgolejar, v. tr. ou intr. beber produzindo o ruído especial do gargarejo. F. talvez alt. de gargarejar.</p> <p>Ex: “Por que gritavam a cantoria gorgolejada e triste?” (p. 69).</p>
<p>50. Guarda-peito, s.m. (Bras., Nordeste) pedaço de couro curtido que os vaqueiros prendem ao pescoço e a cintura a guisa de colete. F. guardar-peito.</p> <p>Ex. “As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 49).</p>
<p>51. Imbu, s.m. (Bras.) fruto do imbuzeiro ou umbuzeiro; umbu mombina. (Sul) o mesmo que umbu. Var.: ambu.</p> <p>Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de mucunã.” (p. 19).</p>
<p>52. Imburana, s.f. (Bras.) árvore burserácea, outrossim, umburana.</p> <p>Ex.: “A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas.” (p. 65).</p>
<p>53. Jatobá, s.m. (Bras.) o mesmo que jataí.</p> <p>Jataí, s.m. (Bras.) árvore leguminosa. Também lhe chamam árvore-copal. Itaíba, jacaí, jatibá, jetaí, jetaíba, jataúva e pão-de ló-de-mico.</p> <p>Ex.: “No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto.” (p. 77).</p>
<p>54. Jirau, s.m. (Bras.) espécie de estrado onde se assentam os passageiros na jangada. Leito de paus sobre forquilhas cravadas no chão. F. do tupi.</p>

Ex.: “Realmente o **jirau** de varas onde se espichavam era incômodo.” (p. 68).

55. Juazeiro, s.m. (Bras.) árvore ramnácea, cujo fruto é o juá. Também lhe chamam jurepeba e juá. F. juá.

Ex.: “Na planície avermelhada os **juazeiros** alargavam duas manchas verdes.” (p. 9).

56. Látego, s.m. açoite de correia ou de corda. O mesmo que inquerideira. (Bras. Rio Grande do Sul) Guasca comprida com que se apertam os arreios. (Fig.) estímulo, castigo, flagelo. F. talvez do cast. Látigo.

Ex.: “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos **látegos** e chocalhos pendurados num braço.” (p. 101).

57. Macambira, s.f. planta bromeliácea, em cujo caule se contém muita água; utiliza-se como forragem e é comum nas regiões do Nordeste.

Ex.: “Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de **macambira**, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.” (p. 15).

“Baleia voou de novo entre as **macambiras**, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou.” (p. 21).

58. Madorra, s.f. o mesmo que modorra.

Modorrar, v. intr. F. Madorra.

Ex.: “... arrancaram Baleia da madorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem.” (p. 56).

59. Mandacaru, s.m. (Bras., Norte) o mesmo que mandacaru.

Ex.: “Cortar **mandacaru**, ensebar látegos – aquilo estava no sangue.” (p.

97).

60. Marrã, s.f. porquinha nova que deixou de mamar. F. cast. Marrana.

Ex.: “Se vendesse as galinhas e a **marrã**?” (p. 46).

61. Mor¹, a2g. F. red. de maior [tb. us. com hífen após substantivos, com o sentido de 'principal': altar-mor.].

[F.: Contr. de maior > moor > mor. Ideia de 'grande', 'máximo': maxi - (maximizar).]

Mor², [ô] sm. Pop. Amor. [Forma reduzida de amor, us. esp. como vocativo.]. [F.: Aférese de amor.]

Ex.: “Por **mor** de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.” (p. 32).

62. Mourão¹, s.m. (zool.) gênero de miriápodes (Iulus) parecido com o bicho-de-conta.

Mourão², s.m. (Beira) pedra que separa da lareira a pilheira. F. duv.

Mourão³, s.m. o cavaleiro que vai à esquerda no jogo das canas.

Mourão⁴ s.m. (Trás-M.) certa planta amarela crucifera que nasce nas vinhas e searas.

Mourão⁵, s.m. vara mais grossa a que nas estacas se prendem horizontalmente outras varas mais finas, formando uma espécie de grade, que depois se cobre de mato, para servir de cerca a uma quinta, etc. a estaca a que se arrima a cepa. (Bairrada) Cada um dos esteios que sustentam a verga da chaminé. (Trás-M.) O mesmo que transfogueiro. (Bras.) Esteio grosso cravado no solo, a que se amarram reses indóceis ou destinadas ao corte. Vara fincada á margem dos rios, à qual se amarram canoas. (Rio Grande do Sul) Pau de aramado, especialmente quando robusto. F. duv.

Ex.: “Trepou-se no **mourão** do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.” (p. 13).

“Vivia preso como um novinho amarrado ao **mourão**, suportando ferro

quente.” (p. 37).

63. Mucunã,s.f. (bot.) nome de duas plantas do Brasil da família das leguminosas, que dão umas vagens cobertas com uns pelos, os quais quando tocam no corpo produzem um prurido muito forte. Também lhe chamam comandá-açu, fava-coceira e pó-de-mico. Os próprios pelos dessas vagens, que reduzidas a pó recebem o nome de pó-de-mico. V. feijão-da-florida. Var.: mucuna e mucuná. (Bahia) var. de picumã.

Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de **mucunã**.” (p. 19).

64. Mundéu, s.m. (Bras.) armadilha de caça. Cerco fixo de redes, usado na pesca fluvial. (Fig.) casa ou coisa que ameaça desabar e constitui perigo. Grande quantidade. Cf. mundão. (Goiás) O mesmo que queixada (animal). Cair no mundéu, cair na ratoeira.

Ex.: “Decidiu armar um **mundéu** perto do poleiro.” (p. 45).

65. Muxoxo,s.m. (Bras.) beijo; carícia. Estalo com a língua e os lábios, acompanhado às vezes da interjeição ah, que indica desprezo ou desdém. Nome de uma árvore silvestre que também chamam sapato-do-diabo. F. or. ambunda.

Ex.: “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou **muxoxos** e nomes feios.” (p. 87).

66. Os quatro cantos,

Ex.: “Como isto não acontecesse, espiou **os quatro cantos**, zangado, praguejando brabo.” (p. 10).

67. Pabulagem, sf. Presunção, empáfia, fatuidade. Fanfarrice, bravata.

Embuste, mentira. [Pl.: -gens.]. [F.: pabular + -agem]. Sin. ger.: pavulagem.]

Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a **pabulagem**.” (p. 29).

68. Parolagem, s.f. ato de parolar; parola. F. parolar

Parola, s.f. palavra oca, palavreado, conversa, cavaco, trela. F. Parola ou fr. Parole.

Parolar, v. intr. falar muito, tagarelar. F. Parola.

Ex.: “Desse negrume saiu novamente a **parolagem** mastigada.” (p. 65).

69. Perneira, s.f. doença que acomete os bois. (Prov. Port.) Cada uma das peças das calças por onde se enfiam as pernas. (trás-M.) Pé de certos vegetais. A tracnose da videira. (Trás-M.) Pequena porção. (Bras.: mato Grosso) O mesmo que beribéri. (Nordeste) calça de couro, bem justa ao corpo, feita geralmente de couro de veado e usada pelos vaqueiros. S.f. (Bras.) Espécie de polainas de couro, usadas pelos soldados e pelos habitantes do interior do sertão.

Ex.: “Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas **perneiras**, tocou as abas do gibão.” (p. 49).

70. Perra (ê), s.f. (ant.) cadela. Termo de injúria a uma mulher. (Prov. Port.) O mesmo que tarrantana. F. Perro (ê), s.m. cão. Termo de injúria a um homem: homem vil, tratante.

“Cachorros de castelhanos! E mais perros estes portugueses sem vergonha que se lhes venderam.” (Garret).

“Perro maldito! Sabe La no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira. (Her., Lendas e Narrativas, I p. 94 ed. 1918).F. cast. Perra cf. Antenor Nascentes, Dic. Etim.

Ex.: “E a língua engrossava, **perra**, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados.” (p. 79).

71. Pezunhar, v. intr. || mover os pezunhos, andar: Começou pezunhando a longura da quadra. (Eduardo de Almeida, *Vida de Sombras*, p. 16, ed. 1929.) F. Pezunho.

Pezunho, sm. Mesmo que chispe. Pé grande e de má conformação. [F.: do esp. *Pesño*].

Ex.: “Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e **pezunhavam** nos seixos como bois doentes dos cascos”. (p. 71)

72. Pinguela, sf. Ponte tosca sobre um rio, feita de pedaços de pau ou de um só tronco. Pauzinho ou gancho us. para armar ratoeiras, armadilhas, arapucas; pinguelo. [F.: Posv. de pingar.]

Ex.: “Atravessaram a **pinguela** e alcançaram a rua.” (p. 73).

73. Pirralho, sm.

1 Menino pequeno; criança; fedelho fam. ; petiz.

2 P.ext. Indivíduo de baixa estatura. [F.: De or. obsc.]

Ex.: “Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o **pirralho** insistisse, deu-lhe um cascudo.” (p. 48).

“O **pirralho** não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo.” (p. 10).

74. Pucumã, s.m. (Bras.) o mesmo que picumã.

Picumã, s.m. ou f. (Bras.) fuligem. Teia de aranha, preta de fuligem. (Gir.) Carapinha. F. tupi *Apepocumã*.

75. Queimando o assento,

Ex.: “Sinha Vitória **queimando o assento** no chão,...” (p. 11).

76. Quipá, s.m. (Bras.) nome de uma planta rasteira e espinhosa do Norte.

Ex.: “... pôs-se a cortar as **quipás** e as palmatórias que interrompiam a

passagem.” (p. 102).

77. Rezingar, v.

1 Falar entre dentes e mal-humorado; resmungar. [td.] [int.]

2 Passar reprimenda em; repreender. [tr. + com]

3 Discutir em tom polêmico; contender; altercar. [int.]

4 Emitir a voz (a arara, a coruja, a cigarra); grazinar. [int.]

[F.: Posv. de or. onom. Hom./Par.: rezinga (s) (fl.), rezinga (sf. [e pl.]).]

Resinga, s.f. (ant.) peça de guarda-roupa, de uso hoje desconhecido.

Ex.: “Por isso **rezingara**, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.” (p. 58).

78. Taipa, s.f. parede feita de barro amassado e calcado entre dois tabuões, ou com enxaimés e fasquias de madeira; estuque; tabique; taipal. Taipa de mão, taipa de sebe em que o barro é atirado com a mão. F. cast. Tapia. Ex.: “Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das **paredes de taipa**.” (p. 66).

79. Taquari, s.m. (Bras.) dim. De taquara¹. Planta gramínea. O mesmo que canudo de pito. Canudo de cachimbo. Cachimbo de bambu. adj. f. (Bras.) de pequeno calibre (falando de espingarda). (Rio Grande do Sul) da cidade de Taquari (falando de laranjas).

Ex.: “Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de **taquari**.” (p. 42).

80. Taramela, s.f. pequena peça de madeira que gira em torno de um prego cravado em porta, cancela, postigo ou armário para os fechar atravessando os batentes; cravelha. Peça de madeira que bate sobre a roda dos moinhos enquanto esta gira. Mulher palradora. Dar a tarantela, falar muito, tagarelar. Var.: tramela. F. corr. do lat. Trabecula.

Ex.: “Quiseram mexer na **taramela** e abrir a porta, mas sinhá Vitória

levou-os para a cama de varas, deitou-se e...” (p. 86).

81. Taramelar, v. Trancar com taramela. [td.]. Falar em demasia; tramelar; tagarelar. [int.]. Arremedar alguém, copiar [td.].

Emitir a voz (o papagaio) [int.]. [F. taramel(a) + -ar. Hom./Par.: taramela (s) (fl.), taramela (sf., a2g.s2g.) e pl; taramelo (fl.), taramelo /ê / (sm.)].

Ex.: “Debaixo do jatobá do quadro **taramelou** com sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa.” (p. 29).

82. Tolda¹, sf. Cobertura, ger. de lona, que se coloca sobre porta, varanda etc., a fim de servir de abrigo contra a chuva ou o sol; toldo. rs Cobertura (de capim santa-fé, sapê, tábuas, couro, lona, zinco etc.) colocada sobre a carreta para proteger a carga contra as intempéries. Cnav. A parte da popa do convés principal

MG N.E. Náut. Cobertura de palha ou madeira, ger. abaulada, da cabine da proa de pequenas embarcações us. para o transporte de mercadorias e pessoas no rio São Francisco.

Açor. Armação utilizada para proteger e secar o milho, constituída por três hastes unidas na extremidade superior, empilhando-se no vão as maçarocas, na forma de pirâmide; espigueiro. lus. peça de madeira em forma de pirâmide quadrangular invertida, superposta à mó do moinho, em que se lança o grão a ser triturado; tremonha. Lus. Alcofa de palma, de fundo chato e bordas baixas, em que se peneira a farinha.

[F.: told(o) + -a. Hom./Par.: tolda (fl. de toldar)]

Tolda², sf. Ação ou resultado de toldar (-se). Turvação do vinho

Bras. Adição de açúcar ou rapadura ao café que se está torrando, a fim de obter bebida mais escura.

[F.: Dev. de toldar. Hom./Par.: ver tolda1]

Ex.: “A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as **toldas**, a mesa do leilão” (p. 81).

“O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as **toldas** iluminadas, as

moças bem vestidas. (p. 82).

83. Trempe, s.f. Suporte metálico com três pés que sustenta uma panela ao fogo; TRIPÉ. Bras. Num fogão a lenha, chapa de ferro colocada sobre o fogo, com buracos arredondados próprios para receber as panelas. Jangada construída com três paus. Bras. Fam. Três pessoas com ideias ou interesses comuns. Lus. Pop. Artifício para ludibriar; armadilha. [F.: Do lat. tripes, pedis 'de três pés']

Ex.: “Àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à **trempe**, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta.” (pág. 25).

“Os meninos sentados perto do lume, a panela chiando na **trempe** de pedras, Baleia atenta, o candeeiro de folha pendurado na ponta de uma vara que saía da parede.” (p. 34).

84. Tresvariar, v.int. Cometer ou dizer desatinos; desatinar. perder o controle sobre si mesmo; ficar fora de si; delirar.

[F.: tres - + variar. Hom./Par.: tresvario (fl.), tresvario (sm.).]

Ex.: “Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse **tresvariando**.” (p.109).

“Havia ali um bêbedo **tresvariando** em voz alta e alguns homens agachados em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça.” (p. 34).

85. Vara, s.f. (Fig.) Açoite, castigo, punição, medida antiga de comprimento igual a um metro e dez centímetros.

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado **dez varas de pano branco** na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos.” (p. 71).

86. Venta, s.f. Cada uma das duas aberturas exteriores do nariz; narina. (Pop.) A face, o rosto de uma pessoa. (Pop.) Presença, frente, vista [Nas

acepções. 2 e 3 é mais us. no pl.]

[F.: Do lat. *ventana 'lugar por onde passa o vento', de ventus, i. Hom./Par.: venta (sf.), venta (fl. de ventar).]

Ex.: “Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as **ventas**, sentiu cheiro de preás,...” (p. 13).

“Farejando a panela, franzia as **ventas** e reprovava os modos estranhos do amigo.” (p. 61).

“Fossem perguntar a seu Tomas da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as **ventas**.” (p. 33).

87. Vexado, adj. Diz-se de quem foi atormentado ou maltratado. Que passou por situação humilhante. Que experimentou sentimento de vergonha; envergonhado. (NE) Diz-se de quem não tem paciência, de quem está apressado. [F.: Do lat. vexatus, a, um.]

Ex.: “Repeliu-o **vexado**.” (p. 20).

88. Xiquexique, s.m. (Bras. Bot.) Nome comum a várias espécies do gên. Crotalaria, da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, a maioria nativa do Brasil, us. como adubo verde, cujos nomes populares se devem ao barulho produzido pelas sementes dentro da vagem seca; chocalho; chocalho-de-cascavel; maracá. (Bras. Bot.) Planta da fam. Das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), que ocorre nas regiões áridas do Nordeste, espinhosa, rica em água; alastrado; xinane; xiquexique-do-sertão. (sp pop. zool.) bicho-do-pé.

[F.: De or. tapuia. Hom./Par. xique-xique (sm.).]

Ex.: “Olhou os quipás, os mandacarus e **xiquexiques**.” (p. 19).

APÊNDICE B - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Ref.: BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

1. Aboletar, V [ação-processo] [Comp₁: nome humano. Comp₂: de lugar] **1** acomodar; instalar. [Ação. Pronominal] [Comp. De lugar] **2** alojar-se; acomodar-se; esconder-se.

Ex.: “Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, **aboletar-se** noutra lugar, recomeçar a vida.” (p. 111).

2. Aió,

Ex.: “Em seguida acocorou-se, remexeu o **aió**, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.” (p. 16).

3. Algibeira, Nf (Obsol) [Concreto] **1** bolso que faz parte do vestuário. **2** pequena bolsa em forma de saquinho. [Núcleo de construção adjetiva] [de+~] **3** expedientes guardados para serem usados em momentos adquado: mil e um trocadilhos: recursos de algibeira que os italianos chamam frioleiros(REF).

Ex.: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na **algibeira**, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.” (p. 27).

4. Aluvião, Nm/f [Concreto] **1** enchente; enxurrada: a planície de inundação é formada pelas aluviões (GEO); Os fundos dos vales com seus aluviões não sujeitos à formação das laterais(EG) **2** areia, cascalho e argila depositados junto à margem ou à foz dos rios pelo trabalho da erosão das enchentes ou enxurradas: depósitos de aluviões (ARQ)

[Núcleo de construção adjetiva] [de+~] **3** formado por aluvião; aluvional: o metal de aluvião que se encontrava depositado no fundo dos rios (FEB).

Ex.: “Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de **aluvião**, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas.” (p. 65).

“Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de **aluvião**, aproximou-se do bebedouro.” (p. 111).

5. Amodorrar, V [Processo] tornar-se sonolento; cair em modorra.

Ex.: “Iam-se **amodorrando** e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá.” (p. 14)

6. Arengar, V [Ação] [⁺- Comp: a+nome humano] **1** fazer arenga ou discurso enfadonho; rezingar. [⁺- Comp: com+nome humano] **2** altercar; discutir. [Comp: nome humano] **3** conversar com.

Ex.; “Não conseguiram entender-se, **arengaram** azedos, iam-se atacando.” (p. 68).

7. Atilada, adj [Qualificador de nome ou abstrato] **1** atinado; prudente: provando que é o administrador ativo, atilado progressista (CRU) **2** esperto;sagaz: (PFV); Vamos fazer com que os atilados cérebros masculinos decidam a magna questão.

Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era **atilada**, notaria a pabulagem.” (p. 29).

8. Azoretado/Azuretado, Adj. [Qualificador de nome animado] **1** adoidado. **2** aturdido.

Ex.: “Quem não ficaria **azuretado** com semelhante despropósito?” (p. 32).

9. Baraúnas, Nf árvore alta e frondosa, de caule pouco reto, muito ramificado, casca lisa e fina, folhas largas e pontudas, flores amarelas grandes, agrupadas em cachos, fruto em forma de vagem cilíndrica, grossa pilosa, e sementes com bordas em forma de asa.

Ex.: Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as **baraúnas**. (p. 19).

10. Bilro, Nm pequena peça de madeira em forma de fuso, com que se tecem rendas.

Ex.: As pernas dos meninos eram finas como **bilros**, (p. 36)

11. Bodega, Nf **1** taberna pouco asseada. **2** quitanda. **3** pequeno armazém de secos e molhados: Nas bodegas sertanejas está se cobrando o quilo da farinha por quase a metade de um quilo de carne (CT): em Alagoas, vendem-se nas bodegas, ao lado do bacalhau e do sabão, tijolinhos de barro de massapé (ATA).

Ex.: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à **bodega** de seu Inácio, onde guardara os picuás.” (p. 27).

12. Bolandeira, Nf nos engenhos de açúcar, grande roda dentada que trabalha horizontalmente, por impulso de um rodete: Os bois puxavam a bolandeira (CA).

Ex.: Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da **bolandeira** de seu Tomás. (p. 103).

13. Borrvalho, Nm. Braseiro coberto de cinzas. Brasido quase apagado.

Ex.: “... experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do **borralho**.” (p. 57).

14. Caco “das galinhas”, Nm [Concreto. Não animado] **1** fragmento de louça ou vidro. **2** palavra ou frase que o ator geralmente de improviso, introduz em qualquer de suas falas para substituir outras do texto original ou para efeito cômico.[Classf: nome concreto não animado] **3** qualquer coisa que esteja estragada ou em pedaços. [Humano] **4** pessoa envelhecida ou doente.

15. Caititu, Nm [Animado. Não humano] **1** mamífero de patas pretas, pelagem anelada de branco, ou amarelo e negro, ou castanho claro, com uma linha de longos pelos no pescoço. [Humano] **2** pessoa que utiliza todos os meios para promover sua produção musical. [Não animado] **3** engenho para fazer farinha ou ralar mandioca, movido a mão e formado de um cilindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas.

Ex.: Por que seria que aquele safado batia os dentes como um **caititu**? (p. 103).

16. Camarinha, Nf. Quarto de dormir, alcova. Cama pobre, catre. Quarto muito reservado de um candomblé.

Ex.: Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à **camarinha** escura, pareciam ratos – e a lembrança de sofrimentos passados esmorecera. (p. 18).

17. Cambão, Nm [Concreto] **1** peça de madeira que, através da tiradeira se prende ao cabeçalho do carro. **2** triangulo de madeira que se põe ao pescoço das cabras para que não atravessem cercas. **3** feira; enfiada. [Nucleo de construção adjetiva] [de+~] **4** habituado à prisão; submissão.

Ex.: “Sem aqueles **cambões** pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como uma onça e faria uma asneira.”.

18. Cambembe,

Ex.: “**Cambembes** podiam ter luxo? E estavam ali de passagem.” (p. 23)

19. Cambito, Nm **1** perna fina; caniço. **2** gancho duplo de madeira, que posto sobre a cangalha dos animais, serve para o transporte de lenha, capim ou outro material. [Classf. De + nome concreto não animado] **3** a parte mais delgada; a ponta.

Ex.: “... agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como **cambitos**.” (p. 11).

20. Caritó, Nm pequena prateleira no alto da parede, ou nicho nas casas de taipa.

Ex.: “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do **caritó** o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar.” (p. 41).

21. Catinga/caatinga, Nf **1** vegetação formada por arbustos, comumente espinhosos, que perdem as folhas Durant a seca. **2** zona cuja vegetação é a ~.

Ex.: “Trepou-se no mourão do canto, examinou a **catinga**, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.” (p. 13).

22. Catre,

Ex.: “Bem no meio do **catre** havia um nó, um calombo grosso na madeira.” (p. 45).

23. Chofre, Nm [Nucleo de construção adverbial] [de+~] de repente.

Ex.: “Mas aquela brutalidade findara de **chofre**, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos.” (p. 66).

24. Cobras-mortas,

Ex.: “Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam **cobras mortas**, sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.” (p. 118).

25. Cocó, Nm rodilha de cabelos no alto da cabeça; coque; birote.

Ex.: “Distinguiu o **cocó** de sinhá Vitória, que se escondia atrás de uma coluna.” (p. 75).

26. Cocorote, Nm [Abstração de ação] **1** pancada na cabeça com os nos dos dedos; cascudo; coque. [Concreto] **2** rodilha de cabelos no alto da cabeça; coque; cocó.

Ex.: “Aí sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um **cocorote**.” (p. 56).

27. Copiar, Nm varanda contigua a casa; alpendre.

Ex.: “Voltou desanimado, ficou um instante no **copiar**, fazendo tenção de hospedar ali a família.” (p. 13).

28. Cotovelo do caminho,

Ex.: “Num **cotovelo do caminho** avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar,” (p. 12).

29. Côvado, Nm (Obsol) unidade de medida de comprimento, equivalente a três palmos ou 66 centímetros.

Ex.: “Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em **côvado**, receoso de ser enganado.” (p. 27).

30. Cuia, 1 cabaça; cuité. 2 cabeça; cocoruto; crista. 3 cabaça ricamente adornada em que se prepara e bebe o mate por meio de uma bombinha. 4 caneca. 5 concavidade formada pela junção das palmas das mãos recurvadas. 6 no formato de uma cuia invertida; de forma arredondada.
Ex.: “Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a **cuia** pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (p. 9).

31. Cumbuco, cumbuca Nf 1 recipiente feito de uma cabaça à qual se corta a parte superior. 2 vasilha
Ex.: “Chegou-se ao jirau onde se guardavam **cumbucos** e mantas de carne.” (p. 43).

32. Desprecatado,

Ex.: “Fabiano ia **desprecatado**, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores.” (p. 101).

33. Ditério,

Ex.: “Um **ditério** sem importância.” (p. 105).

34. Embatucar, V [Processo] ficar sem ação; emperrar; atrapalhar-se.

Ex.: “Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, **embatucara**.” (p. 32).

35. Embira, Nf fibra utilizada para fazer amarrações ou como matéria-prima no fabrico de rede, cesto ou outros utensílios.

Ex.: “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a **embira** tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas.” (p. 12)

36. Emproado, Adj [Qualificador de nome humano] pretensioso.

Ex.: “Andou entre as barracas, **emproado**, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés.” (p. 78).

37. Encalacrar, V [Ação-processo] [Compl: nome humano ou abstrato] 1 meter em embaraços, em dificuldades. [Processo. Pronominal] 2 meter-se em embaraços, em dificuldades.

Ex.: “Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano **encalacrou-se** também. Sinha Vitória ia danar-se, e com razão.” (p. 29).

38. Encarquilhar, V [Ação-processo] [Compl: nome concreto] 1 fazer ficar enrugado.

Ex.: “Sinha Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, **encarquilhou** as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas”. (p. 39).

39. Enfezado, Adj. [Qualificador de nome concreto] (Coloq) 1 nervoso; irritado. 2 pouco desenvolvido; raquítico.

Ex.: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, **enfezado**, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando debalde.” (p. 20).

40. Enxerido, Adj [Qualificador de nome humano] (Coloq) 1 intrometido; atrevido. N 2 quem é intrometido: o enxerido.

Ex.: “O menino estava ficando muito curioso, muito **enxerido**.” (p. 20).

41. Esbrugar, Ex.: “O menino mais velho **esbrugava** um osso com apetite.” (p. 124).

42. Escanchado, Adj [Classificador de nome humano] 1 de pernas abertas. 2

aberto. 3 plantado; enraizado; grudado.

Ex.: “... sinhá Vitória com o filho mais novo **escanchado** no quarto e o baú de folha na cabeça.” (p. 9).

43. Esgravatar, V [Ação-processo] [Compl: nome concreto não animado] 1 limpar com objeto pontiagudo ou com o dedo. 2 remexer ou escarafunchar. 3 pesquisar minuciosamente. 4 investigar; remexer.

Ex.: “Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, **esgravatou** as unhas sujas.” (p. 18).

“Esfregou as mãos finas, **esgaravatou** as unhas sujas.” (p. 60).

44. Espichar, V (Coloq) 1 tornar maior; ampliar. 2 esticar; aumentar. 3 estirar; estender. 4 pronunciar de maneira alongada. 5 por-se ao comprido; deitar-se. 6 deixar: E. então, que tinha entornado outra cabaça de léguase que havia espichado mais mundo para trás. 7 ampliar-se; crescer. 8 morrer. 9 esticar-se. 10 estender-se.

Ex.: “Ia crescer, **espichar-se** numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.” (p. 53).

45. Estazar,

Ex.: “Como já não se **estazava** em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando.” (p. 44).

46. Esticar, V 1 estender. 2 aumentar o tempo; prolongar. 3 espichar; distender a musculatura; espreguiçar. 4 lançar: O tio nunca esticou olhar tão honesto. (DE). 5 (Coloq) dirigir-se; ir. 6 (Coloq) demorar-se. 7 deitar-se; por-se ao comprido. 8 estender-se; espichar-se. 9 prolongar-se. 10 estender; prolongar.

47. Estirar, V 1 derrubar, fazer cair. 2 esticar; estender. 3 deitar-se; por-se deitado. 4 distender-se; estender-se. 5 cair; estatelar-se. 6 apresentar-se

de forma dispersa: o Ribinha crescia e estirava suas casas de palhas por onde antigamente era mato fechado. (CAS).

Ex.: “**Estirou** as pernas, encostou as carnes doídas ao muro.” (p. 32).

“E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam **estirar-se** ao centro.” (p. 45).

“Ali podia um cristão **estirar** os ossos.” (p. 46).

“**Estirou-se** e bocejou.” (p. 68).

“... enrolou tudo, fez um travesseiro, **estirou-se** no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta.” (p. 80).

48. **Farpela**, Nf barbela. (VPB)

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar **farpelas** para ele e para os filhos.” (p. 71).

49. **Gibão**, Nm casaco longo de couro usado pelos vaqueiros nordestinos para proteger-se dos espinhos das caatingas.

Ex.: “Metido nos couros, de perneiras, **gibão** e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo.” (p. 47).

50. **Gorgolejar**, V [Processo] 1 produzir gorgolejo.

Gorgolejo, Nm 1 ruído provocado pela agitação de um líquido; gargarejo.

Ex: “Por que gritavam a cantoria **gorgolejada** e triste?” (p. 69).

51. **Guarda-peito**,

Ex. “As perneiras, o gibão, o **guarda-peito**, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 49).

52. **Imbu/umbu**, Nm 1 fruto do imbuzeiro.

Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de **imbu** e semente de mucunã.” (p. 19).

53. Imburana, Nf árvore de folhas alternas, flores pequenas, fruto drupa, madeira resistente e resina odorífera.

Ex.: “A ventania arrancara sucupiras e **imburanas**, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas.” (p. 65).

54. Jatobá, Nm [Contável] 1 fruto muito doce, alongado, grosso e arredondado, de casca rugosa, sementes envolvidas em polpa farinácea de cor branca amarelada. 2 jatobazeiro. 3 a madeira do jatobazeiro. 4 infusão preparado com casca de jatobar e mel.

Ex.: “No quadro, ao passar pelo **jatobá**, virou o rosto.” (p. 77).

55. Jirau, Nm 1 armação feita de varas e troncos para servir de espera na caça. 2 cama de varas. 3 estrado sobre forquilhas usado para guardar objetos.

Ex.: “Realmente o **jirau** de varas onde se espichavam era incômodo.” (p. 68).

56. Juazeiros, Nm árvore ramificada desde a base, tronco espinhoso e casca cinzenta, folhas lisas, verdes e brilhantes, que produz o juá.

Ex.: “Na planície avermelhada os **juazeiros** alargavam duas manchas verdes.” (p. 9).

57. Látego, Nm açoite; azorrague.

Ex.: “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos **látegos** e chocalhos pendurados num braço.” (p. 101).

58. Macambira, Nf planta encontrada nas caatingas, de folhas fibrosas e bordos espinhosos, raízes horizontais muito ramificadas que conservam água, que serve de alimento.

Ex.: “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos **látegos** e chocalhos pendurados num braço.” (p. 101).

59. Madorra, Nf madorna.

Madorna, Nf (Coloq) 1 cochilo. 2 sonolência. 3 prostração; madorra.

Ex.: “... arrancaram Baleia da madorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem.” (p. 56).

60. Mandacaru, Nm grande cacto, de tronco em forma de coluna e ramificado, de espinhos amarelos e flores brancas, fruto oblongo, de casca grossa e vermelha, polpa branca e succulenta, com numerosas sementes pequenas e pretas.

Ex.: “Cortar **mandacaru**, ensebar látegos – aquilo estava no sangue.” (p. 97).

61. Marrã,

Ex.: “Se vendesse as galinhas e a **marrã**?” (p. 46).

62. Mor, Adj. [Qualificador] 1(Obsol) maior. 2 (Colq) com finalidade de: Ai, que mundo triste é este, que a gente está mesmo nele só p’ra mor de errar! (AS).

Ex.: “Por **mor** de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.” (p. 32).

63. Mourão/moirão, Nm grosso tronco que se finca ao solo para fazer cercas, prender o gado ou atar canoas à beira dos rios.

<p>Ex.: “Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente.” (p. 37).</p>
<p>64. Mucunã/mucuna, Nf erva leguminosa que produz vagens revestidas de pelos que causam alergia e irritação.</p> <p>Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de mucunã.” (p. 19).</p>
<p>65. Mundéu, Nm armadilha de caça, e cuja boca é disfarçada com varas finas e folhagens, para que o animal nele caís ao passar. 2 lugar afastado de difícil acesso; cafundó.</p> <p>Ex.: “Decidiu armar um mundéu perto do poleiro.” (p. 45).</p>
<p>66. Muxoxo, Nm estalo com a língua para indicar desdém, contrariedade ou indiferença.</p> <p>Ex.: “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios.” (p. 87).</p>
<p>67. Os quatro cantos,</p> <p>Ex.: “Como isto não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando brabo.” (p. 10).</p>
<p>68. Pabulagem, Nf 1 embuste. 2 fanfarronada.</p> <p>Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem.” (p. 29).</p>
<p>69. Parolagem, Nf conversa; falatório; palavra.</p> <p>Ex.: “Desse negrume saiu novamente a parolagem mastigada.” (p. 65).</p>

<p>70. Perneira, Nf espécie de bota usada pelos soldados. 2 peça de couro ou pano grosso que envolve a perna para proteção.</p> <p>Ex.: “Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão.” (p. 49).</p>
<p>71. Perra,</p> <p>Ex.: “E a língua engrossava, perra, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados.” (p. 79).</p>
<p>72. Pezunhar,</p> <p>Ex.: “Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e pezunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos”. (p. 71)</p>
<p>73. Pinguela, Nf tronco sobre um rio; ponte tosca.</p> <p>Ex.: “Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua.” (p. 73).</p>
<p>74. Pirralho, N 1 menino pequeno; criança. 2 pessoa irresponsável.</p> <p>Ex.: “Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo.” (p. 48).</p>
<p>75. Pucumã,</p>
<p>76. Queimando o assento,</p> <p>Ex.: “Sinha Vitória queimando o assento no chão,...” (p. 11).</p>
<p>77. Quipá, Nm vegetação nordestina, espécie de cardo rasteiro.</p> <p>Ex.: “... pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem.” (p. 102).</p>
<p>78. Rezingar, V dizer entre dentes; resmungar; reclamar.</p>

Ex.: “Por isso **rezingara**, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.” (p. 58).

79. Taipa, Nf barro ou cal e areia socados entre armações de tábuas para construção de muros ou paredes.

Ex.: “Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das **paredes de taipa**.” (p. 66).

80. Taquari, Nm pequena árvore das capoeiras secas, de flores sem pétalas e unissexuais, madeira mole e leve, cujos ramos novos são usados para fazer canudos de cachimbo.

Ex.: “Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de **taquari**.” (p. 42).

81. Taramela/Tramela, Nf 1 peça de madeira de formato alongado que gira em redor de um prego, destinado a fechar portas, janelas ou tampas. 2 tagarelice.

Ex.: “Quiseram mexer na **taramela** e abrir a porta, mas sinhá Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-se e...” (p. 86).

82. Taramelar, V tagarelar.

Ex.: “Debaixo do jatobá do quadro **taramelou** com sinha Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa.” (p. 29).

83. Tolda, Nf cobertura abaulada para abrigar, nas embarcações, a carga ou os passageiros.

Ex.: “A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as **toldas**, a mesa do leilão” (p. 81).

84. Trempe, Nf arco de ferro com três pés sobre o qual se põem panelas sobre o fogo aceso.

Ex.: “Àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta.” (p. 25).

85. Tresvariar/Tresvairar, V delirar; variar;

Ex.: “Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse **tresvariando**.” (p.109).

86. Vara, Nf 1 haste ou ramo delgado de arvore ou arbusto. 2 ramo de taquara delgado ou flexível em cuja extremidade se prende uma linha com anzol, para pesca. 3 pau comprido e fino usado como auxiliar nos concursos atléticos para certa modalidade de salto em altura. 4 haste fina que serve para diversos fins. 6 açoite; castigo. 7 cada uma das divisões de jurisdição, nas comarcas onde há mais de um juiz de direito. 8 antiga medida de comprimento equivalente a 1,10m. 9 agrupamento; grupo; conjunto.

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado **dez varas de pano branco** na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos.” (p. 71).

87. Venta, Nf 1 cada uma das fossas nasais, especialmente dos animais. 2 [Plural] 2 (Deprec) nariz.

Ex.: “Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as **ventas**, sentiu cheiro de preás,...” (p. 13).

“Farejando a panela, franzia as **ventas** e reprovava os modos estranhos do amigo.” (p. 61).

Ex.: “Fossem perguntar a seu Tomas da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as **ventas**.” (p. 33).

<p>88. Vexado, Adj. envergonhado; embaraçado. Ex.: “Repeliu-o vexado.” (p. 20).</p>
<p>89. Xiquexique₁, Nm cacto da caatinga nordestina. Ex.: “Olhou os quipás, os mandacarus e xiquexiques.” (p. 19).</p>
<p>90. Xiquexique₂, Nm planta leguminosa, com flores cuja corola lembra uma borboleta: espalhado pelo chão, com pés de xiquexique, coroas-de-frade e macambuias. (PR)</p>

Observação: Os vocábulos em branco não constam no Dicionário de Usos de Francisco Borba.

APÊNDICE C - Palavras e expressões que fazem parte do vocabulário regional nordestino e estão presentes na obra, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Ref.: SILVA, Antônio de Moraes. *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

1. Aboletar, v. t. Aquartelar as tropas em casas particulares. Alojjar.

Ex.: “Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, **aboletar-se** noutra lugar, recomeçar a vida.” (p. 111).

2. Aió,

Ex.: Em seguida acocorou-se, remexeu o **aió**, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas. (*Vidas Secas*, p. 16).

3. Algibeira, s.f. Bolso ou pequeno saco que faz parte integrante do fato. Conteúdo da algibeira; dinheiro, bolsa, recursos. Pergunta de algibeira, pergunta capciosa. Ciência de algibeira, conhecimento inconsistente adquirido à pressa para deslumbrar. Andar de mãos nas algibeiras, não trabalhar, ser ocioso. Meter os pés (ou as mãos) nas algibeiras, zombar de alguém; lisonjeá-lo para o envaidecer. Algibeira rota, pessoa que desperdiça dinheiro. S. f. Zool. Crustáceo muito vulgar.

Ex.: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na **algibeira**, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás.” (p. 27).

Aluvião, s.f. cheia, inundação. Grande quantidade de pessoas ou coisas

Ex.: “Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no fim da terra de **aluvião**, alcançava as catingueiras, que deviam estar submersas.” (p. 65). “Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de **aluvião**,

<p>aproximou-se do bebedouro.” (p. 111).</p>
<p>4. Amodorrar, v.t. causar modorra. V. int. Cair em modorra. Ex.: Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. (p. 14)</p>
<p>5. Arengar, v. int. repetir arenga: fazer alguma fala em publico. Disputar. Intrigar. Ex.: “Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se atacando.” (p. 68).</p>
<p>6. Atilar, v.t. Apurar, aperfeiçoar com minúcia. Polir, por a ultima demão de alguma obra, que lhe não falte nem um til. Assear, ornar com grande curiosidade. Tornar hábil, esperto. Por o til em. Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a pabulagem.” (p. 29).</p>
<p>7. Azuretado, Azoratar, v.t. entontecer, transformar, desnortear. Ex.: “Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito?” (p. 32).</p>
<p>8. Baraúnas, s. f. Grande árvore da família das leguminosas. Ex.: “Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas.” (p. 19).</p>
<p>9. Bilro, s. m. Utensílio de madeira ou de chumbo com o qual se fazem rendas ou obras de cabelo. Pau de jogar bola. Fig. Homem pequenino. Manequim, boneco. Ex.: “As pernas dos meninos eram finas como bilros.” (p. 36)</p>

10. Bodega, s.f. Taverna de feira. Taverna pequena e suja. Coisa suja. Comida grosseira. Porcaria.

Ex.: “... amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à **bodega** de seu Inácio, onde guardara os picuás”. (p. 27).

11. Bolandeira, s.f. Roda do engenho de açúcar. Tip. Da antiga galé.

Ex.: “Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da **bolandeira** de seu Tomás.” (p. 103).

12. Borralho, s.m. Resto de brasido, com cinzas que o cobrem. Cinzas quentes, lar, lareira. Variedade de feijão. Adj. Diz-se do touro que tem cor de cinza.

Ex.: “... experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do **borralho**.” (p. 57).

13. Caco, s.m. Pedaco partido de loiça, barro, vidro, etc. objeto velho escangalhado e de pouco valor.

14. Caititu, caiteto ou catitu, s.m. porco do mato, do Brasil.

Ex.: “Por que seria que aquele safado batia os dentes como um **caititu**?” (p. 103).

15. Camarinha, s.f. diminutivo de câmara. Bago pequeno e redondo de certas plantas, como a groselheira. Fig. Gota, principalmente de suor ou de orvalho.

Ex.: “Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à **camarinha** escura, pareciam ratos – e a lembrança de sofrimentos passados esmorecera”. (p. 18).

16. Cambão, s.m. Aumentativo de cambo. Cingel dianteiro em carro, charrua, etc., puxados por duas ou mais juntas de bois. *Burro ou cegonho com que se tira água de poços. Pau com gancho na ponta, para colher fruta das árvores.* Conluio prévio entre marchantes, em leilões, com o fim alterar ou rebaixar preços, açambarcando a praça e dividindo entre si os lucros. Bras. Junta de bois. Pau que se prende ao pescoço dum animal, para lhe dificultar a marcha e a fuga. Coxo, trôpego, cambaio.

Ex.: “Sem aqueles **cambões** pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como uma onça e faria uma asneira.” (p. 37).

17. Cambembe, s.m. Bras. de Pernambuco. Trabalhador livre, que se juntava aos escravos no serviço da lavoura. Brás. De Alagoas. Nome da gente humilde que mora no campo. Choça. Adj. Brás. O m. q. cambaio. Sem importância.

Ex.: “**Cambembes** podiam ter luxo? E estavam ali de passagem.” (p. 23)

18. Cambito, s.m. Bras. Pernil de porco. Perna fina. Gancho de pau. Arrocho.

Ex.: “... agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como **cambitos**.” (p. 11).

19. Caritó, s.m. Bras. Casa de gente pobre, casinhola. compartimento acanhado em casa de moradia. Pequena prateleira de madeira a um canto dos quartos e salas das casa sertanejas. Gaiola com que se prendem caranguejos e guaiamus, para engordar. No caritó:

Ex.: “Foi à sala, passou por baixo do punho da rede onde Fabiano roncava, tirou do **caritó** o cachimbo e uma pele de fumo, saiu para o copiar.” (p. 41).

20. Catinga, s.f. Cheiro desagradável da pele dos negros. Transpiração

fétida dos sovacos, etc.: mau cheiro, bodum. Mata enfezada de árvores pequenas e de folhas frágeis, tortuosas e um tanto raras. Arbusto da família das gignonniaceas. Planta da família das leguminosas. Nome de varias outras plantas. Variedade de tainha ou parati, em Santa Catarina. S.2 gén. Bras. Pessoa avarenta, mesquinha, tacanha. Sovinaria, mesquinharia.

Ex.: “Trepou-se no mourão do canto, examinou a **catinga**, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.” (p. 13).

21. Catre, s.m. cama de viagem. Camilha, dobradiça. Leito tosco e pobre. Brás. Espécie de jangada. Na Índia, espécie de machila de lona, suspensa de um varal.

Ex.: “Bem no meio do **catre** havia um nó, um calombo grosso na madeira.” (p. 45).

22. Chofre, s.m. A pancada que se na bola com o taco. Choque repentino. Tiro contra a ave que se levanta. De chofre. loc. adv. de repente. Como o tira que se faz à perdiz que se levanta e sai voando.

Ex.: “Mas aquela brutalidade findara de **chofre**, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos.” (p. 66).

23. Cobras-mortas,

Ex.: “Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam **cobras mortas**, sinhá Vitória lembrou-se da cachorra Baleia, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.” (p. 118).

24. Cocó, s.m. Caracol de cabelo no alto da cabeça: carriapito, pito. Pastel das confeitarias lisboetas. Inf. E chul. Excremento fazer cocó. Defecar.

Ex.: “Distinguiu o **cocó** de sinhá Vitória, que se escondia atrás de uma coluna.” (p. 75).

25. Cocorote, s.m. Pancada com os nós dos dedos na cabeça de outrem: carolo.

Ex.: “Aí sinha Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um **cocorote**.” (p. 56).

26. Copiar, v. t. Fazer a cópia de: transcrever. Imitar, plagiar. S. m. Bras. A parte dianteira das casa baixas, rústicas ou palhoças, onde esta a porta de entrada, e tem uma como varanda aberta ou alpendre: sala de habitação rústica. Posto de recepção de peixe, nas praias de Olinda.

Ex.: “Voltou desanimado, ficou um instante no **copiar**, fazendo tenção de hospedar ali a família.” (p. 13).

27. Cotovelo “do caminho”, s.m. Anat. Parte exterior do braço que forma um ângulo saliente no sitio correspondente à articulação do úmero com o cubito; protuberância exterior formada pela articulação do braço com o antebraço. Ângulo saliente, esquina,; canto; curva de 90 graus e raio curto nas tubagens; curva apertada na junção de duas linhas, de dois objetos, ou duas partes dum objeto; curva, volta. No da videira onde rebenta o cacho. Enseada em baía ou rio. Parte recurvada e cilíndrica da baioneta, em que a folha se liga ao alvado. Falar pelos cotovelos, falar muito. Dor de cotovelo, ciúmes.

Ex.: “Num **cotovelo do caminho** avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar,” (p. 12).

28. Còvado, s.m. Antiga medida linear, que corresponde a 66 centímetros. Ant. parte onde a caverna do navio começa a encurvar-se ou fazer volta para cima. Cotovelo.

Ex.: “Fabiano percorreu as lojas, escolhendo o pano, regateando um tostão em **còvado**, receoso de ser enganado.” (p. 27).

29. Cuia, s.f. Fruto da cuieira, cuja casca, depois de seca, é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios. Almofada de cabelos postiços, que, em certo penteado feminino, se coloca sobre a nuca. Vasilha feita da fruta cutié: cabaça. Gír. Cabeça. Tomar (levar) na cuia, apanhar pancada. Banzé de cuia, conflito, confusão, escândalo. Provinc. Beir. etras.Om. q. cu.

Ex.: “Fabiano sombrio, cambaio, o aio a tiracolo, a **cuia** pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro.” (p. 9).

30. Cumbuco, adj. Bras. Diz-se do boi ou da vaca cujos chifres tem as pontas voltadas uma para outra.

Ex.: “Chegou-se ao jirau onde se guardavam **cumbucos** e mantas de carne.” (p. 43).

31. Desprecatado, Desprecatar-se, v. r. não tomar cautela: não tomar cuidado: descuidar-se.

Ex.: “Fabiano ia **desprecatado**, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores.” (p. 101).

32. Ditério, s. m. Motejo, zombaria, chufa, dichote.

Ex.: “Um **ditério** sem importância.” (p. 105).

33. Embatucar, Embatocar, v.t. Tapar com batoque: por batoque em. fazer calar,fazer embuchar. V. int. Enlear. Surprender com alguma noticia má: empanzinar. Ficar enleado ou atrapalhado, calar-se.

Ex.: “Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, **embatucara**.” (p. 32).

34. Embira, s.f. Bot. Nome comum aos arbustos ou arvores de líber sedoso da família das timeliáceas. Fibra liberiana de certos vegetais, a qual, sem mais preparo, serve como cordel para atados e tratada convenientemente,

oferece matéria-prima para cordas e estopa. Aquilo que se colheu na pesca ou na caça. Indivíduo magro e desnutrido.

Ex.: “As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a **embira** tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas.” (p. 12)

35. Emproado, Emproar, v.t. aportar em: abordar. Fazer voltar a proa de. V.int. voltar a proa; aproar. Prolongar-se um navio com outro levando as proas ao mesmo rumo. Mostrar vaidade.

Ex.: “Andou entre as barracas, **emproado**, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés.” (p. 78).

36. Encalacrar, v.t. Pop. Por, colocar em dificuldades; embaraçar, entalar: lograr.

Ex.: “Os jogadores apertaram-se, os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano **encalacrou-se** também. Sinha Vitória ia danar-se, e com razão.” (p. 29).

37. Encarquilhar, v.t. Encolher formando pregas, rugas; engelhar; enrugar. V.int. e r. Formar prega; engelhar-se, enrugar-se.

Ex.: “Sinha Vitória limpou as lágrimas com as costas das mãos, **encarquilhou** as pálpebras, meteu o rosário no seio e continuou a soprar com vontade, enchendo muito as bochechas”. (p. 39).

38. Enfezado, adj. e p.p. de enfezar. Que se enfezou; que se não desenvolveu suficientemente; raquítico; acanhado.

Ex.: “Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miudo, enfezado, a camisinha encardida e rota, acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando debalde.” (p. 20).

39. Enxerido, Enxerir, v.t. enterrar, cravar, plantar. Introduzir, incluir.

Ex.: “O menino estava ficando muito curioso, muito **enxerido**.” (p. 20).

40. Esbrugar, v.t. Tirar, separar a casca de; descansar, raspar. Separar a carne dos ossos.

Ex.: “O menino mais velho **esbrugava** um osso com apetite.” (p. 124).

41. Escanchar, v.t. abrir pelo meio; separar, alargar. **E.-se**, v.r. Colocar-se, sentar-se com uma perna de cada lado. Escarranchar-se, encavalgar-se. Bras. Seguir pista; perseguir.

Ex.: “... sinhá Vitória com o filho mais novo **escanchado** no quarto e o baú de folha na cabeça.” (p. 9).

42. Esgravatar ou esgravatear, v.t. O m. q. esgaravatar. **Esgaravatar**, v.t. Remexer como as galinhas com as unhas à procura de alimento. Limpar com dedo palito ou esgravatador. Fazer investigações ou indagações minuciosas em.

Ex.: “Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, **esgravatou** as unhas sujas.” (p. 18).

“Esfregou as mãos finas, **esgaravatou** as unhas sujas.” (p. 60).

43. Espichar, v.t. Meter, enfiar espicho em, abrir furo, cravar espicho em vasilha para extrair líquido. Estender a fio comprido; estatelar. Enfiar pelas guelras; fazer espicha de (peixe). Beber o conteúdo de (pipa ou barril). Fazer errar ou calar-se (o estudante) nas lições ou exames. V int. jorrar, sair por espicho ou furo; esguichar. Fazer fiasco, estender-se. Fam. Morrer. O m. q. esticar.

Ex.: “Ia crescer, **espichar-se** numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.” (p. 53).

44. Estazar, v.t. fatigar, esfalfar (o cavalo ou outro animal).

Ex.: “Como já não se **estazava** em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando.” (p. 44).

45. Estirar, v.t. estender alongar puxando, esticar espichar, estender ao comprido; deitar por terra; estiraçar. V. int. Morrer; o m. q. esticar.

Ex.: “**Estirou** as pernas, encostou as carnes doídas ao muro.” (p. 32). “E ela se encolhia num canto, o marido no outro, não podiam **estirar-se** ao centro.” (p. 45). “Ali podia um cristão **estirar** os ossos.” (p. 46). “Estirou-se e bocejou.” (p. 68).

“... enrolou tudo, fez um travesseiro, **estirou-se** no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta.” (p. 80).

46. Farpela, s.f. Espécie de gancho agudo em que terminam de um lado as agulhas de meia ou de crochê. Abrir a farpela, fugir. Fam. Vestuário, fato. Nome dado na região do Porto a certas rolhas de cortiça.

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado dez varas de pano branco na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar **farpelas** para ele e para os filhos.” (p. 71).

47. Gibão, s.m. A parte da vestimenta antiga que cobria os homens do pescoço à cintura. Bras. Veste de couro usada pelos vaqueiros. Macaco antropóide da família dos hilobátidas.

Ex.: “Metido nos couros, de perneiras, **gibão** e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo.” (p. 47).

48. Gorgolejar, v.t. beber, fazendo o som do gargarejo. V.int.produzir ruído do gargarejo.

Ex: “Por que gritavam a cantoria **gorgolejada** e triste?” (p. 69).

49. Guarda-peito, s.m. Bras. do Norte. Peça de couro que se prende ao pescoço e a cintura, servindo de colete.

Ex. “As perneiras, o gibão, o **guarda-peito**, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhavam-no.” (p. 49).

50. Imbu, s.m. Bot. Fruto do imbuzeiro. Árvore que dá o imbu.

Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de **imbu** e semente de mucunã.” (p. 19).

51. Imburana, s.f. Bras. planta burserácea.

Ex.: “A ventania arrancara sucupiras e **imburanas**, houvera relâmpagos em demasia – e sinha Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas.” (p. 65).

52. Jatobá, s.m. O m. q. jataí. **Jataí**, s.m. espécie de abelha. Designação brasileira de diversas plantas faseoláceas-cesalpiniáceas.

Ex.: “No quadro, ao passar pelo **jatobá**, virou o rosto.” (p. 77).

53. Jirau, s.m. Estrado em que se senta os passageiros que uma jangada transporta. Palanque dentro de casa. Armação feita com varas e troncos, dormida no mato, ou para servir de espera numa caçada. Armação de madeira sobre a qual se edificam casas, para evitar a água e a umidade. Cama de varas.

Ex.: “Realmente o **jirau** de varas onde se espichavam era incômodo.” (p. 68).

54. Juazeiros, s.m. Árvore brasileira.

Ex.: “Na planície avermelhada os **juazeiros** alargavam duas manchas verdes.” (p. 9).

55. Látego, s.m. Azorrague, chicote de cordas ou de correia. Inquerideira ou engrideira, corda ou correia de sobrecarga. Brás. Do Sul. Tira de couro cru, com que se apertam os arreios. Fig. Castigo, flagelo. Fig. Estimulo. Nome vulgar dos peixes do gênero Motela.

Ex.: “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos **látegos** e chocalhos pendurados num braço.” (p. 101).

56. Macambira, s.f. planta da família das bromeliáceas.

Ex.: “Ia pesado, o aió cheio a tiracolo, muitos **látegos** e chocalhos pendurados num braço.” (p. 101).

57. Madorra, s.f. O m. q. modorra. **Modorra**, (ô), s.f. Sonolencia em que caem certos doentes. Grande prostração, ainda que não causada por doença; moleza; apatia. Doença do gado ovelhum, provocada por excesso de sangue. S.f. Ant. Monte de cascalho ou de pedras miudinhas. Túmulo romano.

Ex.: “... arrancaram Baleia da madorra e deram-lhe a suspeita de que as coisas não iam bem.” (p. 56).

58. Mandacaru, s.m. Planta da família das cactáceas. Bras. do Norte o m. q. mandacuru.

Ex.: “Cortar **mandacaru**, ensebar látegos – aquilo estava no sangue.” (p. 97).

59. Marrã, s.f. Porca pequena que acabou de mamar. Carne fresca de porco. Brás. Do Norte. Ovelha pequena. Provinc. Corcova, marreca.

Ex.: “Se vendesse as galinhas e a **marrã**?” (p. 46).

60. Mor, (ô) s.m. Aférese de amor. Pop. E ant. Causa (leva a capa por mor de chuva).

Ex.: “Por **mor** de uma peste daquela, maltratava-se um pai de família.”

(p. 32).

61. Mourão, s.m. Cada uma das vagas grossas, que se fixam verticalmente na formação de estacas. Estaca para empar a videira. Qualquer estaca. Brás. Poste. Adj. Diz-se do cavalo preto sarapintado de branco. Gênero de miriápodes. O cavaleiro que vai a esquerda, no jogo das damas. Provinc. tras, planta crucífera.

Ex.: “Vivia preso como um novilho amarrado ao **mourão**, suportando ferro quente.” (p. 37).

62. Mucunã, s.f. Planta da África e do Brasil cujas vagens são cobertas de um pelo que provoca prurido forte na pele quando se lhes toca; pertence a família das leguminosas, papilionadas. Pelos dessas vagens reduzidos a pó e usados em farmácia.

Ex.: “Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e semente de **mucunã**.” (p. 19).

63. Mundéu, s.m. Armadilha ratoeira que se usa no Brasil para apanhar animais. Por ext. e fig. Qualquer armadilha. Grande tanque de paredes de pedra, onde se depositavam as areias auríferas arrastada pela água. Lugar, região afastada. Certo fixo de redes, que remata estacas, na pesca fluvial, e que se usa no Norte do país.

Ex.: “Decidiu armar um **mundéu** perto do poleiro.” (p. 45).

64. Muxoxo, s.m. Bras. Beijo, meiguice, carícia. Espécie de estalo que se dá com a língua e os lábios.

Ex.: “Pouco a pouco a cólera diminuiu, e sinha Vitória, embalando as crianças, enjoou-se da cadela achacada, gargarejou **muxoxos** e nomes feios.” (p. 87).

65. Os quatro cantos,

Ex.: “Como isto não acontecesse, espiou **os quatro cantos**, zangado, praguejando brabo.” (p. 10).

66. Pabulagem, s.f. Bras. Embuste, engano.

Ex.: “A mulher se incharia com a notícia. Talvez não se inchasse. Era atilada, notaria a **pabulagem**.” (p. 29).

67. Parolagem, s.f. Ato de parolar. Grupo de parolatos; conjuntos de parolos.

Parola, (ó) s.f. Palanfrório, paleio; loquacidade.

Ex.: “Desse negrume saiu novamente a **parolagem** mastigada.” (p. 65).

68. Perneira, s.f. Doença que acomete os bois. Certo mal que ataca as cabras. Brás. Cada uma das peças das calças por onde se enfiam as pernas. Polaina de couro ou pano grosso. Provinc. Pé de certos vegetais. Antrocnose da videira. Pequena porção. ter. de Santarem. Ataque do míldio no pedúnculo do cacho. PL. Botas de couro, usadas antigamentepelos campeiros. Espécie de polainas usadas pelos habitantes do sertão quando montam a cavalo ou andam pelo mato.

Ex.: “Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas **perneiras**, tocou as abas do gibão.” (p. 49).

69. Perra, s.f. Nome vulgar das aves anseriformes da família das anatídeas. Desus. Cadela.

Ex.: “E a língua engrossava, **perra**, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados.” (p. 79).

70. Pezunhar, v. int. Passear, andar, mover os pés.

Ex.: “Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira, e

<p>pezunhavam nos seixos como bois doentes dos cascos”. (p. 71)</p>
<p>71. Pinguela, s.f. Pingalete. Pauzinho com que se arma o laço para apanhar aves. Gancho com que se armam ratoeiras. Viga, tronco ou prancha, atravessada sobre um rio, para servir de ponte. Provinc. Minh. Pedra única, que em meio de um regato estreito facilita a passagem de um para outro lado.</p> <p>Ex.: “Atravessaram a pinguela e alcançaram a rua.” (p. 73).</p>
<p>72. Pirralho, s.m. Bras. e provinc. Beir. minh. E dur. Criança, criançola. Por anal. Homem de pequena estatura.</p> <p>Ex.: “Sinha Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo.” (p. 48).</p>
<p>73. Pucumã, s.m. O m.q. picumã.</p> <p>Picumã, s.m. Bras. Fuligem.</p> <p>Ex. “A panela chiava; um vento morno e empoeirado sacudia as teias de aranha e as cortinas de pucumã do teto; Baleia, sob o jirau, coçava-se com os dentes e pegava moscas.” (p. 44).</p>
<p>74. Queimando o assento,</p> <p>Ex.: “Sinha Vitória queimando o assento no chão,...” (p. 11).</p>
<p>75. Quipá,</p> <p>Ex.: “... pôs-se a cortar as quipás e as palmatórias que interrompiam a passagem.” (p. 102).</p>
<p>76. Rezingar, v. t. e int. Pop. Altercar, discutir, prolongadamente, mas sem grande barulho. Resmungar. Recalcitrar.</p> <p>Ex. “Por isso rezingara, esperando que ela fizesse o inferno</p>

transformar-se.” (p. 58).

77. Taipa, s.f. Tabique, estuque. Parede feita de barro amassado e calçado, em geral entre enxameis atravessados por fasquias ou entre dois tabuões. Por ext. Muro ou paredão construído de barro amassada e calcado, de modo a formar bloco consistente e duradouro, depois de seco. Substancia córnea que envolve as partes vivas do pé do cavalo; o m.q. tapa. Pancada, sopapo.

Ex.: “Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das **paredes de taipa**.” (p. 66).

78. Taquari, s.m. Designação comum a duas plantas brasileiras da família das gramináceas. Arvore da família euforbiáceas. Nome de varias plantas brasileiras. Brás. Do N. canudo alongado de cachimbo rústico feito de bambu. s.f. espingarda de pequeno calibre.

Ex.: “Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de **taquari**.” (p. 42).

79. Taramela, s.m. Pequena peça de madeira que gira num eixo metálico, em geral um prego, cravado na porta, cancela, postigo ou armário, para os fechar atravessando os batentes. Peça de madeira que, ligada à tremonha dum moinho e tocando na mó superior, imprime àquela, pela rotação desta, um movimento de tremura. Espécie de cunha, para segurar a retranca nos navios. Língua. Falatório. Mulher palradora. Dar à taramela, falar muito, tagarelar.

Ex.: “Quiseram mexer na **taramela** e abrir a porta, mas sinhá Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-se e...” (p. 86).

80. Taramelar, v. int. Dar à taramela; falar muito; tagarelar.

Ex.: “Debaixo do jatobá do quadro **taramelou** com sinhá Rita louceira, sem se atrever a voltar para casa.” (p. 29).

81. Tolda (ô), s.f. Obra de lona própria par colocar sobre a porta, barco, peça, etc., a fim de servir de abrigo contra a chuva ou contra o sol; toldo. A primeira cobertura do barco ou navio. Espigueiro; armação de três astes unidas na extremidade superior, no vão das quais se encastelam as maçarocas do milho, formando uma pirâmide, a fim de se conservarem sãs. Alcofa de palma, de fundo chato e bordas baixas, em que se peneira a farinha; caparão; capacheira. Acto ou efeito de toldar.

Ex.: “A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as **toldas**, a mesa do leilão” (p. 81).

82. Trempe, s.f. Arco de ferro que assenta sobre três pés e sobre o qual se coloca a panela ao fogo. Conjunto de três pedras, não em linha recta, em que se assenta a panela ao lume. Jogo de vaza, manilha com três parceiros. Qualquer coisa com a forma de trempe. Reunião de três pessoas que tem ideias ou interesses comuns. Jangada formada com três paus, que se ata aos mastros ou mastarêus para fazer qualquer obra neles. Fig. Armadilha, laço. Brás. Malta, matula. Provin. Alg. Pessoa alta, magra de poucas forças.

Ex.: “Àquela hora sinha Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta.” (p. 25).

83. Tresvariando, v. int. Delirar; estar fora de si; não acertar no que diz; dizer ou fazer disparates. Sofrer perturbação.

Ex.: “Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.” (p.109).

84. Vara,

Ex.: “Mas Fabiano tinha comprado **dez varas de pano branco** na loja e incumbira Sinha Terta de arranjar farpelas para ele e para os filhos.” (p.

71).

85. Venta, s.f. Qualquer das fossas nasais. Presença. Olfacto. Pop. Má catadura. Andar de ventas, andar aborrecido; andar amuado; andar zangado. Brás. do Nord. Andar de venta inchada, andar arrufado. Dar a venta, cair, cansar, tombar; o m.q. dar de ventas. De cabelinho (ou cabelo, ou pelo) na venta, de gênio áspero ou difícil. PL. O nariz. Pop. A cara.

Ex.: “Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as **ventas**, sentiu cheiro de preás,...” (p. 13).

“Farejando a panela, franzia as **ventas** e reprovava os modos estranhos do amigo.” (p. 61).

Ex.: “Fossem perguntar a seu Tomas da bolandeira, que lia livros e sabia onde tinha as **ventas**.” (p. 33).

86. Vexado,v.t. Causar tormento a; oprimir afligir, atormentar molestar. Enraivecer, afrontar, humilhar.

Ex.: “Repeliu-o **vexado**.” (p. 20).

87. Xiquexique, Xique-xique, s.m. planta pertencente a família das leguminosas.

Ex.: “Olhou os quipás, os mandacarus e **xiquexiques**.” (p. 19).